

ALMIR CEZAR DE CARVALHO BAPTISTA FILHO

DINÂMICA, DETERMINAÇÕES E SISTEMA MUNDIAL NO DESENVOLVIMENTO
DO CAPITALISMO NOS TERMOS DE THEOTONIO DOS SANTOS

da Teoria da Dependência à Teoria dos Sistemas-mundo

Uberlândia

Agosto de 2009

Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Instituto de Economia (IE)

Programa de Pós-Graduação em Economia (PPGE)

DINÂMICA, DETERMINAÇÕES E SISTEMA MUNDIAL NO DESENVOLVIMENTO
DO CAPITALISMO NOS TERMOS DE THEOTONIO DOS SANTOS

Da Teoria da Dependência à Teoria dos Sistemas-mundo

Almir Cezar de Carvalho Baptista Filho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Economia da Universidade Federal de Uberlândia, como
requisito para obtenção do título de Mestre

Orientador: Prof. Dr. Niemeyer Almeida Filho

Uberlândia

Agosto de 2009

DINÂMICA, DETERMINAÇÕES E SISTEMA MUNDIAL NO DESENVOLVIMENTO
DO CAPITALISMO NOS TERMOS DE THEOTONIO DOS SANTOS: DA TEORIA DA
DEPENDÊNCIA À TEORIA DOS SISTEMAS-MUNDO

Almir Cezar de Carvalho Baptista Filho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção do título de Mestre

Orientador: Prof. Dr. Niemeyer Almeida Filho

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Niemeyer Almeida Filho (Orientador) – IE/UFU

Prof. Dr. Carlos Alves Nascimento – IE/UFU

Prof. Dr. Carlos Eduardo Martins – IFCS/UFRJ

DEDICADO

A MEUS GUIAS,

À MINHA FAMÍLIA

E ÀQUELES QUE PASSARAM PELA
DURAS PROVAS E TENTAÇÕES AO
ADERIREM A UMA PERSPECTIVA
TEÓRICA E DE VIDA CRÍTICA AS
INJUSTIÇAS DO MUNDO

O Muro de Berlim caiu!

Mas as pedras não caíram em minha cabeça

Que as pedras sejam usadas para calçar a estrada ao verdadeiro socialismo

AGRADECIMENTOS

Ao professor Niemeyer Almeida Filho pelo incentivo a estudar um tipo de perspectiva e tema não muito popular em nossa profissão, e, principalmente, por se mostrar um de meus melhores amigos nos diferentes momentos em que eu mais necessitei. Do qual eximo de toda debilidade e deficiência da presente dissertação.

Aos professores Rubens Garlipp e especialmente Carlos Garlipp pelo incentivo pelas sugestões e críticas que formularam ainda quando iniciava este trabalho.

Aos professores do Mestrado, especialmente, Humberto, Henrique, Clésio e César Ortega.

À Vaine por ser uma “mãezona” aos desterrados alunos do Mestrado.

Aos meus colegas de Mestrado, principalmente Leonardo, Áureo, Elias e Guilherme que tanto me ajudaram através das discussões que tivemos e pelos bons e divertidos momentos que passamos. A Loyd, Fernanda, Daniel, Ana Márcia e Humberto pelo coleguismo.

Aos meus amigos de Niterói, Dirley, Carlos Serrano e Eduardo e o professor Carlos Eduardo que me incentivaram e tanto contribuíram nas discussões.

A minha eterna tutora professora Hildete da UFF.

A todos que tive o prazer de conhecer na UFU, especialmente Marisa, Agnes e Alex e em Uberlândia, especialmente meus camaradas Gilberto, Betânia, Heliane, Liliane, Gilbert, Fernando, André PV, Rodrigo e Roberto.

Agradecer especialmente a Theotonio dos Santos que gentilmente cedeu seu tempo e abriu as portas de sua casa para debater e explicar seu pensamento, obras e vida. E que não interferiu nos rumos da pesquisa e da confecção da dissertação.

A meus pai e mãe pelo carinho e frequente mecenato e minha irmã pela amizade.

A toda uma longa lista de nomes, que foram ficando para trás, graças à aventura que é a vida.

SUMÁRIO

RESUMO.....	8
ABSTRACT	9
INTRODUÇÃO	11
2- Um pouco de biografia de Theotonio dos Santos.....	16
THEOTONIO DOS SANTOS E A TEORIA MARXISTA DA DEPENDÊNCIA.....	21
1- A Teoria Marxista da Dependência	21
2- Crepúsculo da Teoria da Dependência	36
THEOTONIO DOS SANTOS E A TEORIA DOS SISTEMAS-MUNDO	42
1- Da Teoria da Dependência à Teoria do Sistemas-Mundo	42
2- Immanuel Wallerstein e a Teoria dos Sistemas-Mundo	45
2.3- A Teoria dos Sistemas-Mundo segundo Theotonio dos Santos	48
2.4- O mundo contemporâneo: hegemonia, revolução científico-técnica, capitalismo de Estado e ciclos de Kondratiev.....	56
2.4- Socialismo, América Latina e civilização planetária	71
SÍNTESE PRELIMINAR E DIALÉTICA DO DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA.....	74
3.1- A dialética do desenvolvimento capitalista segundo Dos Santos	74
3.3 - O Sistema Mundial e Ondas longas, Regulação e direção na dinâmica e no desenvolvimento.....	82
CONCLUSÃO	88
5.1- Theotonio dos Santos na síntese por uma teoria marxista do desenvolvimento.....	89
BIBLIOGRAFIA	92

Resumo

A dissertação discute a dinâmica de longo prazo, as determinações e a hierarquização do capitalismo mundial na obra de Theotonio dos Santos. O interesse por esta obra justifica-se duplamente pela importância da mesma no contexto do pensamento social latino-americano, e por seu percurso teórico, transitando entre duas das vertentes da teoria do desenvolvimento: a Teoria Marxista da Dependência (da qual foi co-fundador; e a Teoria dos Sistemas-mundo (TSM), que se tornou um dos maiores expoentes. Uma transição sem ruptura, mas pautada na mudança de enfoque do “desenvolvimento subdesenvolvido” da América Latina para a acumulação mundial sistêmica do capitalismo. A perspectiva do autor sempre buscou uma unidade em movimento contínuo entre os sujeitos sociais, os elementos estruturais (tanto particulares como gerais) do capitalismo e suas tendências periódicas e de longo prazo, e estabelecer uma relação entre os fatores econômicos e extra-econômicos, especialmente os políticos, na etapa do sistema capitalista surgida no pós II Guerra, principalmente nos países periféricos, em especial a América Latina. A intenção da dissertação é contribuir para a clarificação do enfoque teórico-metodológico implícito no pensamento de Theotonio dos Santos, aqui caracterizado no binômio conceitual “direção do desenvolvimento” e “regulação da dinâmica”, perspectiva metodológica desenvolvida ao longo da produção do autor, bem manifestada na transição da TMD à TSM e resulta na sua tentativa de apreender o funcionamento, a composição, a evolução e as tendências do capitalismo como sistema mundial, e seria uma valiosa contribuição a uma síntese da teoria marxista do desenvolvimento.

Palavras-chaves: desenvolvimento econômico. marxismo;

ABSTRACT

The dissertation discusses the dynamics of long-term, determination and ranking of world capitalism in the work of Theotonio dos Santos. The interest in this work is justified by the importance of the two topics in the Latin American social thought, and his theoretical journey, traveling between two strands of the theory of development: the Marxist Theory of Dependency (MTD), which was co-founder, and Theory of World-Systems (TWS), which became one of the greatest exponee of the theory without a break, but based on the change of focus of the “development underdeveloped” in Latin America for the global system of capitalist accumulation. The work of the author always sought unity in a continuous movement between social subjects, the structural elements (both private and general) of capitalism and their periodic trends, long term and establishes a relationship between economic factors and non-economic, especially the politicians, the stage of capitalism emerged in the post World War II, especially in peripheral countries, especially Latin America. The intention of the dissertation is to contribute to the identification of theoretical and methodological approach implicit in the thinking of Theotonio dos Santos, featured here in the binomial conceptual “direction of development” and “regulation of the dynamics”, methodological approach developed during production of the author and manifested in the transition of MTD to the TWS results in its attempt to grasp the operation, composition, evolution and trends of global capitalism as a system, and would be a valuable contribution to a synthesis of Marxist theory of development.

Keywords : economic development; Marxism

LISTA DE SIGLAS

ALAS - Associação Latino-Americana de Sociologia

BRIC's - Brasil, Rússia, Índia e China

[CEPAL - Comissão Econômica para América Latina e Caribe da ONU](#)

CESO - Centro de Estudos Sócio-Econômicos da Faculdade de Economia da [Universidade do Chile](#),

CLACSO - Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais

[CNPq](#) - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DIT - [Divisão Internacional do Trabalho](#)

FACE-UFMG - Faculdade de Ciências Econômicas da [Universidade Federal de Minas Gerais](#)

FLACSO - Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales

[FESP-RJ- Fundação Estadual de Serviço Público do Rio de Janeiro](#)

[GREMIMT-UFF - Grupo de Estudos Sobre Economia Mundial Integração Regional e Mercado de Trabalho da Universidade Federal Fluminense](#)

[ISEB](#) - Instituto Superior de Estudos Brasileiros

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

PDT - [Partido Democrático Trabalhista](#)

[PCB](#) - Partido Comunista Brasileiro

POLOP (Política Operária)

REGGEN - Rede da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e da UNU (Universidade das Nações Unidas) sobre Economia Global e Desenvolvimento Sustentável

SEPLA - Seminário Permanente sobre América Latina

SELA - Sistema Econômico Latino-americano

TD - Teoria da Dependência

TSM - Teoria dos Sistemas-mundo

TMD - Teoria Marxista da Dependência

TMDC - Teoria Marxista do Desenvolvimento Capitalista

[UnB](#) - Universidade de Brasília

UNCTAD - Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento

[UNAM](#) - Universidad Nacional Autónoma del Mexico

UNU - Universidade das Nações Unidas

[USP](#) - Universidade de São Paulo

Introdução

A “economia do desenvolvimento”, ou as “teorias do desenvolvimento”, têm uma longa história, que remonta aos anos seguintes à Segunda Guerra Mundial. Na sua origem, a problemática do desenvolvimento delineava-se pelo ideário do desenvolvimento capitalista e por um mundo marcadamente desigual, que seus precursores pensaram ser superável pela ação política. Assim, o esforço teórico original foi de buscar explicações para o “atraso” de um grande conjunto de países e a um só tempo as possíveis ações de superação desta condição. Essa problemática, embora desenhada nos parâmetros do capitalismo, era estranha ao campo dominante da economia, pois colocava em questão, de alguma forma, a capacidade regulativa dos mercados.

Contudo, nos últimos vinte anos, esse mesmo campo dominante da economia, que se manteve distante e crítico da disciplina do desenvolvimento, abraçou-a entusiasticamente através das teorias do crescimento endógeno¹ e da nova economia institucional.² Essas teorias formaram um novo corpo doutrinário que vem se constituindo, desde então, como a visão de fundo dos documentos do Banco Mundial e das políticas de desenvolvimento sugeridas para as economias em desenvolvimento.

Na contramão dessa corrente de pensamento, a presente dissertação situa-se no campo da tradição marxista e do seu legado aos dilemas centrais da “economia do desenvolvimento”. Embora a “economia do desenvolvimento” seja uma disciplina recente no longo curso da Economia Política, a “teorização do desenvolvimento” remonta ao Século XVIII, é importante destacar a contribuição de Adam Smith e Engels, a partir da qual o “desenvolvimento” ganha a dimensão central da análise, e será aprofundado/aperfeiçoamento pelas contribuições das sucessivas gerações marxistas,

¹ A Teoria do Crescimento Endógeno surgiu nos anos 80, fundamentalmente a partir dos trabalhos dos Paul Romer (1986) e Robert Lucas (1988). Para um manual internacionalmente conhecido veja Romer (1996).

² A referência básica é o trabalho de Douglas North (1990). Para uma resenha dos principais trabalhos veja Octávio Conceição (2002)

influenciando até mesmo os “economistas desenvolvimentistas”, mesmo aqueles que não tenham expressado abertamente.

Por outro, a superação da distinção entre *teoria econômica* e *economia do desenvolvimento* é essencial em face dessa ofensiva neoclássica. Na medida em que esta se apropria das idéias desenvolvidas por autores, descontextualizando-as e submetendo-as aos seus paradigmas, reivindica um status de teoria geral, uma síntese mais precisa daquelas “boas idéias não formalizadas”. Neste sentido, a revisitação à origem das teorias oriundas da “economia do desenvolvimento”, não apenas as teorias dos economistas clássicos, keynesianos e institucionalistas, mas também no marxismo é extraordinariamente oportuna.

Neste trabalho, entende-se que há a necessidade do desenvolvimento metodológico de um novo paradigma das ciências sociais que enfatize abordagens inter e transdisciplinares e capture os processos sistêmicos complexos no contexto da economia política mundial e os novos esforços macro e microeconômicos, tal qual a questão do desenvolvimento econômico, e vários aspectos da dinâmica econômica, especialmente quanto ao longo prazo e a sua dimensão mundial.

O tema do desenvolvimento econômico e diversos aspectos da dinâmica econômica, especialmente quanto ao longo prazo e a sua dimensão mundial, não foram tratados plenamente por Marx e Engels - embora constasse no escopo do plano de redação d’*O Capital*. A lacuna abriu espaço a um longo, agudo e duro debate sobre a concepção marxista do fenômeno do desenvolvimento do capitalismo, obrigando aos investigadores sociais sob inspiração do marxismo a desenvolver suas próprias versões sobre o tema.

A despeito de sua heterogeneidade e das suas evidentes lacunas, a presente dissertação buscará apreender uma visão abrangente dos desafios da economia do desenvolvimento econômico construída pelos marxistas, pretendo explorando alguns eixos centrais apresentados pelo autor para a construção de uma ponte entre a economia do desenvolvimento, a economia política, a ciência política, a geo-história e a teoria das relações internacionais. Essa ponte entende-se, deva ser uma tarefa permanente para os que se dedicam à disciplina numa perspectiva marxista.

O ponto de convergência apresentada entre as múltiplas interpretações marxistas, e que permitiria uma síntese da perspectiva marxista na do desenvolvimento, reside no próprio debate dos marxistas e no seu confronto com as correntes burguesas sobre a gênese, o funcionamento e evolução do sistema capitalista. Esse muitas vezes se deu a partir das questões da dinâmica de longo prazo do sistema: (i) das transformações sociais engendradas pela atuação da acumulação de capital; (ii) das crises como produto dos limites estruturais do sistema e do desenvolvimento capitalista nacional e (iii) a universalização da economia capitalista e diferenciação entre as várias formações sociais desse sistema.

Contudo, nem sempre o marxismo se diferenciou dos mesmos erros dos economistas neoclássicos e cientistas sociais do *mainstream*. A percepção que os países em desenvolvimento seguem com atraso as trajetórias dos países avançados, parcialmente partilhada por Marx e Engels, permitiu a conclusão aparentemente lógica e racional que a teoria deva assumir em sua análise do funcionamento da economia as estruturas sociais prevalentes nos países “desenvolvidos”. Porém, não era isso que Marx e Engels exatamente pensavam e os marxistas clássicos, como Lênin, Rosa Luxemburgo, Bukharin, Trótski e Preobrazhenski em parte tentaram esclarecer, muito embora o “marxismo oficial” tenha dito o contrário.

Esta visão é produto de uma interpretação positivista idealista do Marxismo, balizada por uma interpretação determinista, linear, teleológica, reducionista e não-dialética da história, que sempre se prestou ao reformismo e/ou burocratismo desse “marxismo oficial”. Por conta disso, o marxismo ficou mentalmente acossado ou refreado pelo equívoco da transposição mecânica e rebatimento automático de fenômenos e categorias, ou a negligenciar as especificidades espaciais e de trajetórias e da importância da análise dos países “atrasados” na compreensão total do capitalismo.

A necessidade de reverter tal situação obriga uma releitura e um resgate do pensamento marxista sobre desenvolvimento e de suas contribuições à *economia do desenvolvimento* realizadas por seus autores mais representativos.

A presente dissertação pretende fazê-lo estudando as idéias de Theotonio dos Santos. Sua obra, rica, porém incompleta, mas ainda em produção, permite recolher as principais questões e tratamentos da teoria marxista do desenvolvimento e elencar aos futuros

investigadores marxistas (ou sob referencial marxiano) rumos já trilhados e novos rumos a seguir. Sua vasta obra e os motivos de sua transição entre uma escola a outra, traçam um tratamento particular, porém marxiano, à análise da realidade nacional, regional e mundial do capitalismo, do tempo presente, passado e futuro, como síntese inicial à teoria marxista do desenvolvimento.

O interesse pela obra Theotonio dos Santos justifica-se duplamente pela importância da mesma no contexto do pensamento latino-americano, e por seu percurso teórico, transitando entre duas das vertentes da teoria marxista do desenvolvimento capitalista: a Teoria Marxista da Dependência (TMD), da qual Dos Santos foi co-fundador; e a moderna Teoria dos Sistemas-mundo (TSM), em que ele aparece ao lado de nomes como Immanuel Wallerstein, seu fundador, e Giovanni Arrighi, Samir Amim e Andre Gunder Frank.

A intenção da dissertação é contribuir para a identificação do enfoque teórico-metodológico implícito no pensamento de Theotonio dos Santos, que pode ser caracterizado pelo binômio conceitual de “direção do desenvolvimento” e de “regulação da dinâmica”, formulado para apreender o funcionamento, a evolução e as tendências do capitalismo como sistema mundial.

Essa perspectiva metodológica desenvolveu-se ao longo da transição da Teoria da Dependência à Teoria do Sistema Mundo, portanto na mudança do enfoque do “desenvolvimento subdesenvolvido” da América Latina para a “acumulação mundial sistêmica do capitalismo”. A perspectiva do autor foi sempre uma unidade em movimento contínuo entre os sujeitos sociais, os elementos estruturais (tanto regionais como gerais) do capitalismo e suas tendências periódicas. Além disto, Theotonio dos Santos pretende estabelecer uma relação entre os fatores econômicos e extra-econômicos, especialmente os políticos³, na etapa do sistema capitalista surgida no pós Segunda Guerra, especialmente nos países periféricos da América Latina.

Registre-se que o enfoque teórico-metodológico está dissolvido em toda a obra, consistindo de contribuições às ferramentas científicas da Economia Política e à análise do sistema capitalista contemporâneo. Assim, a proposição final da dissertação é esboçar por

³ Os fatores políticos dizem respeito em parte a aspectos relativos ao Estado e em parte a aspectos relativos à estrutura social que não estão capturados pelas relações sociais de produção. Neste último caso estão os movimentos sociais que são organizados a partir de demandas específicas como é o caso do movimento dos sem terra, ou então movimentos em defesa da preservação do meio ambiente.

meio do binômio “direção do desenvolvimento” e “regulação da dinâmica” um método dessas contribuições, cujo desenho seja orientado pelo que o autor chama de “Economia Política do Capitalismo Mundial”. Apresentando-a como um suplemento à Teoria dos Sistemas-Mundo, inaugurada há trinta e cinco anos pela obra seminal, o livro “O sistema mundial moderno” de Immanuel Wallerstein⁴, que consistiria assim em uma síntese inicial a teoria marxista do desenvolvimento.

A contribuição inicial à teoria marxista do desenvolvimento capitalista feita por Theotonio dos Santos se deu ainda nos anos 1960, ao lado de intelectuais como [Ruy Mauro Marini](#), [André Gunder Frank](#), [Vania Bambirra](#), ao formular a [Teoria Marxista da Dependência](#). Ao fim da [década de 1970](#) e ao longo da [década de 1980](#), ele faz um trânsito, sem rupturas, à [Teoria dos Sistemas-Mundo](#). O trânsito se fez pela incorporação de novos aspectos e dimensões e elementos que levaram a uma formalização teórica que vai além dos limites da Teoria da Dependência, numa análise global da acumulação. O foco da nova fase é o desenvolvimento de *longo termo* do sistema mundial capitalista.

Para apresentar a contribuição de teoria marxista do desenvolvimento de Theotonio dos Santos dissertação está estruturada em três capítulos, além deste de introdução, que apresenta a relevância da obra de Theotonio dos Santos para a teoria marxista do desenvolvimento. No primeiro capítulo são apresentadas as idéias que compuseram a formulação da teoria marxista da dependência. No segundo, apresenta-se a transição para a teoria dos sistemas-mundo, sobretudo as razões teóricas da mudança, e a teoria dos sistemas-mundo segundo seus maiores pensadores, e a versão marxista desenvolvida por Dos Santos. No terceiro são apresentados os elementos teóricos do desenvolvimento de longo termo do sistema capitalista mundial que em parte explicam a transição do autor entre uma escola e outra e que serviriam a constituição de uma síntese a uma teoria marxista do desenvolvimento, expressa na conclusão.

⁴ 1974: *The Modern World-System, vol. I: Capitalist Agriculture and the Origins of the European World-Economy in the Sixteenth Century*. New York/London: Academic Press.

2- Um pouco de biografia de Theotonio dos Santos

Theotonio dos Santos Júnior é o cientista social brasileiro mais conhecido do mundo no plano internacional⁵. Ele é um dos formuladores da Teoria da Dependência, do ser considerado hoje um dos principais expoentes da Teoria do Sistema Mundo. Sua formação intelectual conjuga uma forte permanente militância política com uma atuação acadêmica sólida.

Dos Santos graduou-se em Sociologia e Política pela Universidade Federal de Minas Gerais, é Mestre em Ciência Política pela Universidade de Brasília e Doutor em Economia por “Notório Saber” pela Universidade Federal de Minas Gerais e pela Universidade Federal Fluminense; Professor emérito da Universidade Fluminense, onde foi professor do Departamento de Economia. Desde 1997 é diretor presidente da Cátedra e Rede da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e da UNU (Universidade das Nações Unidas) sobre Economia Global e Desenvolvimento Sustentável (REGGEN).

O reconhecimento de Theotonio dos Santos deve-se em grande parte à sua interpretação marxista do fenômeno da dependência, sobretudo da forma assumida por ela no Pós Segunda Guerra Mundial, onde consolida-se internacionalmente o domínio das multinacionais sobre a dinâmica da divisão internacional do trabalho. Esta tarefa foi compartilhada por intelectuais como [Ruy Mauro Marini](#), [André Gunder Frank](#), [Vania Bambirra](#), caracterizando-se como uma leitura marxista, crítica, não-dogmática, dos processos de reprodução do [subdesenvolvimento](#) na [periferia](#) do capitalismo.

Theotonio dos Santos adota um enfoque interdisciplinar no âmbito da abordagem marxista, articulando elementos da Economia, Sociologia e Política. Dentre seus aportes teóricos mais destacados à Economia e às Ciências Sociais está a contribuição à formulação geral do conceito de “dependência econômica” sob perspectiva marxista, a periodização das diversas fases da dependência na história da acumulação capitalista

⁵

Vide número de citações no Google e número de livros traduzidos.

mundial, a caracterização das estruturas internas dependentes e a definição dos mecanismos reprodutivos da dependência. Ele vem trabalhando na teoria dos ciclos econômicos, na dinâmica de longo prazo do capitalismo na teoria dos Sistemas-Mundo. Outra sua contribuição teórica foi a formulação do conceito de “civilização planetária”⁶.

Quanto à sua trajetória política, ela começa com sua atividade de estudante. Entre 1958 e 1961 graduou-se em [Sociologia](#), [Política](#) e [Administração Pública](#) pela Faculdade de Ciências Econômicas da [Universidade Federal de Minas Gerais](#) (FACE-UFMG). Participou do movimento estudantil secundarista e universitário, ve ingressando no [Diretório Central dos Estudantes](#) da [UFMG](#). Sua participação nos movimentos sociais se estende até 1966, em clandestinidade a partir do [Golpe de 1964](#). Participou da POLOP (Política Operária) desde sua fundação em 1961, organização que faz críticas ao [stalinismo](#), corrente marxista hegemônica da esquerda brasileira.

Entre 1960 e 1964 estudou sistematicamente o [marxismo](#), incluindo a participação em um grupo de estudos sobre o livro *O Capital*. Ao começar o [mestrado](#) em [Ciências Políticas](#) em [Brasília](#), Theotonio inicia uma linha de investigação sobre a estrutura das classes dominantes no Brasil, mediante a qual se propõe a revelar os termos da complexidade da formação social brasileira e que culmina em sua tese intitulada *As Classes Sociais no Brasil: Primera Parte – Os Proprietários*, concluída em 1964. Ainda como mestrando, e em seguida como professor da Universidade de Brasília, inicia um seminário de leitura de [O Capital](#) de Karl Marx com [Ruy Mauro Marini](#), [Luís Fernando Victor](#), [Teodoro Lamounier](#), [Albertino Rodriguez](#), [Perseu Abramo](#) e [Vania Bambirra](#), que posteriormente se reorganizaria no [Chile](#), a partir de 1966, e reuniu ali representantes das mais importantes tendências interpretativas da obra fundamental marxiana.

Do ponto de vista da sua evolução intelectual, a [UnB](#) representou o amadurecimento de uma primeira fase. Ali ele consegue superar a posição eminentemente crítica dos marcos do pensamento nacional-desenvolvimentista. Desta forma, assenta-se as bases de um paradigma próprio de pensamento social brasileiro e latino-americano, que culmina com o estabelecimento de uma teoria marxista da dependência, que proporcionará novos parâmetros para teorizar a realidade brasileira, latino-americana e mundial.

Com o golpe de 1964, Theotonio é demitido, ingressando na primeira leva de cassados pela Ditadura Militar. Fica na clandestinidade e acaba se exilando em [1966](#) no Chile, onde vários intelectuais brasileiros buscaram refúgio. No Chile vinculou ao CESO (Centro de Estudos Sócio-Econômicos da Faculdade de Economia da [Universidade do Chile](#)), tornando-se em seguida diretor deste centro, que reunia vários sociais chilenos, brasileiros e de outros países latino-americanos para estudar o [imperialismo](#) e seu impacto nas sociedades dependentes.

No Chile, Theotonio publica em 1969 a primeira versão de *Socialismo o fascismo: El nuevo carácter de la dependencia y el dilema latinoamericano*⁷, que aporta a versão marxista da "teoria da dependência" ao debate nas ciências sociais. Na edição de 1972 este livro tem um título que é resultado da fusão do livro *El Nuevo Carácter de la Dependencia* de 1967 com livro *Socialismo o Fascismo: el dilema latinoamericano* de 1969 - que por sua vez era o desdobramento do manuscrito escrito ainda no Brasil, mas publicado em mimeógrafo pelo CESO em 1966 sob o título "Crisis Económica y Crisis Política en Brasil".

Com o golpe militar de [1973](#), que derruba o governo [Salvador Allende](#), Theotonio se exila pela segunda vez. Após ficar seis meses na embaixada do Panamá, acaba indo para o [México](#) em [1974](#), onde toma-se professor titular da Divisão de Pós-graduação de Economia da Faculdade de Economia e Filosofia da Universidad Nacional Autónoma del Mexico ([UNAM](#)). Em [1975](#) é nomeado coordenador do Doutorado em Economia e em [1978](#) chefe da Divisão de Pós-graduação da UNAM. Ainda no México, torna-se diretor do departamento do Seminário Permanente sobre América Lat (LA).

No novo exílio mexicano iniciado, edita *Imperialismo y Dependencia*⁸, livro que consolida toda a sua produção dessa fase. O livro é resultado da fusão, com adendos e nova escrita, de três livros publicados anteriormente, *La crisis norteamericana y América Latina*, *Dependencia y cambio social* e *Imperialismo y corporaciones multinacionales*. Aí aparecem os resultados de novos estudos sobre a conjuntura internacional e novos capítulos de discussão teórica, que tentam responder as críticas à "teoria da dependência".

⁷

. *Socialismo o fascismo: El nuevo carácter de la dependencia y el dilema latinoamericano*

⁸

Nessa fase da vida acadêmica, a partir das bases estabelecidas pela [teoria da dependência](#), dedica-se à elaboração de uma "teoria do sistema mundial", que vislumbra como uma fase superior da teoria da dependência, para qual retoma um trabalho já iniciado no CESO, e que havia sido, em grande parte, destruído pela repressão chilena. Theotonio dos Santos passou a tratar a ideia de desenvolvimento do sistema mundial capitalista combinando com os [ciclos](#) de longo prazo de [Nikolai Kondratiev](#) (as *ondas longas* ou *ciclos de Kondratiev*), aproximando-se assim da perspectiva também trabalhada por [André Gunder Frank](#), [Giovanni Arrighi](#), [Samir Amin](#) e [Wallerstein](#).

Com a Lei da [Anistia](#), volta ao Brasil em [1980](#); participa da organização e fundação do [Partido Democrático Trabalhista](#) (PDT), que se define programaticamente pelo [socialismo](#). Durante os anos 1980, Theotonio reforça seus vínculos com a [ONU](#), convertendo-se em consultor da [Universidade das Nações Unidas](#) (UNU) e da [UNESCO](#). Além disto, torna-se presidente da Associação Latino-Americana de Sociologia (ALAS), em membro do conselho executivo da Associação Latino-americana de Política Científica e Tecnológica, consultor do Sistema Econômico Latino-americano (SELA) e diretor de estudos da *Maison des Science de l'Homme* da [Universidade de Paris I](#).

As suas atividades políticas no Brasil são inúmeras. Depois de uma breve passagem pela [PUC-MG](#), onde malogra seu projeto de criação de um centro de investigações sobre desenvolvimento apoiado pela FLACSO (Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales), integra-se à FACE da [UFMG](#), com o apoio da [CNPq](#). Em [1983](#), assume a direção da Fundação Estadual de Serviço Público do Rio de Janeiro ([FESP-RJ](#)), onde estrutura um sistema de pré e pós-graduação mediante o qual estabelece uma ampla rede de contatos com cientistas de todo o mundo. Em [1985](#), torna-se Doutor em Economia por [Notório Saber](#), na Universidade Federal de Minas Gerais, e, em [1986](#), Professor Titular. Em [1988](#) pode reintegrar-se à Universidade de Brasília, devido à [Lei da Anistia](#). Em [1994](#) torna-se professor titular da [Universidade Federal Fluminense](#), permanecendo até hoje.

Após regressar ao Brasil, nos primeiros anos da transição democrática, aborda o lugar dos elementos científico-técnicos nas transformações mundiais com as obras *Forças produtivas e relações de produção: um ensaio introdutório*⁹, *Revolução científico-técnica*

*e capitalismo contemporâneo*¹⁰ e *Revolução científico-técnica e acumulação de capital*¹¹. Aborda especificamente a realidade de seu país em *Evolução histórica do Brasil: da colônia à crise da Nova República*¹².

Na década de 1990, assume o Conselho Diretivo do Programa de Pós-graduação em Ciência Ambiental e a Coordenação do Mestrado em Economia da [UFF](#); Coordenador do GREMINT-UFF (Grupo de Estudos Sobre Economia Mundial Integração Regional e Mercado de Trabalho da Universidade Federal Fluminense); Professor da UFF nos programas de pós-graduação *stricto sensu* em Relações Internacionais, em Estudos Estratégicos, em Ciência Políticas e em Economia.

Na vida pública foi candidato a governador de Minas Gerais em 1982, deputado federal constituinte também por aquele estado em 1986 duas vezes Secretário de Assuntos Internacionais do Governo do [Estado do Rio de Janeiro](#).

Foi ainda, entre as décadas de 1970, 80 e 90, professor das seguintes universidades: [Universidade Norte de Illinois](#), [Universidade do Estado de Nova York](#), [Instituto Metodista Bennett](#) do [Rio de Janeiro](#) e a [Universidade de Kyoto](#) no Japão. Possui os títulos de Doutor Honoris Causa da Universidad Nacional Mayor de San Marcos([Lima](#), [Peru](#)) e da Universidade de Buenos Aires (Buenos Aires, Argentina), Decano da Universidade das Américas e da Universidad Ricardo Palma (Lima, Peru) e Comendador da Ordem do Rio Branco (Brasil).

Desde 2008 é [professor emérito](#) da [Universidade Federal Fluminense](#), Coordenador de [Cátedra](#) da [UNU](#) e Rede da [UNESCO](#) em [Economia](#) Global e [Desenvolvimento sustentável](#) (a [REGGEN](#)) e membro de corpo editorial da periódico diário especializado em economia e finanças [Monitor Mercantil](#).

¹⁰

¹¹

¹² Dos Santos, 1994. Esse livro é a versão brasileira e ampliada do título mexicano *La evolución histórica de Brasil y la crisis del milagro económico*.

CAPÍTULO 1

Theotonio Dos Santos e a Teoria Marxista da Dependência

O presente capítulo trata da obra de Theotonio nos marcos da teoria marxista da dependência. O capítulo está organizado em três seções. A primeira delas está dedicada a uma síntese do que é a Teoria Marxista da Dependência. Finalmente, a terceira seção trata das razões para a perda de importância histórica da Teoria da Dependência.

1- A Teoria Marxista da Dependência

A Teoria da Dependência é uma formulação teórica desenvolvida por intelectuais latino-americanos, consistindo em uma leitura [crítica](#) e [marxista](#) não-[dogmática](#) dos processos de [reprodução](#) do [subdesenvolvimento](#) na [periferia](#) do [capitalismo](#) mundial, em contraposição as posições dualistas e etapistas, compartilhado, tanto pelos marxistas convencionais ligadas aos partidos comunistas, como pela visão estabelecida pela CEPAL.

Contudo, apesar da recente impopularidade na Economia na Sociologia, a Teoria das Relações Internacionais e a chamada Economia Política Internacional, entre outras disciplinas, reconhecem na teoria da dependência uma das alternativas de enfoque e um dos conceitos-chave dessas disciplinas¹³. A explicação da “teoria da dependência” e a produção intelectual dos autores influenciados por essa perspectiva analítica obtiveram ampla repercussão nas ciências sociais da [América Latina](#) no final da [década de 1960](#) e na [década de 1970](#), quando ficou evidente que, primeiramente, que um dos males nacionais seria a dependência, não bastando a independência ou mesmo as modernizações capitalistas.

Pois, embora houvesse uma formal independência nacional, persistia, prolongava-se, agravava-se a subordinação, apesar de mais de um século de independência. A própria idéia de “dependência” expressa subordinação, apesar da independência nacional:

[...] entendida como uma relação de subordinação entre nações formalmente independentes, em cujo âmbito as relações de produção das nações subordinadas são modificadas ou recriadas para assegurar a reprodução ampliada da dependência (MARINI 109).

E em segundo lugar, que apesar das modernizações efetuadas ao longo da primeira metade do século XX, chegava-se a conclusão que o [desenvolvimento econômico](#) não se dava pela mera industrialização, efetuada principalmente entre a década de 1930 e 1960, um caminho que bastaria ser trilhado para que os resultados pudessem ser alcançados, os traços que marcavam a dependência persistiam ou mesmo aprofundaram. A teoria da dependência, em verdade, era uma maneira de ver os fenômenos, um princípio ordenador do pensamento, uma metodologia e um enfoque que desafia o *mainstream*¹⁴ e o pensamento importado dos países centrais. Consistiu em um debate que dominou a imaginação sociológica de diferentes setores do pensamento social latino-americano, norte-americano, caribenho, africano, asiático e europeu, na segunda metade da década de 1960, e ao longo da seguinte, e pela primeira vez, um produto científico gerado no mundo periférico teve uma repercussão tão ampla.

Os teóricos da dependência viam [desenvolvimento](#) e [subdesenvolvimento](#) como posições funcionais dentro da economia mundial, ao invés de estágios ao longo de uma escala de evolução das nações. A Teoria da Dependência trata do relacionament das economias dos países chamados "[periféricos](#)" com as economias dos países chamados "[centrais](#)" ou "[hegemônicos](#)", e que estas relações econômicas "[dependentes](#)" por parte dos países periféricos em relação às economias centrais, criavam redes de relações políticas e ideológicas que moldavam formas determinadas de desenvolvimento político e social nos países "dependentes" ou "periféricos".

A ideia de que o desenvolvimento desses países está submetido (ou limitado) pelo desenvolvimento de outros países e não era forjada pela condição agrário-exportadora ou pela herança [pré-capitalista](#) dos países subdesenvolvidos mas pelo padrão de

¹⁴ “Não se pode subestimar tal aspecto quando vemos alguns dos formuladores de uma teoria contestadora saltarem do barco a tempo de poder comprometer-se com o *establishment* científico, econômico e político-internacional” (Dos Santos, 1998)

desenvolvimento capitalista do país e por sua inserção no capitalismo mundial dada pelo [imperialismo](#). Para a *Teoria da Dependência* a caracterização dos países em "atrasados" decorre da relação do capitalismo mundial de dependência entre países "centrais" e países "periféricos". Portanto, a superação do subdesenvolvimento passaria pela ruptura com a dependência e não pela modernização e industrialização da economia, o que pode implicar inclusive a ruptura com o próprio capitalismo.

A Teoria da Dependência surge na [década de 1960](#) para repensar principalmente o modelo cepalino, isto é, desenvolvido pela [CEPAL](#) (Comissão Econômica para América Latina e Caribe da [ONU](#)), e oferecer uma alternativa de interpretação da [dinâmica social](#) da América Latina.

A interpretação nacional-burguesa, que surge nos anos quarenta e alcança pleno desenvolvimento nos anos cinquenta, reflete as mudanças econômicas e políticas ocorridas no Brasil, principalmente a partir de 1930. É a interpretação do Partido Comunista, e será principalmente a interpretação do Grupo de Itatiaia, que publica entre 1953 e 1955 a revista *Cadernos do Nosso Tempo*, e afinal se reúne no ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) que, depois de diversos conflitos internos, é liquidado pela Revolução de 1964. Será também, embora em menor grau, a interpretação dos economistas CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina, da ONU). (BRESEER PEREIRA, 1982).

Portadora de um método analítico mais sofisticado, ela suplantou com facilidade o [estagnacionismo](#), que havia sido abraçado pelos remanescentes do [nacional-desenvolvimentismo](#), e transformou-se na crítica mais consistente ao desenvolvimento autoritário, que países como Brasil, a partir de 1964 começara a aderir. Após o [golpe de 1964](#), firmou-se no Brasil o [desenvolvimentismo autoritário](#), que foi calcado na [teoria do desenvolvimento equilibrado](#) de [Rosenstein-Rodan](#)¹⁵, W.W. Rostow¹⁶, [Lewis](#)¹⁷ e outros teóricos dessa vertente da [teoria do desenvolvimento](#). Foi ainda nessa mesma época que surgiu o pensamento dos [neomarxistas](#), com o conceito de “[desenvolvimento](#) do [subdesenvolvimento](#)”, e ainda sofrendo forte influência dos [marxistas](#) estadunidenses como [Paul A. Baran](#) e [Paul Sweezy](#), e das teses de [Trotsky](#) para os [países atrasados](#) (baseadas na lei de [desenvolvimento desigual e combinado](#)).

¹⁵ ROSENSTEIN-RODAN, 1943

¹⁶ ROSTOW, 1961

¹⁷ LEWIS, 1960.

Em suma, a crítica da teoria marxista da dependência se fazia contra, por um lado, as teses progressistas, representada pelo nacional-desenvolvimentismo cepalino (CEPAL) e do ISEB, pelo funcionalismo do pensamento social da [USP](#) e pelo etapismo reformista do PCB. E por outro lado, contra tanto ao [liberalismo](#) do imperialismo inglês das elites agro-exportadoras locais como às teorias de modernização associadas ao imperialismo estadunidense, de [desenvolvimento equilibrado](#), para assentar as bases de um paradigma próprio de pensamento social que culmina com o estabelecimento de um aporte, que proporcionará novos parâmetros para analisar a realidade brasileira e latino-americana.

A perspectiva teórica dos autores da teoria marxista da dependência era entender o impacto do [imperialismo](#) sobre os países periféricos, as chamadas "colônias" e "semi-colônias", à medida que os grandes autores da [Segunda Internacional](#) - [Lênin](#), [Trotski](#), [Rosa Luxemburgo](#), [Karl Kautsky](#), [Bukharin](#), [Hilferding](#) - haviam estudado o fenômeno sob o ponto-de-vista dos países centrais do capitalismo mundial (os países imperialistas). A Teoria da Dependência passa a tratar sob o instrumental marxista, com recorte analítico do caso particular do desenvolvimento dos países latino-americanos, países capitalistas periféricos, dependentes.

O conteúdo da categoria “dependência”, embora utilizada inaugurado pela CEPAL, e utilizada por inúmeras correntes posteriores, assumirá seu melhor desenvolvimento com o grupo encabeçado por Marini, Theotonio dos Santos, Vânia Bambirra, Orlando Caputo, etc. O conjunto teórico onde entrará esta formulação ficará inclusive conhecido como Teoria da Dependência, ou vertente radical da teoria da dependência. Esse grupo que emergirá desenvolvendo suas teorias tendo como referencial o legado marxista e o aporte da teoria do imperialismo, e que assim à medida que será contraposta por uma “versão weberiana”, representada principalmente por Enzo Faletto e Fernando Henrique Cardoso, acabará sendo chamada de “versão marxista” ou Teoria Marxista da Dependência.

Dependência é um conceito abordado por várias teorias. Uma das diferenças mais importantes quanto à sua aplicação é o predomínio ou subordinação que tem dentro do aparato teórico conceitual. Para a CEPAL, por exemplo, a condição de dependência pode ser superada pela ação da política econômica dos governos. Na CEPAL, a “condição periférica” era interpretada como determinante de problemas a serem superados por políticas econômicas e sociais bem orquestradas, em nível nacional e internacional. Ou seja, não significava fonte de exploração insuperável implicasse a necessidade de uma

ruptura com o capitalismo. Porém, para a teoria marxista da dependência, a dependência e o desenvolvimento são categorias estruturais que correspondem ao modo de produção capitalista e se superam somente com a abolição deste modo de produção.

O sociólogo Fernando Henrique Cardoso, profundo conhecedor do pensamento marxista, mas ele próprio não-marxista, introduziu-se na abordagem da dependência, porém sob a inspiração da teoria de [Max Weber](#) e dos apontamentos do grupo de estudos d'O Capital que se desenvolvia na USP, similar ao que ocorria na UFMG e na UnB, criando assim uma corrente variante de matiz weberiana, junto com Enzo Falleto. Embora calcado nas categorias da Teoria da Dependência, partiam de um método distinto, não na lei do desenvolvimento desigual e combinado ou na dialética marxiana, mas sim nos “tipos ideais” weberianos. Como deveria ser, essa corrente era contrária a revolução socialista. Acreditava que o tema da “inserção internacional autônoma” era uma possibilidade histórica compatível com os termos do “Teoria da dependência”, entendendo-se que essa referência pode ser lida como a busca de maiores graus de liberdade no exercício da política de desenvolvimento, nos marcos do capitalismo.

André Gunder Frank, Theotonio dos Santos e Rui Mauro Marini não viam possibilidade de [desenvolvimento capitalista](#) autônomo e pleno no [Brasil](#) e na [América Latina](#), mas apenas de um subdesenvolvimento ao qual esses países estariam condenados, apesar do processo da [industrialização](#), ao menos que houvesse uma [revolução socialista](#). Em [Brasília](#), nos início da [década de 1960](#), os professores e pós-graduandos da [Universidade de Brasília](#) (UnB), [Theotonio dos Santos](#), [Ruy Mauro Marini](#), [Luís Fernando Victor](#), [Teodoro Lamounier](#), [Albertino Rodriguez](#), [Perseu Abramo](#) e [Vania Bambirra](#), iniciam um seminário permanente de leitura de [O Capital](#) aplicando seu método analítico à interpretação da realidade de desenvolvimento histórico latino-americano, e reuniu ali representantes, inclusive convidados estrangeiros, das mais importantes tendências interpretativas da obra fundamental de [Karl Marx](#), entre os quais por exemplo, [André Gunder Frank](#), que inclusive ajudaram a disseminar pelos outros países do subcontinente as novas reflexões desenvolvidas por esse grupo.

Essas novas análises retomam o pensamento do [imperialismo](#) de [Lenin](#) e de [Rosa Luxemburgo](#), e de [desenvolvimento desigual e combinado](#) de Trotski, além da concepção

crítica sobre o desenvolvimento latino-americano formulada por André Gunder Frank¹⁸, que tem por sua vez origem no conceito de subdesenvolvimento de Paul A. Baran¹⁹ e Paul Sweezy²⁰, abrindo enfim caminho para a teoria marxista da dependência.

As décadas de 1960 e 70 foram de renovação do pensamento marxista. A Teoria da Dependência era a articulação dessa renovação na periferia do capitalismo mundial, em especial a América Latina. Por sua vez, sempre procuro casar nas análises a questão nacional e a questão democrática com a luta de classe e, articulando-os, resultando em um enfoque e uma perspectiva socialista, era portador de formação marxista ampla, porém rigorosa quanto ao método marxiano e crítico do marxismo oficial.

Muito desses intelectuais do grupo de Brasília²¹, especialmente Theotonio dos Santos e Ruy Mauro Marini, participaram dos movimentos sociais, particularmente o movimento estudantil secundarista e universitário da década de 1950, inclusive participando ativamente em organizações políticas e, principalmente a POLOP, em geral críticas ao [stalinismo](#) - corrente marxista hegemônica da esquerda brasileira, r principalmente pelo PCB. O stalinismo entendia que o subdesenvolvimento latino-americano era resultado da herança pré-capitalista que persistia nesses países, e para atingir-se o socialismo, haveria necessidade de uma “revolução burguesa” que efetuar a “implantação do capitalismo”, condição prévia para a revolução socialista. Em suma, para o stalinismo, o Brasil não estaria na etapa histórica italista, e sim pré-capitalista ou mesmo ‘feudal’.

Porém, para o grupo de Brasília ser marxista radical não seria reproduzir as categorias expressas nas obras clássicas do marxismo nas análises sobre capitalismo contemporâneo e sobre o capitalismo latino-americano e brasileiro, mas sim respeitar o método desenvolvido por Marx e Engels e aperfeiçoado por Rosa Luxemburgo, Kautski, Hilferding, Lênin, Trótski e Bukharin²², e sabendo incorporar as contribuições de outras vertentes sobre o desenvolvimento econômico como Veblen, Weber e Schumpeter, Kalecki e Keynes²³. Combinavam a crítica mais geral do capitalismo, transpondo-a a realidade

18

19

20

21

22

23

brasileira. Em seu marxismo residia a abordagem dialética da análise da dependência e do tratamento da problemática do subdesenvolvimento. A “dialética da dependência” se dava através do desenvolvimento desigual do capitalismo entre centro e periferia, no plano do sistema, entre nacional e o mundial, e no plano nacional, entre o setorial ou regional e o nacional, mas sempre de maneira combinada, como um todo complexo.

Esse programa de pesquisa surgiu ainda em seu tempo de estudo e início de carreira docente no Brasil. Nesse processo intelectual realizado na UnB ocorre a superação crítica da posição do pensamento social brasileiro progressista de então, tanto ao reformismo, quanto ao estagnacionismo, que dominava a intelectualidade antes do período do [milagre brasileiro](#). O exílio reforçou sua visão que o processo social brasileiro era similar a dos outros processos latino-americanos, vítimas de um problema comum, não apenas de origem, e que persistia e reproduzia-se, inclusive similarmente, portanto frutos de um mesmo processo.

Ainda no mestrado em Ciências Políticas em Brasília, Theotonio inicia uma linha de investigação sobre a estrutura das classes dominantes no Brasil, na que se propõe revelar os termos da complexidade da formação social brasileira, especialmente a disposição dos sujeitos sociais do capitalismo nacional, a partir do pensamento marxista d'O Capital, na tentativa de investigar as estruturas sociais internas de reprodução do subdesenvolvimento no Brasil. Paralelamente, André Gunder Frank havia formulado, ainda nos EUA, aportes teóricos próprios, que posteriormente convergiram com o grupo brasileiro. Frank aplicara metodologicamente a teoria da *lei do desenvolvimento desigual e combinado* para o desenvolvimento histórico latino-americano, formulando a compreensão que esses países que seu atraso não provia do seu legado ou resquícios pré-capitalista, mas por ter-se desenvolvido nos marcos de um "capitalismo colonial", ainda não totalmente superado na metade do século XX.

Com o golpe de 1964 começa um processo de expurgo dos intelectuais de esquerda dentro das universidades brasileiras, inclusive com a suspensão e ordens de prisão, cujo principal alvo do governo militar era a UnB. O resultado será que a maioria se exilará no Chile, onde vários intelectuais brasileiros buscam refúgio. No CESO, reunindo vários cientistas sociais chilenos, brasileiros e de outros países latino-americanos, estudam o imperialismo e seu impacto nas sociedades latino-americanas. Se alinhará a teoria da dependência importantes intelectuais como Fernando Henrique Cardoso. O exílio chileno

será o período de auge da popularidade da Teoria da Dependência, ao fato inclusive de influenciar as políticas econômicas dos governos latino-americanos mais progressistas do período, especialmente o governo do presidente chileno [Salvador Allende](#). Com o golpe militar de 1973, que derruba o governo Salvador Allende, o grupo se exila, pela segunda vez, indo a maioria para o México, mas muitos outros para a Europa, dispersando o grupo, e dificultando a sua unidade teórica.

Aos países subdesenvolvidos não lhes faltavam o capitalismo. Não eram sujeitos atrofiados ou retardatários como pensavam os desenvolvimentistas e os stalinistas, mas o são por causa do capitalismo, cuja trajetória vai diferenciando entre si as formações sociais. Sendo que também as distinções entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos, não se dá quantitativamente, mas sim qualitativas, e são unidades de contrários, que se completam, em um único sistema mundial, que *paripassu* desenvolvem-se distintamente, diferenciando-se. Seria, portanto formações sociais capitalistas de tipo “especial”. É claro que esse processo de diferenciação entre os países leva em consideração tanto as diferentes forças e relações exteriores, mas também as internas, de períodos históricos anteriores, que por sua vez, articulando-se com as relações modernas, formando assim um todo combinado, dando-lhes um caráter total capitalista.

Superava-se assim o tratamento ao desenvolvimento de maneira vulgar no marxismo pela influência positivista, que não via limites ao desenvolvimento, e de maneira de trajetória linear, como se desse em uma sucessão de etapas obrigatoriamente cumpridas por cada formação social. E que as concepções soviéticas muito, ora contribuíram, ora retardaram, a superação desse equívoco. A isso os socialistas com poucas exceções não se atentavam ou apenas tardiamente.

A intelectualidade de esquerda latino-americana apoiando-se nas idéias reformistas cepalinas e etapista do marxismo stalinista atribuíam o atraso do capitalismo da região aos “obstáculos externos” ao desenvolvimento nacional propostos pela estratégia imperialista e os resquícios feudais que também obstaculizava o desenvolvimento capitalista interno. Postulavam, portanto, que a “nação” deveria se opor ao “imperialismo” o que, obviamente, implicava em uma aliança de classe entre o proletariado e a burguesia considerada “nacional”.

Os autores da Dependência criticavam aqueles que concluíam que o capitalismo era inviável na periferia do sistema mundial. Criticaram quatro conceitos simultaneamente o “mito do feudalismo na agricultura brasileira”, os “obstáculos externos” ao desenvolvimento, o “etapas do desenvolvimento” e o “dualismo”. Contraditoriamente eram conceitos compartilhados tanto pela intelectualidade progressistas ou pelos economistas desenvolvimentistas, mesmo os conversadores, ligados as teorias da modernização.

O etapismo é grande marca disso, por exemplo, segundo Rostow²⁴, guru do desenvolvimentistas conversadores, seria possível identificar todas as sociedades, em suas dimensões econômicas, como estando em uma de cinco categorias: a) a sociedade tradicional; b) a fase de criação das pré-condições para a arrancada (chamada de “take-off”, decolagem ou arracada); c) a fase da arrancada; d) a marcha para a maturidade e e) a era do consumo de massa.

Segundo ele, a "arrancada" de um país necessitaria de combinação de poupança, capital e produto. As pré-condições econômicas para a arrancada seriam: a formação de uma infra-estrutura; um forte aumento da produção agrícola, que pudesse sustentar o crescimento da indústria; um nível de poupança elevado; uma capacidade de importação suficiente para garantir a obtenção de máquinas, equipamentos e matérias-primas necessárias para a industrialização, que pode ser conseguida seja através das exportações, seja da entrada de capitais estrangeiros; e o surgimento de uma vanguarda que impulse um processo de modernização.

A crítica os estudos sobre desenvolvimento baseado no modelo é que não conseguiriam explicar a estrutura e o desenvolvimento do sistema capitalista como um todo e não esclareceriam a geração simultânea de subdesenvolvimento em algumas de suas partes e de desenvolvimento econômico em outras:

E por isso é que se acredita geralmente que o desenvolvimento ocorre numa sucessão de etapas capitalistas e que os atuais países subdesenvolvidos estariam ainda em uma etapa que é algumas vezes descrita como uma etapa original da história e pela qual os países atualmente desenvolvidos teriam passado há muito tempo. Basta, porém, uma pequena familiarização com a história para saber que o subdesenvolvimento não é original nem tradicional, e que nem o passado nem o presente dos países subdesenvolvidos se parecem em qualquer aspecto importante com o passado dos países hoje desenvolvidos. Os países atualmente *desenvolvidos* nunca foram *subdesenvolvidos*, embora possam ter sido *não-desenvolvidos*. (GUNDER FRANK, 1976: 26).

Os autores marxistas da dependência afirmavam que o desenvolvimento capitalista efetivamente ocorreria, mas sob a forma do subdesenvolvimento, que por sua vez seria fruto do próprio desenvolvimento da economia mundial e da forma pela qual, historicamente, os espaços econômicos periféricos foram inseridos nesta economia. A fórmula “desenvolvimento do subdesenvolvimento” capta com precisão esta dinâmica.

A teoria marxista da dependência também se insurge ao estagnacionismo, concepção segundo a qual, a haveria obstáculos à industrialização capitalista do Brasil, propiciado pela dualidade ou barreiras impostas pelo imperialismo, e que a crise econômica e social que o país vivia na primeira metade da década 1960, e resultara no fermento a crise política que culminou com o Golpe de 1964, era resultado dessa dualidade do capitalismo no país. A crítica ao estagnacionista dava-se na percepção que a industrialização na América Latina não apenas era possível e se completaria, como seria útil ao centro do capitalismo, e resultaria em um reforço ao subdesenvolvimento das economias nacionais, o que ficou conhecido como "nova dependência". Antecipando a recuperação econômica e novo impulso ao desenvolvimento capitalista vivido no Brasil em plena ditadura militar, conhecido como “Milagre Econômico”. A industrialização por substituição de importações realizou-se dentro do marco do processo de integração capitalista mundial, sob o domínio do capital monopólico (DOS SANTOS, 1978: 24).

Assim, por um lado, concluirá que a ruptura da dependência é mais do um passo na trajetória à autonomia, era um passo em um caminho superior, a passagem ao socialismo. Por outro, pouco a pouco suas análises procuravam conscientemente evoluir para uma visão mundializada da abordagem do desenvolvimento nacional das sociedades latino-americanas e periféricas.

Algo mais claro ainda partir do livro “Dialética da Dependência” de 1973 de Marini e “Imperialismo e Dependência de 1978 de Dos Santos e mais nos anos posteriores, especialmente no decorrer das décadas de 1980 e 90. Esse tratamento influenciará e contribuirá a outros intelectuais do mesmo período, não apenas participantes da Teoria da Dependência, sendo inclusive ponto de partida ao aparecimento da moderna Teoria do Sistema Mundial, que em parte se reverte de continuadora do legado dos dependentistas.

A Teoria da Dependência tinha uma visão crítica do desenvolvimento da economia brasileira: monopolista e sócia dos monopólios transnacionais do centro imperialista, para

ser sub-centro pelo menos na América do Sul. O capitalista brasileiro nunca será latino-americanista ou mesmo nacionalista e se utilizará sempre do expediente da super-exploração do trabalho sobre a mão-de-obra. É uma burguesia cronicamente selvagem, sem vínculo ou identificação com a nação ou seu povo, com o Estado para garantir o controle/preservação das condições de transferência parte do excedente econômico. Portanto, intermediadora ou sócia minoritária do grande capital internacional. O expediente da super-exploração é utilizado para que haja um volume maior de mais-valia que permita que parte ainda seja apropriado pela burguesia nacional.

Para a Teoria da Dependência a dinâmica econômica própria e regular das sociedades da zona periférica gera uma descapitalização crônica e crescentemente maior, especialmente na zona periférica industrializada, em uma situação dependência crescente ao centro. Mas também, a dependência é do centro com a periferia, que se torna também cada vez mais refém das transferências do excedente econômico garantidos por um controle mais férreo das burguesias nacionais sobre as massas e pela ampliação da taxa de exploração da força de trabalho, e mesmo terá que repetir no plano interno esse mesmo modal de geração de mais-valia. Reforçando a crescente transnacionalização da economia mundial. Daí a importância da análise da dinâmica da periferia para a análise da dinâmica global e do centro do capitalismo.

Um dos temas mais discutidos pela Teoria da Dependência é a questão da extração do [excedente econômico](#) gerado nos países periféricos pela ação do capital estrangeiro, o que está fortemente vinculado a como as estruturas sócio-econômicas internas se articulam com o capital externo. Afirmar-se na Teoria da Dependência o papel principal que cumpre o [capital estrangeiro](#) na [extração do excedente](#), entendido aqui como valor excedente, como [mais-valia](#), produzido internamente, e na reprodução da dependência. Esse aporte permite os estudos de como se deram as relações de dependência e de extração do excedente, com a visão tradicional sobre o mesmo, expressa na teoria ortodoxa e nas teorias da modernização, contrapondo no caso brasileiro desde o [pós-Segunda Guerra](#) aos dias de hoje.

O capitalismo dependente, o conceito que os autores da Teoria da Dependência esgrimiram contra as teses cepalinas, surge centrado nos efeitos integradores da [substituição de importações](#), e não desintegradores ao mercado externo, que encontra expressão crescente na América Latina a partir do fim da década de 1960. Cada vez mais, altas taxas

de importação e exportação associadas a um mercado interno reduzido pela brutal desigualdade de renda são um cenário característico da região.

Para a Teoria da Dependência a caracterização dos países em "atrasados" decorre da relação do capitalismo mundial de dependência entre países centrais ([América do Norte](#), [Europa Ocidental](#) e [Japão](#)) e países periféricos ([América Latina](#), [África](#) e [Ásia](#)). A Dependência, como bem destacou [Theotonio dos Santos](#)²⁵, não era forjada pela condição agrário-exportadora ou pela herança pré-capitalista dos países subdesenvolvidos mas pelo padrão de [divisão internacional do trabalho](#) (DIT) do capitalismo moderno, dada pelo [imperialismo](#). A divisão se dá entre países cujo seus capitais centralizam o processo de acumulação capitalista em escala mundial e possuiu parques industriais baseados no que há mais avançado em tecnologia, e países que exportam mais-valia, são fornecedores de mão-de-obra e recursos naturais baratos e possuem parques industriais especializados em produtos de baixo valor agregado e/ou tecnologia, onde a força de trabalho é pautada pela superexploração do trabalho.

A re-alimentação da dependência e a manutenção do subdesenvolvimento, apesar da industrialização interna, foi definida como "nova dependência". Os capitais e as atividades econômicas mais dinâmicas das economias nacionais periféricas passaram a estar em mãos das empresas transnacionais e que determinam portanto a dinâmica interna da economia, e em grande parte, a ação do capital estrangeiro torna-se um entrave absoluto ao crescimento econômico.

“Assim, então, o eventual efeito positivo que os desenvolvimentistas concedem ao capital estrangeiro como tonificante do crescimento econômico perde absoluta significação ao observar as cifras. Esta situação se vê acentuada já que o efeito provocado pelo capital estrangeiro na estrutura econômica dos países aos quais se dirige, gera uma série de distorções que os anula como fator de possível crescimento econômico”. (CAPUTO e PIZARRO, 4: 96).

A dependência quer era antes marcada pelas trocas desiguais externas, ou melhor na desigualdade entre os termos de trocas externas, passa a ser exercida pela dependência de tecnologias, direitos autorais e investimentos diretos externos, o endividamento externo, a imposição de políticas monetaristas e neoliberais pelos organismos multilaterais, o envio de remessas de lucros e os fluxos de capitais especulativos.

A dependência industrial-tecnológica cria estruturas internas específicas. As filiais das corporações multinacionais passam a ter protagonismo no desenvolvimento industrial. Cristaliza-se um setor privado nacional monopólico e associado, ao tempo em que estabelece forte intervenção do Estado em apoio ao modelo de desenvolvimento. Esta intervenção se faz ampliando a ação do Estado nos setores de infra-estrutura, ampliando-se as escalas de produção e a oferta de insumos a preços subsidiados. Preservam-se as estruturas fundiárias tradicionais em articulação com a modernização produtiva, em função da necessidade de se manter um importante superávit comercial para financiar o desenvolvimento dependente.

O conceito de [superexploração do trabalho](#) foi estabelecido no final da [década de 1960](#), enfatizado sua relação com a gênese e funcionamento da [acumulação capitalista](#).²⁶ A partir da condição de dependência, a [burguesia nacional](#) dos países periféricos mesmo após a industrialização e modernizações do [século XX](#), torna-se sócia minoritária do [capital transnacional](#), tendo que repartir a [mais-valia](#) gerada internamente com eles. Para compensar essa menor participação na repartição da acumulação gerada em seu próprio país, a burguesia nacional dos países periféricos utiliza-se de mecanismos extraordinários de exploração da [força de trabalho](#), que visam ampliar a mais-valia extraída do trabalho, a superexploração do trabalho. Assim explicava-se a situação latino-americana de precariedade das condições de trabalho, baixos salários e longas jornadas. A superexploração, que foi desenvolvida em detalhe por Ruy Mauro Marini, surge como um resultado da apropriação de mais-valia que a “economia internacional” realiza sobre os países dependentes, sob a forma de desvios do valor em relação aos preços ou de remessas de lucros, juros e dividendos, e da transferência interna destas perdas aos trabalhadores para permitir que se sustente internamente a taxa de lucro. Esta dinâmica implica uma dupla exploração que mantém intensos níveis de pobreza, miséria e subdesenvolvimento.

Na perspectiva da Teoria da Dependência a dependência é um processo externo mas também interno, determinado pela luta de classe no plano nacional. A Teoria da Dependência nasce em parte a partir de uma linha de investigação sobre a estrutura das

²⁶ “Este conceito começa a se esboçar em *Subdesarrollo y revolución* (1968), adquire uma forma mais sistemática em *Dialética da dependência* (1973) e continua a se desenvolver em *Las razones del neodesarrollismo* (1978), *Plúsvalia extraordinária y acumulación de capital* (1979) e *El ciclo del capital en la economía dependiente* (1979). Posteriormente, nos anos 90, Marini o retoma à luz das transformações do capitalismo globalizado, principalmente através do artigo *Proceso y tendencias de la globalización capitalista* (1995)” (MARTINS, 2009)

classes dominantes no Brasil, na que se propõe revelar os termos da complexidade da formação social brasileira, especialmente a disposição dos sujeitos sociais do capitalismo nacional, a partir do método marxista de O Capital na tentativa de investigar as estruturas sociais internas de reprodução do subdesenvolvimento nos países latino-americanos.

O conceito do feudalismo aplicado a América Latina foi um dos pontos iniciais das batalhas conceituais que indicavam profundas implicações teóricas do debate sobre desenvolvimento. A definição que qualificava o caráter das economias coloniais como feudal servia de base para as propostas políticas que apontavam à necessidade de uma revolução burguesa, limitando a luta revolucionária do proletariado latino-americano. O que era condenado pelos autores da dependência, mas, sem subestimar o obstáculo representado pela hegemonia das relações servis ou semi-servis na formação de uma sociedade civil capaz de conduzir a uma luta revolucionária. A América Latina era resultado da expansão do capitalismo comercial europeu no século XVI, surgido para atender as demandas da Europa e se inseriu no mundo do mercado mundial capitalista. As relações servis ou semi-servis estavam presentes mas eram apropriadas pelo mercado e pelo capital, principalmente do centro europeu, conformando assim a América Latina uma sociedade capitalista e dependente.

O aporte dessa teoria à análise da realidade social permite portanto investigar que a dependência das economias periféricas, cuja a maioria seu crescimento econômico em modelos exportadores de [matérias-primas](#) - [produtos primários](#) em geral ou manufaturas semi-elaboradas -, acabou reforçando uma situação de dependência dos [capitais](#) e [tecnologias](#) produzidos pelos países desenvolvidos (centrais), e essa dependência acabaram limitando as possibilidades de decisão e ação autônomas destes países periféricos, impedindo que o centro político das forças sociais locais nesses países se sobrepusessem ao [mercado](#) e conquistassem maior autonomia política. As antigas colônias ainda eram vistas como pré-capitalistas, na época. A idéia é de que os países subdesenvolvidos ainda não teriam ingressado no capitalismo e que teriam que por todas as etapas de desenvolvimento que os demais. Os fatos, desde a década de 1940, já estavam demonstrando, no entanto, que os países do Terceiro Mundo teriam que passar por fórmulas políticas novas para atingirem a modernização. A maior parte das economias do Terceiro Mundo teve papel muito importante no desenvolvimento mundial, como o caso do Brasil. Pensar essas economias como feudais e exteriores ao capitalismo era uma

ignorância histórica colossal. Contudo, era a idéia dominante. Pensar que essas economias poderiam refazer o caminho do capitalismo também era uma idéia totalmente falsa. Então, se começa a buscar um caminho alternativo. No caso da revolução cubana, por exemplo, o objetivo era a democracia, mas o país foi obrigado a buscar novas formas econômicas, sociais, políticas que apontavam na direção do socialismo, o que era um fato novo na América Latina. Era preciso adaptar-se em primeiro lugar à resistência que o capital internacional oferecia e dar soluções abrangentes para sustentar as transformações sem contar com as lideranças empresariais. O grande salto Teoria da Dependência foi ver esse conjunto de transformações como parte da economia mundial, num enfoque global.

Há uma endêmica debilidade da burguesia nacional e uma disposição para converter-se em associada menor do capital internacional, ao mesmo tempo, que possuía uma baixa propensão a tolerar a vigência de regimes democráticos. Havia portanto um limite histórico do projeto nacional e democrático e do populismo conduzido pelos sérios limites de classe, apesar de ter se desenvolvido intelectualmente através de vertentes de pensamento como o ISEB ou a CEPAL. Para os autores da dependência, embora as forças sociais, políticas, econômicas e ideológicas no mundo contemporâneo possam ser mobilizadas para deter as tendências à superexploração, à nova dependência e ao imperialismo, a conclusão dependentista é que era contraproducente ao proletariado latino-americano fazer aliança com as suas respectivas burguesias nacionais, como defendiam as teses cepalinas e marxistas stalinistas, à medida que a burguesia, embora em algumas circunstâncias se atritu com a burguesia internacional ou com as oligarquias agroexportadoras locais, ao final sempre se alinharia com ambas, para preservação da ordem garantidora da propriedade privada. A aliança de classe vitoriosa ao atraso no interior do país dependente seria entre o proletariado urbano, às classes médias e o campesinato. Nesse caso, o dilema latino-americano seria sempre pautado por três tendências, o stalinismo fascizante, o imperialismo e o socialismo²⁷.

Para os autores da Teoria da Dependência mesmo os esforços paradoxais dos governos militares brasileiros de desenvolvimento industrial e de hegemonia continental, como bem posicionou-se Rui Mauro Marini, ao invés de rompê-los reforçavam os laços de dependência. Surge a categoria “[sub-imperialismo](#)” para designar um processo dinâmico do

capitalismo nacional, especialmente o caso brasileiro, que expande seus capitais sobre as economias vizinhas, porém sob os limites impostos pelo capital monopólico mundial.

O conceito de subimperialismo refere-se à necessidade da burguesia dos países dependentes desdobrar sua acumulação para o exterior, alcançar um determinado grau de composição orgânica do capital com a industrialização. O subimperialismo produz o movimento ao exterior sem integrar a economia nacional em um mercado de massas, em razão da superexploração, que limita o espaço interno realização da mais-valia. Esse movimento à subimperialismo dá-se pela ação da "nova dependência", principalmente a dependência tecnológica, pois a burguesia periférica não tem força própria para competir mundialmente, restando-lhe apenas o mercado de sua vizinhança, mas em compensação o capitalismo nacional dependente é forçado a vincular a realização de sua mais-valia de maneira crescente ao mercado exterior, à medida que o interno é atrofiado, sobre com a concorrência do capital estrangeiro e o consumo o Estado é limitado pelo endividamento público. Contudo, apesar de rivalizar parcialmente com o país central, o país sub-imperialista não rompe com a dependência. Serve na prática como plataforma de intermediação de capitais e de mais-valia entre o país central e os países periféricos. Sendo inclusive condição necessária ao sistema mundial imperialista, havendo uma divisão de trabalho entre o país central e os países sub-imperialista.

2- Crepúsculo da Teoria da Dependência

A Teoria da Dependência entrou em crise no decorrer da segunda metade da década de 1970. A produção intelectual ligada a ela diminuiu a partir de então. Uma das foi o impacto do golpe do Chile em 1973, cuja proposições políticas estavam fortemente influenciadas pela TD. Dessa foram, o fracasso daquele governo foi visto como um fracasso da teoria.

Uma outra razão importante foi divisão interna dos seus principais propositores. Ao fim da [década de 1970](#) Fernando Henrique Cardoso rompe com a Teoria da Dependência, inclusive expondo em artigo escrito junto com [José Serra](#)²⁸ uma severa crítica ao livro de Ruy Mauro Marini *Dialética da Dependência*²⁹. Para Cardoso e Serra era possível desenvolver melhorias no padrão de desenvolvimento nacional, na qualidade de vida e

²⁸

²⁹

promover avanços na democracia nos países periféricos, dentro dos limites da dependência. Esse artigo ficou muito famoso no Brasil época. Marini escreveu uma réplica³⁰, muito mais conhecida nos países de língua espanhola do que no Brasil, que refuta cabalmente os argumentos de Cardoso e Serra, incluindo o ponto central que seria de determinismo histórico da TD. Esta não consideraria possível qualquer desenvolvimento capitalista na periferia.

Finalmente, há a crítica de que a TD não teria captado as mudanças que ocorreram na década de 1980, a partir dos dois mandatos do presidente dos [EUA Ronald Reagan](#) (1980-1988) -, sobretudo o início e consolidação do [Neoliberalismo](#) na [América Latina](#), seguido da “globalização” nos anos 1990.

No fim da década de 1970 encerra-se o ciclo de desenvolvimento a partir das experiência de industrialização planejadas pelos governos nacionais. A economia desses países ficaram mergulhados na hiperinflação, na crise dívidas externas e nos balanços de pagamentos. Nesse contexto, o espaço do debate em torno ao desenvolvimento ficou limitado. Por outro lado, houve um “vendaval neoliberal” que afastou o interesse da intelectualidade e dos formuladores das políticas públicas por essa perspectiva, inclusive sobre as novas gerações. O debate acadêmico e político na região durante a década de 1980 e 1990 ficou impregnado e dominado pelos temas e perspectivas derivadas da [Macroeconomia](#).

Apesar do retorno do exílio, com a re-democratização nos países sulamericanos, os autores da Teoria da Dependência tiveram grande dificuldade de ocupar o espaço para o debate nas ciências sociais. No caso brasileiro, isto veio a limitar o espaço acadêmico, somado ao advento da [Escola de Campinas](#) no decorrer da década de 1970, inclusive ganhando popularidade na intelectualidade acadêmica e autoridades das políticas públicas, principalmente por sua ligação com os temas macroeconômicos.

Houve, ainda, particularmente no Brasil, apesar da Anistia, dificuldade dos intelectuais da dependência em re-inserir-se em universidades e centros de pesquisa importantes. Theotonio dos Santos somente integrará os quadros de universidades públicas nos anos 1990, passando sucessivamente pela UFMG, UnB, e por fim UFF. Houve,

também, uma campanha de críticas contra a TD, em que colaboraram antigos membros, como o próprio [Fernando Henrique Cardoso](#)³¹.

No decorrer da década de 1970, com a fuga do Chile e ascensão por quase todos os países de governos autoritários, houve uma dispersão do grupo e uma diminuição da articulação entre eles, além de uma perseguição às suas idéias, dificultando a divulgação de seu pensamento. No Brasil, acresce-se dois fatos, a expulsão precoce dos fundadores pela ditadura militar entre 1964 a 1967 e a pouca edição em língua portuguesa das obras da corrente³².

Os próprios autores ligados à Teoria da Dependência contribuíram em parte para a situação de baixa. Houve dificuldades desses intelectuais, após a redemocratização em seus países, em reinserir-se nos movimentos sociais locais mais dinâmicos e em organizações política de maior influência de massas, o que poderia ter ajudado na sua popularização. Theotonio dos Santos integrou as fileiras do PDT, partido político com respeitável influência de massa na década 1980, mas que se esvaziou na década seguinte, sendo sempre tratado pelo movimento sindical e intelectualidade de esquerda como “partido do brizolismo”, pois seu principal líder era o ex-governador do Rio Grande do Sul e duas vezes do Rio de Janeiro, Leonel Brizola. O PDT rivalizou, principalmente, com o PT na ocupação de espaço nos movimentos organizados e na disputa dos votos dos setores operários e populares, paulatinamente perdendo o espaço.

Parte das dificuldades pode ainda ser atribuída aos próprios autores da Teoria da Dependência, em virtude dos seus próprios novos rumos intelectuais e na direção da produção autoral tomada a partir do fim da [década de 1970](#) e início da [década de 1980](#). Ruy Mauro Marini faz reflexões, atualizando e aperfeiçoando suas análises sobre o [lismo](#) latino-americano em vários artigos, mas não há uma análise profunda e sistemática do neoliberalismo e da globalização. Ele organizou no México um importante centro de investigação sobre a América Latina, e havia iniciado um processo de produção nesse sentido, interrompido bruscamente com sua doença e precoce morte em 1997. Theotonio

³¹ A publicação do artigo em 1978, “As desventuras da dialética da dependência”, crítico ao livro de Marini *A dialética da dependência*.

³² Livros clássicos das décadas de 1960/70 de Theotonio dos Santos, Ruy Mauro Marini e Vania Bambirra até hoje ainda não foram editados no Brasil e em português. São o caso de *Subdesarrollo y Revolución* (1969) de Marini e *Socialismo o Fascismo* (1969) e *Imperialismo y Dependencia* (1978) de Dos Santos.

dos Santos fez um gradual trânsito, sem rupturas, à Teoria do Sistemas Mundo. O mesmo ocorreu com André Gunder Frank, o que é explicado por sua intenção não no abandono da categoria “dependência”, mas pela necessidade de uma análise mais mundial do capitalismo.

(...) embora a teoria da dependência esteja morta, na realidade está viva, porque não há como substituí-la por uma teoria ou ideologia que negue a dependência; seria necessário substituí-la por uma teoria que fosse além dos limites da teoria da dependência, incorporando esta, juntamente com a dependência em si, numa análise global da acumulação. (Gunder Frank, 1981).

Nessa nova fase acadêmica, a partir das bases estabelecidas pela Teoria da Dependência, dedicam-se à elaboração de uma da teoria dos ciclos sistêmicos de acumulação, que vislumbra como uma fase superior da teoria da dependência, retomando o trabalho já iniciado no CESO e que havia sido, em grande parte, destruído pela repressão chilena. Theotonio dos Santos e André Gunder Frank passam a tratar da ideia de desenvolvimento de longo termo do sistema mundial capitalista, combinando os ciclos de longo prazo de [Nikolai Kondratiev](#) (as ondas longas ou ciclos de Kondratiev) com os ciclos históricos de [Fernand Braudel](#), aproximando-se assim da teoria do sistema mundial.

Contudo, embora ainda seja pouco divulgada em seu próprio país, a obra de Theotonio dos Santos, como também de Ruy Mauro Marini e dos demais autores da Teoria da Dependência, serve de base e inspiração a uma vasta gama de pensadores e influencia várias correntes da ciência social ainda hoje³³. Isso pode ser visto na variedade dos autores e livro, entre brasileiros, latino-americanos de língua espanhola, mas também europeus e norte-americanos. De pessoas que trabalharam na época com esse enfoque analítico, a uma geração mais recente³⁴, como o brasileiro Carlos Eduardo Martins e o mexicano Adrián Sotelo Valencia, que entre outros, mais do que meros seguidores, pensam os problemas atuais latino-americanos e mundiais contribuindo ao pensamento crítico, a partir de ou dialogando com, os aportes desenvolvidos no decorrer das quatro décadas de produção acadêmica sob o enfoque da Teoria da Dependência.

Atualmente vive-se uma espécie de renascer do interesse ao pensamento da Teoria da Dependência, despertados provavelmente pela crise do modelo neoliberal marcadas pelas sucessivas crises da década 1990 e pela recente ascensão dos movimentos de massas. Isso

³³ Apesar de ter-se passado mais de uma década da morte de Ruy Mauro Marini (1997).
³⁴ SADER, 2009

é visível ao ponto que na atual década houve um total produção autoral sob enfoque dependentista ou derivado que ultrapassem o volume das duas anteriores³⁵. Contudo, a esquerda intelectual latino-americana, ainda está se reajustando a nova realidade, especialmente brasileira

Há várias tentativas de preencher a “lacuna” com base Teoria da Dependência nesse sentido. Como parte do re-interesse, houve na presente década inclusive dois livros de extratos das obras de Marini, uma publicada pela CLACSO³⁶ em língua espanhola e uma brasileira publicada pela Expressão Popular³⁷ e um com coletânea de artigos publicada pela Boitempo e Editora PUC-Rio³⁸. Os livros de Dos Santos estão tendo inúmeras republicações nos países hispano-americanos, especialmente na Venezuela³⁹.

Contudo, Brasil está bem atrasado nisso, com relação a outros países, ainda se está no patamar de resgatar a Teoria da Dependência e reconhecer sua importância. Isso é produto do “silêncio”, mas também do retardamento da dinâmica social nacional comparativamente aos vizinhos.

O interessante é que, sendo os autores brasileiros a parcela principal da geração fundadora, seja esse país um dos menos representados na sua evolução posterior⁴⁰. É principalmente estranho o desconhecimento da teoria do sistema mundial que representa um dos mais significativos desdobramentos da teoria da dependência. Os cientistas sociais brasileiros descobriram “com certo encantamento” a rica elaboração contida no livro de Giovanni Arrighi *O Longo século XXI*⁴¹, traduzido ao português no fim da década de 1990. Que inclusive os vem levando a leitura de obras retroativas, especialmente os três volumes de *O sistema mundial moderno*⁴² de Immanuel Wallerstein, obra considerada fundadora dessa nova perspectiva, ou mesmo, a um interesse pela recente de Theotonio dos Santos, já pautada por esse novo tipo de aporte, como a trilogia de livros, *Teoria da*

³⁵ Uma simples checagem na internet utilizando-se de sites do tipo buscador como Google, Yahoo ou Bing permite verificar isso, que o volume de obras com datas que correspondem à década de 2000 é maior que o somatório do volume das obras com data das décadas de 1990 e 1980.

³⁶

³⁷

³⁸ SADER, 2009.

³⁹ Seu livro *Concepto de clases sociales* teve uma primeira tiragem da 1ª edição mais de 50.000 exemplares distribuídos.

⁴⁰ DOS SANTOS, 1998.

⁴¹ ARRIGHI, 1996.

⁴²

*Dependencia: balanço e perspectivas*⁴³ (1997); *Economia Mundial e Integração Latino-americana*⁴⁴ (2000) e *Do Terror à Esperança: Auge e declínio do neoliberalismo*⁴⁵ (2004).

A maioria do restante da América Latina ocorre uma ascensão de novos movimentos sociais de base, não necessariamente partidário, mas organizado, e com uma subjetividade anti-sistêmica e mesmo socialista, com forte solidariedade e identidade regional. Esta é conjugada com uma tendência de busca por idéias, debates e livros, pensando alternativas, inclusive com enfoques socialistas.

Em parte é refletido nos governos de esquerda e centro-esquerda no poder no momento pelo sub-continente. E também esses governos, de maneira parcia enviesada ou equivocadamente, proclamam a tempo a contribuição da Teoria da Dependência às concepções que norteiam suas políticas e às orientações dos processos sociais que os levaram ao poder, vide dezenas de declarações do presidente venezuelano Chávez e de dirigentes políticos de outros governos em países com processos similares, como Nicaraguá, Bolívia, Equador, etc.

43

44

45

CAPÍTULO 2

Theotonio dos Santos e a Teoria dos Sistemas-Mundo

O capítulo a seguir trata das razões e da forma de transição que parte dos teóricos da dependência fizeram em direção à Teoria dos Sistemas-Mundo. Essas razões passam por questões teóricas e circunstâncias históricas políticas e de vida de cada um deles. No caso, as preocupações serão centradas na trajetória de Theotonio dos Santos, cuja obra constitui-se no objeto desta dissertação. O capítulo está organizado em cinco seções. A primeira trata da transição teórica da TD à Teoria dos Sistemas-Mundo. A segunda trata da Teoria dos Sistemas-Mundo propriamente dita. A terceira trata da versão da Teoria dos Sistemas-Mundo de Theotonio dos Santos. A quarta trata do mundo contemporâneo como expressão de um sistema-mundo específico. Finalmente, a quinta trata das transformações do mundo contemporâneo e do Socialismo, segundo Theotonio dos Santos. Esta seção retrata a agenda teórica da maturidade do autor, ainda em processo de consolidação.

1- Da Teoria da Dependência à Teoria do Sistemas-Mundo

A partir do final da [década de 1970](#) e no decorrer da [década de 1980](#) um grupo de intelectuais ligados a [Teoria da Dependência](#) fizeram uma transição à Teoria dos Sistemas-Mundo, tendo como base as limitações que a “abordagem da dependência” apresentava em um período de crise do "desenvolvimentismo" na América Latina e, sobretudo, pelas exigências de apreensão das transformações então em curso no capitalismo global.

Theotonio dos Santos fez uma transição sem rupturas à Teoria dos Sistemas-mundo, assim como André Gunder Frank. Nessa nova fase acadêmica, a partir das bases estabelecidas pela Teoria da Dependência, ambos se dedicam à elaboração de uma da teoria dos ciclos sistêmicos de acumulação que pudesse complementar aspectos não teorizados da Dependência, retomando trabalhos já iniciados no CESO no fim da década de 1960 e início da década de 1970.

Theotonio dos Santos e André Gunder Frank passam a tratar da ideia de desenvolvimento de *longo termo* do sistema mundial capitalista, combinando a perspectiva dos ciclos de longo prazo de [Nikolai Kondratiev](#) (as ondas longas ou ciclos de Kondratiev) e Schumpeter com a abordagem de *longue durée* de [Fernand Braudel](#). Convergindo assim gradualmente e por aproximação a teoria do sistema mundial, trabalhada pioneiramente por [Immanuel Wallerstein](#), com sua “teoria dos sistemas-mundo”.

O conceito do sistema mundial já existia na década de 1970, o que sucede com este conceito é o seguinte: primeiro, uma re-elaboração do conceito, e segundo, um posicionamento teórico do conceito mais importante que no passado. Porém, pela primeira vez se precisa o conceito, e o enriquece com novos elementos, e adquire um papel explicativo mais importante. Nessa elaboração há várias fontes.

Uma é o grupo de Immanuel Wallerstein. Este grupo se concentra muito na temática dos ciclos longos à maneira de Braudel, com uma preocupação com a história do capitalismo, e sobre o que eles chamam o *capitalismo histórico*, não “pensando” o capitalismo como conceitos abstratos somente, senão pensá-lo, sobretudo como processo histórico. E ainda há certa identificação entre o próprio conceito de capitalismo e de sistema mundial, à medida que o capitalismo se vai convertendo no fundamento de um sistema mundial. Segundo a visão de Braudel⁴⁶, existiam sistemas-mundo que não ocupavam todo o planeta, como por exemplo, o Mediterrâneo que era um sistema-mundo, existindo ao lado de outros sistemas-mundos, como a China, que era outro, a Índia, o Oriente Médio ou mundo islâmico. A diferença que o capitalismo foi, justamente, constituir-se como sistema mundial, pela primeira vez, a partir de uma economia mundial

Claro que por esse grupo também se discutia, e na década de setenta quase todos os intelectuais discutiam, o papel da União Soviética e do campo socialista⁴⁷: se tratava de um novo sistema ou se tratava de uma modalidade do sistema. A resposta de Immanuel Wallerstein e seu grupo tem sido sempre que se tratava de um subsistema⁴⁸. Não chegava a ser um contra-sistema, senão que cumpria certos papéis dentro desse sistema mundial, através da Guerra Fria e de acordos básicos que se estabeleceram, sobretudo na Segunda Guerra Mundial. É uma linha de pensamento com um impacto considerável na academia

⁴⁶

⁴⁷

⁴⁸

norte-americana, com uma quantidade muitos grandes de estudos, não só do *Fernand Braudel Center*, senão de outros estudiosos de Estados Unidos.

Outra linha é a que segue Samir Amin, desde África, que também desenvolve a essa temática, mas dá mais ênfases aos problemas da evolução não só de África senão do Terceiro Mundo em geral. O livro de Samir sobre *A Acumulação Mundial* é parte deste processo.

O outro grupo estava no *Centro de Estudios Sociales* no Chile, que Theotonio dos Santos dirigia, com a participação de André Gunder Frank, Ruy Mauro Marini, etc. Apesar de dar muita importância aos estudos sistemáticos da economia mundial, ficava sob a pressão dos acontecimentos do Chile e dos estudos sobre a América Latina a partir da Teoria da Dependência.

Por um lado, Ruy Mauro Marini tentou dar a visão do capitalismo dependente com categorias mais abstratas (ver *Dialética da Dependência*, de 1973). Por outro, Dos Santos trabalhava sobre o imperialismo como sistema mundial (ver *Imperialismo y Dependencia*, de 1978). Esse programa consistia em estudar a economia mundial como um todo, um modo de produção capitalista, porém com três formações sociais: a do capitalismo contemporâneo, o socialismo e os países das economias dependentes, que tenham muitas diferenças entre si, porém serviam de base desta economia mundial.

Se bem não o tratavam com tanta claridade, viam o sistema mundial como sistema único, ainda que tratavam no caso da União Soviética e do campo socialista com mais especificidade que Immanuel Wallerstein. Reconheciam mais importância e um conteúdo transformador mais significativo. Porém também viam o tipo de socialismo que se produziu como parte de um sistema mundial capitalista.

Na década de 1970, os três grupos, e outros mais autores, como por exemplo Ernest Mandel, confluíram em um conjunto de reuniões internacionais em torno da discussão do sistema mundial. Isto foi organizado pelo *Fernand Braudel Center*, pela *Maison des Sciences* da Universidade de Paris⁴⁹ e o *Stand Institute* na Alemanha e se espalhou a vários países para dar continuidade ao debate e ao estudo.

Nas três décadas seguintes principalmente, Wallerstein, Arrighi, Gunder Frank produziram um corpo sintematizado em torno ao tema do mundial a partir de um enfoque convergente sob a abordagem do “sistemas-mundo”, conformando assim a Teoria dos Sistemas-Mundo, exposta na próxima seção.

2- Immanuel Wallerstein e a Teoria dos Sistemas-Mundo

A Teoria dos Sistemas-Mundo surgiu como uma explicação da realidade baseada em fatos empiricamente verificáveis sob a lógica de análise neomarxista, com especial relevância para as proposições de Wallerstein. É uma teoria de [relações internacionais](#), de [Geeconomia](#) e de Economia Política Internacional, com amplos aspectos de dagem totalizantes da ciência social, centrando-se no estudo do sistema social e suas interrelações com o avanço do capitalismo mundial como forças determinantes entre os diferentes países.

Em razão de sua crítica do capitalismo global e o apoio militante de seus membros aos movimentos anti-sistêmicos nacionais e internacionais espalharam a fama no mundo acadêmico e tornaram os intelectuais ligados a essa abordagem em arautos do movimento anti-[globalização](#) e da crítica radical ao [neoliberalismo](#)⁵⁰.

O fundador da Escola [Immanuel Wallerstein](#)⁵¹ e seus principais membros [André Gunder Frank](#), [Samir Amin](#), [Giovanni Arrighi](#) e [Theotonio dos Santos](#) nunca trataram de argumentar que a unidade de análise real era só a economia mundial capitalista, que se originou dentro do sistema do Estado europeu do século XVI e vem a transcender no globo inteiro. Sugerem sim, que a unidade de análise não deve ser apenas o Estado-nação ou a sociedade nacional, senão o sistema-mundo em seu conjunto.

Immanuel Wallerstein especializou-se inicialmente em assuntos da África pós-colonial, aos quais dedicou quase exclusivamente a sua produção até início da década de 1970, altura em que começou a destacar-se enquanto historiador e teórico da economia capitalista mundial. Durante esse período de produção u importando elementos da

50

51

abordagem “em termos de” Teoria da Dependência, similar aos intelectuais latino-americanos.

A sua obra fundamental, *O sistema mundial moderno* de Immanuel Wallerstein, publicada originalmente em três volumes em 1974, 1980 e 1989, é considerada de certa maneira fundacional à medida que é a primeira obra a tratar sistemática e formalmente sobre esse enfoque foi o livro⁵². Esta obra parte de quatro referências teóricas fundamentais: Karl Marx, que Wallerstein segue em teses como a predominância dos fatores econômicos sobre os políticos e ideológicos na história mundial, a dicotomia entre capital e trabalho, a concepção do desenvolvimento da economia mundial segundo fases históricas como o feudalismo ou capitalismo, a acumulação de capital, a dialética, entre outros; a Escola dos *Annales*, nomeadamente o historiador Fernand Braudel, que registrara o desenvolvimento e implicações políticas das redes econômicas européias dos séculos XV-XIX; Max Weber, no que se refere a questão da preocupação com a dimensão institucional e política na dinâmica histórica do capitalismo; presumivelmente, a sua própria experiência enquanto estudioso da África pós-colonial e das várias teorias relativas às "sociedades em desenvolvimento", utilizando amplos conceitos da Teoria da Dependência⁵³.

A economia-mundo capitalista é um sistema que *inclui uma desigualdade hierárquica de distribuição baseada na concentração de certos tipos de produção (produção relativamente monopolizada, e pelo tanto de alta rentabilidade), em certas zonas limitadas*, de acordo a Wallerstein, e que ademais *passam a ser sedes de maior acumulação de capital... que permite em reforçamento das estruturas estatais, o que por sua vez buscam garantir a sobrevivência dos monopólios*. O sistema mundo capitalista funciona e evolui em função dos fatores econômicos.

Na teoria do sistema mundo capitalista *o plano de análise é a formação e a evolução do modo capitalista de produção como um sistema de relações econômico- sociais, políticas e culturais, que nasce em fins da idade média européia, evoluindo até converter-se em um sistema planetário*, de acordo a Theotonio dos Santos, destacando-se *a existência de um Centro, uma Periferia e uma Semiperiferia, ademais de distinguir entre economias*

52

53

centrais, uma economia hegemônica que articula ao conjunto do sistema (Dos Santos, 1998).

Wallerstein recusou a noção de [Terceiro Mundo](#), argumentando que existiria apenas um mundo articulado por um complexo sistema de trocas económicas – uma economia mundial ou sistema mundial – caracterizado pela dicotomia entre capital e trabalho pela acumulação de capital entre agentes em concorrência (nomeadamente os [Estados-nação](#)), num equilíbrio sempre ameaçado por fricções internas. A abordagem constitui a [teoria dos sistemas-mundo](#).

Wallerstein identifica a origem do atual sistema mundial na Europa e América do [século XVI](#). Uma ligeira superioridade de acumulação de capital no [Reino Unido](#) e [França](#), devida a circunstâncias políticas internas no final do [feudalismo](#), desencadeou um processo de expansão que culminou no sistema global de trocas económicas actualmente existente. No [século XIX](#), praticamente todos os territórios do planeta haviam sido incorporados à economia mundial capitalista.

Neste sistema, Wallerstein atribuiu uma importância fundamental às Semiperiferias, na medida em que servem de mediação entre a polarização Centro-Periferia. Ao receber parte da riqueza do Centro ao qual está associada, numa perspectiva sistêmica, previne-se que as Semiperiferias caiam na polarização em favor da Periferia, embora não lhe sejam dados incentivos e possibilidades suficientes para que adquira um poder político, económico e militar concorrente com os do Centro.

O sistema mundial capitalista é muito heterogéneo em termos culturais, políticos e económicos, abarcando grandes diferenças de desenvolvimento civilizacional, acumulação de capital e poder político. Ao contrário da perspectiva positivista da modernização e desenvolvimento capitalista, Wallerstein não atribui essas diferenças a um atraso de certas regiões face a outras, cuja dinâmica histórica do sistema tenderia a apagar, mas à própria natureza do sistema mundial. Neste é inerente uma divisão entre *Centro*, *Periferia* e *Semiperiferia*, em função da [divisão do trabalho](#) entre as regiões.

O Centro é um espaço de grande desenvolvimento tecnológico, que produz produtos tecnologicamente complexos; a Periferia é um espaço fornecedor ao Centro de matérias-primas, produtos agrícolas e força de trabalho barata. A troca económica entre Periferia e

Centro é desigual: a Periferia tem de vender barato os seus produtos enquanto compra caro os produtos do Centro, e essa situação tende a reproduzir-se de forma automática, quase determinista, embora seja também dinâmica e mude historicamente. A Semiperiferia é um espaço de desenvolvimento intermediário, que funciona como um Centro para a Periferia e como uma Periferia para o Centro. Em finais do [séc. XX](#), por exemplo, a Semiperiferia incluía regiões como o a [Europa Oriental](#), o [Brasil](#) e a [China](#). Esses espaços centrais, semiperiféricos e periféricos podem coexistir em espaços muito próximos.

Uma consequência da expansão do sistema mundial é a contínua "mercadorização" das coisas, incluindo o trabalho humano. Recursos naturais, terra, trabalho, relações sociais são gradualmente espoliados do seu valor intrínseco e transformadas em mercadorias cujo valor de troca é determinado no mercado.

Vejamos como essa abordagem e os temas da teoria dos sistemas-mundo são tratados por Theotonio dos Santos.

2.3- A Teoria dos Sistemas-Mundo segundo Theotonio dos Santos

Aos olhos de Dos Santos, a explicação de Wallerstein do sistema mundial deixa muitas coisas fora, apesar de sempre reafirmar o acordo, há muitas diferenças e divergências em várias questões. Primeiramente, Dos Santos crê que Wallerstein propõem um novo marco teórico, no que o marxismo é parte, porém sem dar-lhe a preeminência que pensa que deve ter, embora concorde que o marxismo deva ser tratado de uma maneira crítica, evidentemente. Porém, pensa que o pensamento tem que estar no centro da reconstrução do pensamento progressista, contudo, Wallerstein tem outra visão.

A questão da América Latina foi muito importante na primeira fase do debate da teoria dos sistemas-mundo. Logo se foi integrando um debate mais amplo, e com os desenvolvimentos da situação asiática, houve um deslocamento para o debate sobre Ásia, sobre a re-concentração asiática, sobre o êxito dos chamados “Tigres Asiáticos”. A experiência latino-americana começa a perder importância no debate mais geral, à medida que, nesse período, a realidade latino-americana imponha uma série de problemas nos quais autores regionais dessa perspectiva, como o caso de Dos Santos, tiveram que se

concentrar. Primeiro, a questão da democracia, que passava a ser um ponto central em América Latina. A questão da dívida externa era outro ponto chave, que com exceção da Índia não se vivia na Ásia. Em fim, a problemática latino-americana começou a girar em torno a problemas como os novos movimentos sociais, que ganhavam uma dimensão muito importante. Então, a reflexão não foi muito forte no que respeita ao papel da América Latina no sistema mundial nesta etapa.

Outra questão são as distintas interpretações sobre a União Soviética. Enquanto que existe uma tendência em Wallerstein a considerar a União Soviética como sub-imperialista, totalmente a serviço da hegemonia estadunidense, Dos Santos não concorda com isto. Sustenta que havia na URSS diferenças internas muito importantes e forças com políticas diferenciadas, para ele não é correto interpretar a história soviética nesse quadro de submissão aos Estados Unidos. Ademais, é fundamental resgatar que houve certa rebelião que, ainda que em parte terminou fracassando, mas por outro lado logrou desestruturar o aparato burocrático soviético, o que o considera por si uma conquista, assim como derrubar também essa ideologia, esse socialismo ideologicamente tão atrasado que se havia desenvolvido ali. Crê também que se conseguiram transformações significativas e importantes, que vão ter um papel importante no futuro. Não está de acordo, então, com este ponto de vista de uma URSS tão subordinada.

Pode-se mencionar também que Wallerstein trabalha com os ciclos de duzentos anos⁵⁴ e Dos Santos não está totalmente convencido destes ciclos - apesar de considerar a argumentação de Arrighi bastante boa e desde dela lhe parece bastante correta a idéia de ciclos financeiros de mais longo prazo⁵⁵. Outro ponto que ele crê que em sua reflexão a questão da tecnologia e o papel das forças produtivas na dinâmica econômica, social e política tem sido bastante subestimada. E há ainda, em que ambos têm diferenças, não porque Wallerstein está contra de que se faça uma análise macroeconômica, senão porque não esteve em suas prioridades.

Por fim, devem-se citar as diferenças metodológicas entre Dos Santos e o pensamento fundador da teoria dos sistemas-mundo. Wallerstein pega as múltiplas contribuições teóricas em ciências sociais e as mesclas colocando-as em termos braudelianos, onde Marx e o marxismo são parte dessas múltiplas contribuições. Enquanto

54

55

que Dos Santos pega as mesmas contribuições e as re-interpretas em termos marxistas, convergentes e similares aos esquemas wallersteinianos, mas não obrigatoriamente. Assim Dos Santos desenvolve a sua própria versão da Teoria do Sistema Mundo - que tem paralelos, apenas parciais, nas obras de Samir Amin e Gunder Frank – fazendo que se possa dizer que há uma “versão marxista” da Teoria, ao menos em Dos Santos, que interage com a versão original wallersteiniana, mas mantém divergências e complementações.

Contudo, não permite dizer que haja duas “teorias”, muito menos rivais, tanto pelo diálogo e intercâmbio de idéias e teses, como o uso comum das categorias, mesmo que em muitos casos o conteúdo categorial possa distinguir-se. Esse “patrimônio comum” deve-se ao referencial fundante de Wallerstein, sua obra e respectivas inspirações, que também são, ao menos, compartilhadas e comungadas por Dos Santos, apesar do tratamento às vezes dispares, ou melhor, particular dado por ele. Obviamente isso é muito assentada no fato de que uma das inspirações centrais de Wallerstein está na teoria marxista e na teoria da dependência, teoria co-fundada por Dos Santos e seu principal autor.

A divergência de tratamentos entre Dos Santos e Wallerstein também é medida quanto à relação de suas respectivas obra e a teoria do imperialismo. Enquanto que em Wallerstein a Teoria do Sistema Mundo é uma substituta direta, uma alternativa teórica, à teoria do imperialismo. Em Dos Santos é uma aperfeiçoamento, atualização e complementação. Perspectiva e tarefa iniciada ainda no tempo dos marcos da Teoria da Dependência – que em parte era vista como análise do fenômeno do imperialismo visto pelo “ângulo” dos países capitalistas periféricos, perspectiva por si pouco desenvolvida pelos autores clássico dessa teoria, acrescida das questões surgidas após as duas guerras mundiais e a grande depressão. Para Dos Santos, a Teoria do Sistema Mundo não seria apenas uma “teoria do sistema internacional dos estados”, e mais, um sistema mundial de formações sociais sob o capitalismo. Não que o mesmo não ocorra em Wallerstein, mas que se torna mais explícito em Dos Santos, e que embora essa abordagem tenha raízes em Marx, tem por base na abordagem tratada pioneiramente por Wallerstein.

O marco de transição de Dos Santos a um tratamento da questão do desenvolvimento a termo de “sistema mundial” foi com o livro *Imperialismo e dependência*⁵⁶ de 1978, onde reúne o conjunto de obras desenvolvidas entre 1973-77, sintetizando então essa nova etapa de pensamento. No livro analisa a crise e desintegração do período imperialista do pós-guerra, sob hegemonia dos Estados Unidos, e os projetos em luta para a reconversão da economia mundial. Esta é vista como articuladora de três grandes formações sociais que incluem os Centros e Periferias do capitalismo e o socialismo. Os Estados Unidos e suas empresas multinacionais exercem papel-chave na coordenação dessa articulação que supõe a autonomia relativa das partes integrantes. Entretanto, a crise dessa hegemonia, a partir do estabelecimento, entre 1967-73, da fase b de um ciclo de *Kondratiev*, abre fendas profundas na articulação, amplia o grau de autonomia das partes integrantes e o espaço para a ofensiva socialista e nacionalista. A prospecção das alternativas que se abrem para a reconstrução da economia e o mapeamento das principais forças sociais em formação constituem-se em pontos altos do livro e indicadores de consistência da metodologia interpretativa que Theotonio desenvolve.

Analisa a partir do livro *Imperialismo y Dependencia* a crise do pensamento e da ideologia hegemônica estadunidense, formulando a crítica ao keynesianismo, à teoria do desenvolvimento e ao pensamento geopolítico da Guerra Fria. Formula as bases da teoria da dependência e reivindica-a junto à teoria dos ciclos longos como ferramentas analíticas para a compreensão do funcionamento da economia mundial e da constituição e integração das Periferias sob o imperialismo e a hegemonia capitalista. A análise da América Latina tem papel destacado, enfatizando as suas características histórico-estruturais e etapas de desenvolvimento, em particular, as limitações da dependência industrial, que ganha curso pleno no pós-guerra.

Para Theotonio dos Santos, a economia mundial surge no século XVI, dirigida pelo capital comercial e pelo capital usurário, constituindo-se em condição indispensável para o desenvolvimento posterior do modo de produção capitalista. Dirigida pelos grandes Centros europeus, vocacionada para a conquista do globo e a dissolução dos modos de produção pré-capitalistas, esta economia mundial capitalista cria dois grandes tipos de formações: as centrais e as coloniais ou dependentes.

Os Centros combinam a associação entre Estados e monopólios empresariais que articulam a divisão internacional do trabalho, reservando para si as atividades de maior intensidade tecnológica e destinando as atividades complementares às Periferias. A colonização corresponde aos períodos de acumulação originária e estabelecimento do mercado mundial, necessários para o desenvolvimento da revolução industrial e implantação do modo de produção capitalista nos países centrais.

O desenvolvimento da economia mundial capitalista torna as histórias nacionais profundamente diferenciadas de acordo com a posição hierárquica que uma formação social nacional ocupa na divisão internacional do trabalho. Os países centrais não representam modelos avançados para as formações periféricas, nem pertencem a outra temporalidade. Constroem sua história, simultaneamente às Periferias, a partir da posição específica que adquirem na economia mundial. Se nos Centros, o interesse nacional apóia-se na economia mundial para estabelecer um desenvolvimento das forças produtivas que lhes favorece, nas Periferias se subordina aos condicionamentos desta economia.

O desenvolvimento do subdesenvolvimento que passa a ocorrer nas Periferias exige como contrapartida a superexploração do trabalho e torna a expansão das forças produtivas muito mais contraditórias que nos Centros, abrindo o espaço para que iniciem a transição ao socialismo.

Cria-se então uma terceira formação, a socialista, que a partir de 1917, integra a economia mundial, disputando com o capitalismo o seu protagonismo, na medida em que constitui-se como a fase inicial de um modo de produção igualmente universalista: o comunismo. Este socialismo parte, entretanto, de condições de escassez material, tendo de cumprir a missão de desenvolver a revolução industrial - tarefa eminentemente burguesa - na medida em que esta constitui sua base de forças produtivas -, o que o situa em condições muito específicas, de acumulação primitiva, e lhe gera importantes distorções.

A economia mundial é dirigida por um país hegemônico que centraliza as tarefas de sua coordenação – como mais adiante apontará a teoria do sistema mundial – e restringe sua anarquia, impulsionando ideologias, formas de dependência e padrões de divisão internacional do trabalho determinados. Esta direção é realizada por combinações específicas entre Estado e empresas que assumem formas particulares. Os países ibéricos, a

Holanda, a Inglaterra e Estados Unidos sucedem-se na gestão da economia mundial e os períodos de desintegração de cada direção são revolucionários.

Theotonio dos Santos preocupa-se especialmente com o período que se constitui no pós-guerra, sob a hegemonia e o imperialismo dos Estados Unidos. Esta etapa incorpora, sob bases privadas, um nível mais avançado de socialização das forças produtivas que se expressa no desenvolvimento da concentração, centralização e internacionalização do capital através da afirmação das empresas multinacionais.

Na ampliação do papel do Estado por meio da projeção da liderança estadunidense na economia mundial. Esta se realiza através da difusão do keynesianismo, do estabelecimento de um conjunto de instituições multilaterais e de iniciativas bilaterais que permitem a imposição do dólar como moeda mundial. Completa este quadro a construção de uma rede de poderes militares e ideológicos que possibilitam a ocupação disfarçada de países aliados, a desestabilização de processos contra-hegemônicos e a guerra em zonas periféricas e de vinculação geopolítica indeterminadas para conter a aliança dos movimentos de descolonização ao bloco socialista (casos, em particular, de Coréia e Vietnã); e

No desenvolvimento de um novo estágio da divisão internacional do trabalho. As corporações multinacionais são a sua célula e expressam o desenvolvimento da revolução científico-técnica que torna a tecnologia obsoleta antes do esgotamento de sua vida útil. Exportam maquinárias e matérias-primas industrializadas como capital, produzindo para mercado interno dos países dependentes e apropriando-se diretamente de sua força de trabalho. Estes países, por sua vez, mantêm uma pauta exportadora intensiva em produtos agrícolas e minerais.

Mas as contradições da hegemonia estadunidense e do multinacionalismo começam a se evidenciar nos anos 1960. Elas são a expressão, segundo Dos Santos, da contradição entre o monopólio e a internacionalização das forças produtivas ou, de uma forma mais geral, da contradição entre as suas bases privadas e a sua socialização crescente. A inversão estrangeira aproxima a fronteira tecnológica dos países centrais à do *hegemón* e lhes permite impulsionar seu sistema de inovação.

A recuperação econômica da Europa Ocidental e do Japão possibilita o desenvolvimento de suas próprias corporações multinacionais que passam a disputar mercados internacionais. A moeda do país hegemônico, o dólar, ao valorizar-se, produz déficits na conta corrente, limita as suas exportações, eleva custos de produção, e estimula a emigração de capitais para outras regiões. Os países dependentes, por sua vez, ao se basearem na superexploração do trabalho, têm restringidas suas possibilidades de se apropriarem da difusão tecnológica. Especializam-se em produtos não competitivos com os dos países centrais, mas as limitações do seu mercado os impulsionam às exportações de produtos manufaturados, criando uma superposição parcial com a especialização tecnológica daqueles.

É neste contexto que emerge, a partir de 1967-73, a crise da economia mundial com o estabelecimento da fase recessiva do ciclo de *Kondratiev*. A sua superação exigia a construção de uma nova divisão internacional do trabalho onde se lançam três grandes forças sociais: o multinacionalismo, que apoiado no neoliberalismo, aprofunda as contradições entre as corporações multinacionais e a economia dominante, os Estados Unidos; o socialismo que, segundo autor, enquanto formação social encontrava-se em expansão desde 1917, mas que enquanto movimento social e político precisava lograr a unidade nos países capitalistas entre forças comunistas, socialistas, social-democratas, neopopulistas, sociais-cristãs e anarquistas para poder implementar um programa de superação do capitalismo e de transição a uma formação social superior; e o fascismo que surgiria como reação nacionalista e localizada ao neoliberalismo – sem maiores perspectivas globais – ou em combinação com este para deter o avanço das esquerdas.

Para o autor, a crise de longo prazo tenderia a aproximar as diversas forças sociais e políticas que representavam as classes trabalhadoras, para que estas se unificassem em torno a um programa de transição ao socialismo deveriam superar vários obstáculos que confrontavam esta possibilidade.

No balanço das forças socialistas que realiza então, o autor considera possível, ainda que não provável, o avanço num nível que imponha o seu protagonismo na economia mundial e impeça a superação pelo capitalismo da crise de longo prazo em que ingressa a partir de 1967.

Esta ofensiva deveria combinar três tipos de atuação: avanço do movimento revolucionário nos países centrais; o desenvolvimento intercâmbio solidário entre os países socialistas; e o aumento da integração econômica dos países socialistas com a economia mundial capitalista. Mas as forças revolucionárias e unificadoras eram ainda minoria no âmbito da economia mundial e disporiam de tempo relativamente limitado para impor sua hegemonia internacional, pois a depressão capitalista atingia seus níveis mais profundos, tendia a desorganizar as instituições do proletariado e criar as condições para uma nova ofensiva imperialista.

O multinacionalismo, segundo Theotonio dos Santos, poderia liderar a reorganização da economia mundial se reestruturasse a divisão internacional do trabalho, baseando-se para isso num nível muito mais avançado de capitalismo de Estado. A produção seria reorientada para o mercado internacional e para isto o multinacionalismo se apoiaria no neoliberalismo impulsionado desde o Estado. Trata-se-ia de criar novos mercados para os grandes conglomerados e suas filiais, uma vez que o desenvolvimento da revolução científico-técnica havia rompido a relação positiva com o multiplicador keynesiano e que as escalas tecnológicas das inversões nos países dependentes chocavam-se com os limites da superexploração da força de trabalho.

O autor apontava o fato de que este movimento provocaria não apenas contradições inter-imperialistas, mas também no interior do bloco capitalista estadunidense, amadurecendo a longo prazo as condições para uma ofensiva revolucionária. A abertura do mercado estadunidense aprofundaria os déficits comerciais e em conta corrente do balanço de pagamentos, destruiria parte da burguesia voltada para o mercado interno, elevaria o desemprego e reduziria os salários dos trabalhadores. Transferências de tecnologia para outros Centros se intensificariam e debilitariam a hegemonia estadunidense que se conjugaria com a emergência de sub-potências regionais, para as quais seriam direcionados os sistemas tecnológicos obsoletos. Tais saltos tecnológicos nos países dependentes priorizariam a produção de partes e componentes e de matérias primas industrializadas para os países centrais, aprofundariam a superexploração do trabalho e buscariam evitar o desenvolvimento do setor I, produtor de maquinarias, pois isto tornaria a dependência uma expressão puramente política e materialmente desnecessária.

O novo grau de internacionalização capitalista, entretanto, aprofundaria a contradição entre a integração mundial e suas bases privadas e não conseguiria evitar completamente a

tendência à difusão do setor I, mesmo que através de sua fragmentação mundial. Tal contradição estabeleceria os termos do paradoxo da dependência, onde ao mesmo tempo em que esta aumenta, diminui-se a necessidade objetiva dela, desenvolvendo-se no processo de internacionalização simultaneamente dependente e liberal.

Desta forma, criar-se-iam as condições para a articulação entre processos revolucionários nos países dependentes e nos países centrais. Nos países dependentes o aumento da interdependência e da superexploração do trabalho abriria o espaço para uma ofensiva socialista que tenderia a se desdobrar regionalmente e afirmar a soberania econômica, política e ideológica num espaço mundialmente integrado. Nos países centrais, a utilização do trabalho superexplorado das Periferias como instrumento de redução salarial reorientaria as bases da nacionalidade, opondo a liderança ideológica exercida pelas corporações multinacionais aos movimentos sociais, o que permitiria libertar os trabalhadores da subordinação ideológica ao imperialismo.

Entre 1967-73 abriu-se de fato uma crise cíclica de longo prazo, com as características mencionadas pelo autor, que apenas será superada a partir de 1994. A recuperação se estabeleceu pelos caminhos que o autor julgou como mais prováveis: liderada pelo multinacionalismo que aprofundou as contradições com a economia dominante ao apoiar-se no neoliberalismo e no desenvolvimento do capitalismo de Estado.

Este paradoxo detectado pelo autor é chave para compreender o período em que vivemos. Através do neoliberalismo as corporações multinacionais aprofundam a crise do balanço de pagamentos dos Estados Unidos, mas dependem de sua liderança estatal e do apoio do capitalismo de Estado para imporem o seu planejamento estratégico global, obterem vantagens diante da concorrência e estabelecerem sua dominação sobre os demais grupos e classes sociais. O multinacionalismo é base a um capitalismo de Estado, que por sua vez, reforça o multinacionalismo.

2.4- O mundo contemporâneo: hegemonia, revolução científico-técnica, capitalismo de Estado e ciclos de Kondratiev

Para analisar o mundo contemporâneo segundo a perspectiva de Dos Santos, necessita-se ultrapassar o tempo do cotidiano e combiná-lo em a larga temporalidade braudeliana, retomada por Giovanni Arrighi e Immanuel Erstein, na Escola dos Sistemas-Mundo que vincula o dia-dia ao tempo cíclico das conjunturas e ao secular das estruturas.

Seguido o enfoque destes autores, postula que a conjuntura na qual vivemos deve ser interpretada como uma temporalidade individualizada e através da articulação teórica e metodológica das três dimensões simultâneas do tempo, herdado do historiador Fernand Braudel (1902 - 1985). Herdeiro da *École de Annales*, Braudel levou adiante este projeto com o livro “O mediterrâneo e o mundo mediterrânico à época de Filipe II”. No título, os termos estão propositadamente invertidos. O Mediterrâneo é o ujeito da história, restando ao monarca espanhol um papel secundário. O objetivo é demonstrar que todas as características geográficas são parte da história. Por exemplo, as montanhas como fato geográfico dão lugar a uma discussão sobre o conservadorismo dos montanhesees ou as barreiras sócio-culturais que separam os homens da montanha e os da planície.

Braudel idealizou ainda uma tipologia dos tempos históricos com ritmos de evolução distintos, tal qual um edifício de três pisos. A parte mais alta seria o tempo das conjunturas, dos acontecimentos, da política e dos homens. A seguir, o tempo das estruturas, da formação da sociedade, da economia e dos impérios. Na o ritmo mais lento, uma “história quase imóvel”, chamada por Braudel de “Geo-história”. Este é o tempo da civilização mediterrânica, do seu berço greco-romano à Europa da renascença e dos Estados nacionais. Braudel consagra ao “tempo geográfico”, com sua longuíssima duração, a primazia na hierarquia das causas.

A tarefa da ciência social para a Teoria dos Sistemas-Mundo seria dedicar-se à articulação entre as tendências seculares e seus desenvolvimentos cíclicos para buscar o maior grau de aproximação possível da realidade e iluminar sua ação política imediata. A definição concreta destas temporalidades e sua articulação é um dos mais ricos aportes está na retomada criativa da proposta braudeliana e na capacidade de redefinir concretamente seus termos.

A sistematização dos ciclos sistêmicos e sua articulação com as tendências seculares da economia-mundo capitalista nos oferecem um panorama extremamente rico de

sugestões analíticas, donde a história surge como uma *comédia* viva. Velhas questões se repetiam de nova maneira e pedem outras respostas. Em esta compreensão multidimensional do tempo, passado e futuro, retrospectiva e prospectiva se fusionam em o mesmo espaço-tempo para a compreensão das formas de poder da humanidade e suas possibilidades de transformação. A ação política ganha um salto de qualidade e se pode vincular à construção dos grandes alinhamentos geopolíticos e sociais.

A interpretação da conjuntura contemporânea pode partir de muitas sugestões e interpretações de Teoria dos Sistemas-Mundo, ainda que lhes adicionemos outras referências na caracterização das tendências seculares e *cíclicas* contemporâneas. A hipótese de Theotonio dos Santos é que a conjuntura contemporânea deve ser descrita pela articulação de três grandes temporalidades: a revolução científica-técnica, os ciclos sistêmicos e os ciclos de Kondratiev.

A revolução científica-técnica⁵⁷ possibilita produção em escala global, conecta a produção à ciência pura e à pesquisa de ponta, diversifica os mercados em termos de qualidade, condições locais de demanda e oferta, e une a acumulação de capital ao desenvolvimento econômico, social e político. De forma mais simples, fatores tecnológicos têm um papel central no sistema mundial, impondo uma *nova* divisão internacional do trabalho.

Wallerstein utiliza, mas Arrighi não, porém ainda que Arrighi não utilize este conceito, distingue por tendências seculares do capitalismo dos grandes movimentos contraditórios, que se combinam e lutam entre si: a acumulação ilimitada do capital e a queda da taxa de lucro. Na história do desenvolvimento do capitalismo, a primeira tendência conseguiu conter a segunda e incorporá-la a sua expansão, através do desenho de novas configurações institucionais, tecnológicas e geopolíticas de poder, ainda que muitas vezes com grande dificuldade e emprego de enorme violência.

Contudo, ao situar a revolução científica-técnica como o acontecimento secular mais importante de nossos dias, significa postular uma mudança estrutural na relação entre estas forças: a tendência à queda da taxa de lucro passa a ser o elemento condicionante de relação. Isto não significa que a taxa de lucro baixe *de forma irreversível* nem que se esgotaram

⁵⁷ O conceito de revolução científica-técnica foi estabelecido por Radovan Richta na década de 19 e tem hoje sua principal referência intelectual na própria obra de Theotonio dos Santos.

os ciclos. Mas significa que os esforços para lograr sustentá-la são cada vez maiores, e que em perspectiva será muito difícil evitar sua queda, o que coloca o capitalismo em um contexto de profunda crise civilizatória.

A revolução científica-técnica supera a revolução industrial, desde os anos 1970, quando se mundializa. Ela situa o capitalismo abaixo um eixo de forças produtivas que não é especificamente o seu. Este fato cria uma contradição explosiva em o mundo contemporâneo que se desenvolve lentamente. Para Marx – segundo interpreta Dos Santos - a base das forças produtivas do modo de produção capitalista foi à revolução industrial. Esta possibilitou a transformação de a economia-mundo capitalista em economia mundial, abaixo a liderança da Grã-Bretanha e seu imperialismo informal de livre-comércio. A ciência seria uma força produtiva “pós-capitalista”.

Esta tese para Dos Santos é muito evidente para ele em Marx tanto nos *Grundrisse* como em *O Capital*. Ela aparece na forte vinculação que o autor faz entre a automação e a tendência decrescente de a taxa de lucro; ou em sua caracterização do desenvolvimento da ciência como uma força social capaz de reduzir o valor “a zero”.

É certo que esta contradição não impede que o capital lize a ciência para impulsionar a acumulação. Por três séculos o capital utilizou as forças produtivas pré-capitalistas, baseando-se na aliança com a nobreza para dirigir o Estado, ou em o trabalho escravo e o tráfico negreiro. Mas, agora, a direção do progresso não é dada pelo capital e sua velocidade é muito maior. A contradição entre a re ientífica-técnica e o capital tem varias dimensões, que involucram ao Estado, ao trabalho e ao processo de trabalho e acumulação. Interessa neste momento, principalmente, as contradições relacionada ao processo de trabalho e acumulação.

A revolução científica-técnica estabelece uma crise na geração e realização da mais-valia em função do desenvolvimento de a automação: reduz a parte relativa de valor representada por a força de trabalho em o processo produtivo, e estabelece a contradição entre o incremento da produtividade e a geração de mais-valia e mais-valia extraordinário. A produtividade passa a economizar uma massa cada vez menor de gastos com a força de trabalho e a taxa de incremento da mais-valia é cada vez mais reduzida. Outra contradição é que a automação muda a natureza da força de trabalho ao substituir trabalho manual por

trabalho intelectual. Isto implica a utilização de força de trabalho cujo valor é crescente, o que limita taxa de mais-valia.

Estas contradições encontram uma solução historicamente limitada na generalização da superexploração do trabalho, pela qual se reduz os preços da força de trabalho por debaixo de seu valor e se eleva a taxa de mais-valia. Para isso é necessário: o alto nível de desemprego estrutural, o que gera uma massa de capital excedente que não se aplica na produção. Essa massa de capital excedente tem duas possibilidades de utilização: sua transferência a centros de acumulação que sejam capazes de oferecer uma força trabalho cuja relação preço/qualidade seja mais atrativa; ou sua utilização no setor financeiro.

A primeira tendência abre uma crise na divisão internacional do trabalho do capitalismo histórico e a oportunidade de ascensão a países da periferia, como China, que rompam com a superexploração do trabalho e sejam capazes de oferecer ao grande capital internacional uma força de trabalho mais barata e de qualificação similar aos países centrais.

A segunda tendência leva à financeirização, mas têm dificuldades de impor-se de forma definitiva, uma vez que exigiria o uso extremo do monopólio da violência, e o capitalismo criou uma economia mundial pós-imperial, fundada no desenvolvimento do moderno sistema inter-estatal pós Segunda Guerra Mundial e pós-fim da Guerra Fria, como menciona especialmente Immanuel Wallerstein, ao desenvolver sua tese do moderno sistema mundial.

O segundo movimento de longa duração que conforma a conjuntura é a dos “ciclos sistêmicos”. Estes ciclos foram teorizados principalmente na escola de análise do sistema-mundo por Giovanni Arrighi. O conceito foi desenvolvido em *O Longo Século XX*, analisa as ondas longas numa perspectiva braudeliana, ou de maneira mais aprofundada, com Beverly Silver em *Caos e governabilidade no moderno Sistema Mundial*, quando apresentam um modelo que articula seu desenvolvimento suas mudanças e sua arquitetura general. Em *Adam Smith em Pequim*, Arrighi volta ao tema para determinar a etapa em que nos encontramos do ciclo estadunidense, na primeira década do século XXI.

Segundo Arrighi e Beverly Silver, o ciclo sistêmico tem três fases: a primeira, de expansão sistêmica e desenvolvimento produtivo; a segunda de crise sistêmica e

desenvolvimento financeiro; e a terceira de caos sistêmico, donde se desenvolvem guerras mundiais de aproximadamente 30 anos. Estas guerras têm a dimensão do sistema-mundo e cumprem a função de destruir o excesso de concorrência que se gera nas crises, e impedem o desenvolvimento de um novo ciclo sistêmico. As guerras foram européias entre 1618-48; euro-americanas entre 1792-1815; e mundiais entre 1914-45.

Dos Santos está de acordo com o esquema geral apresentado por Arrighi e Silver. A crise de hegemonia estadunidense se inicia em os anos 1970. Em sua visão estamos na última década desta hegemonia e nos aproximando fortemente do risco de caos sistêmico. A hegemonia significa a capacidade de um Estado e sua classe dominante liderar e coordenar os padrões de desenvolvimento e a superestrutura política da economia mundo capitalista, que tem seu eixo no sistema inter-estatal.

Na fase financeira, a hegemonia tem seu último fundamento na moeda, ou seja, na capacidade do estado hegemônico manter, contra as evidências, a confiança e credibilidade de sua moeda, a través de a preservação sua condição de referencia central de as transações internacionais. A moeda é o pilar chave com o qual o *hegemon* coordena esta fase, ainda que baixas contradições, os processos de desenvolvimento mundiais.

Nesse sentido, Dos Santos discorda da tese desenvolvimento em *Adam Smith em Pequim* de que o governo de W. Bush tenha convertido o poder estadunidense em uma dominação sem hegemonia. Em sua opinião ela está em contradição com o esquema mais geral do pensamento de Arrighi. Ainda que tenha destruindo muito da legitimidade internacional de Estados Unidos, ao impulsionar políticas formalmente imperialistas e vulnerabilidade à balança de pagamentos estadunidense, isto não levou a afetar a centralidade do dólar como moeda internacional, embora acelere o processo de substituição deste como principal meio de pagamento internacional.

A tentativa de W. Bush valorizar o dólar impulsionou o déficits comerciais estadunidenses que levaram a 7% do PIB ao final de seu governo. Todavia, China atendeu totalmente às necessidades de emissão de títulos do governo estadunidense e se tornou o maior credor estrangeiro da dívida pública de Estados Unidos, ultrapassando a Japão. Por outro lado, a derrota de os falcões e da alternativa e itoral republicana, a partir do ascenso de Obama à Casa Branca, recupera parte da legitimidade perdida de Estados Unidos.

Segundo Arrighi, a crise de hegemonia cria uma bifurcação em a economia mundo capitalista entre dois blocos que disputam a sucessão os ciclos sistêmicos: o bloco vitorioso, em geral apoiado pela potência decadente, comprometer se com a expansão do sistema inter-estatal e com o que Wallerstein chama de expansão do liberalismo global.

Essa articulação se faz através, principalmente, de movimentos de capital da potência decadente em direção à potência emergente, uma vez que esta lhe proporciona maior lucratividade e garantias de propriedade e de circulação de capitais. O bloco derrotado, em geral, não tem o apoio da potência decadente e assume perspectiva imperial para compensar sua menor atratividade para o desenvolvimento de a economia-mundo capitalista. Esse esquema se desenvolvimento historicamente no caso da crise da hegemonia das Províncias Unidas e de Grã-Bretanha. Mas não no caso de Espanha-Gênova.

A questão da conjuntura contemporânea, portanto são: i) se Estados Unidos é de fato uma potência decadente; ii) se a China características típicas de uma potencia em ascensão como se comportará nesse caso os Estados Unidos; iii) a China oferecerá às garantias de circulação de capitais e propriedade do liberalismo global de que necessita a classe dominante estadunidense; iv) se os Estados Unidos terá a capacidade de impô-las aos chineses.

Em *O Longo Século XX*, Arrighi chamava atenção para uma característica atípica de esta transição: a potência decadente mantém a liderança militar; e a região ascendente se especializa em a liderança do dinamismo econômico. Separa o que se havia unido na potência ascendente nos casos de transição para as hegemonias britânica e estadunidense. Para reflexionar sobre estes pontos Dos Santos contraria outra proposição metodológica desenvolvida por Arrighi. A inflexão que traz a emergência das novas forças que farão a mudança na institucionalidade do sistema mundial se estabelece no momento que estala a crise hegemônica⁵⁸.

⁵⁸ Quando estala a crise da hegemonia de Espanha e Gênova, se estabelece a paz de Cateau-Cambresis que marcará a derrota dos imperialismos espanhol e francês, o que abre o espaço para o anti-imperialismo das Províncias Unidas; quando estala a crise de hegemonia holandesa se impõe a conquista de Plasey em Índia por Grã-Bretanha, o que estabelece o ascenso do imperialismo de livre-comércio britânico; quando estala a crise britânica se estabelecem os protecionismo de Estados Unidos, Alemanha e Japão com as respectivas guerra da secessão, a unificação nacional e a revolução Meiji.

E quando se estabelece a crise de hegemonia de Estados Unidos o que se afirma é a derrotado imperialismo estadunidense em Vietnam. Abre-se a derrota político-militar para uma aliança entre os povos da periferia e de os países centrais contra o império. A aproximação parece fazer voltar o tempo ao ponto de origem do moderno sistema mundial, tornando possível, por isso mesmo, a expressão concreta do conceito de revolução no sistema-mundo. A bifurcação que parece se desenhar não é entre Estados candidatos a hegemonia. Mas si uma bifurcação entre a hegemonia, que assume cada vez mais uma dimensão coercitiva para manter os privilégios da riqueza oligárquica que caracteriza o capitalismo histórico, e a pós-hegemonia, caracterizada pela articulação entre estados periféricos e semi-periféricos, movimentos sociais globais e ao interior países centrais. Este é um processo que deve desenvolver-se nos próximos 40 anos, mudando radicalmente a face de a humanidade.

China, por outro lado, tampouco tem as características de um país hegemônico. País de renda per capita periférica, maior de todos os *hinterland*, dirigido pelo partido comunista por meio da fórmula imprecisa de socialismo mercado, e dono de maior população do planeta se afasta demasiado das condições da hegemonia. Esta exige a separação entre as pressões sociais e os interesses econômicos; a realização de superlucros e o consumo de produtos de luxo.

Ao ver de Dos Santos é muito difícil está possibilidade da China poder estabelecer por uma longa duração, um novo “longo século”, o XXI, gestão compartilhada do sistema mundial que sustente o poder americano, apesar de deter grandes superávits comerciais com este país e inversões em dólar que financiam sua balança de pagamentos. A gestão compartilhada é mais efeito da crise de hegemonia que de um novo sistema de dominação solidamente estabelecido.

Assinala, por um lado, que a crise de hegemonia estadunidense é mais fruto da tensões intra-estatais que das tensões inter-estatais⁵⁹. Faz esta análise mostrando que na crise de taxa de lucro de Estados Unidos de os 1970, jogou um papel importante o sindicalismo estadunidense. A migração de capitais estadunidenses para fora buscou u força de trabalho mais barata e com qualidade.

⁵⁹ Arrighi e Beverly Silver também fazem uma preciosa indicação em *Caos e Governabilidade no Moderno Sistema Mundial*.

E, por outro, a sociedade chinesa está em profundo processo de transformação e desenvolvimento de sua capacidade organizativa. A sociedade chinesa apesar do regime do PC está em processo de *social empowerment* o que em algum momento porá limites a transferência de suas riquezas para sustentar o consumo de luxo e a riqueza fictícia dos especuladores. Ao mesmo tempo a poderosa força militar estadunidense nada pode contra as decisões de um gigante de mais de um bilhão de pessoas. Há ainda as mudanças da política do governo da China em relação aos Estados Unidos, que já se expressaram na crise de 2008⁶⁰.

A crise de 2008 é cíclica e deverá se repetir de forma aprofundada em menos de 10 anos. Ela se inscreve em um terceiro movimento de longa duração que estamos vivendo: o ciclo de Kondratiev. Arrighi não se dedicou muito a eles, mas eles não são alheios ao seu esquema, uma vez que toda crise e financeirização produz um impasse.

Os Kondratiev são ciclos de aproximadamente 50 a 60 anos relacionados a mudanças radicais em a base tecnológica e em os mecanismos de gestão públicos, privados e internacionais. O Kondratiev se divide em duas fases: fases A de expansão e dirigida à produção; e a fases B de crise e dirigida à financeirização. Podemos dividir ainda os Kondratiev em ciclos de aproximadamente 10 anos, conhecidos como Juglars. Distinguimos assim, nos Kondratiev, 6 sub-fases: 3 na expansão; e 3 na crise. As fases A, de expansão, poderia assim ser descrita como retomada, prosperidade e maturidade; e a fases B, de crise, a sua vez, como recessão, depressão e recuperação.

A ação de ondas longas (ciclos de Kondratiev) de desenvolvimento histórico-econômico nos posiciona agora no início de uma nova curva ascendente da economia mundial, depois do fim de um período que começou em 1967 e alcançou seu ponto mais baixo em 1993. Desde 1994 começou um novo longo período de crescimento econômico. Nesse novo período, novas economias nacionais estão se demonstrando capazes de assimilar um grande número de avanços científicos e tecnológicos preparados durante os longos anos de recessão, tais como a robotização, a produção flexível, a comunicações

⁶⁰ Artigo publicado em 22 de maio em Herald Tribune assinala que entre 2005 e a metade de 2008, China comprou mais de 100% das necessidades de venda de títulos da dívida pública de Estados Unidos, desde então, baixo a um terço das mesmas. Frente à possibilidade de recessão interna, China baixou seus investimentos em Estados Unidos, priorizou o desenvolvimento do mercado interno, impulsionou a organização dos BRICs (com uma forte sinalização a África do Sul) e lançou publicamente a proposição da necessidade de uma alternativa coletiva ao dólar.

modernas, as biotecnologias, etc. Um novo período de globalização e integração da economia mundial está emergindo, permeado por um desenvolvimento regional e setorial mais combinado e mais desigual;

Esse novo período de crescimento, como relacionado na das ondas longas, apresenta, contudo várias conjunturas depressivas refletem em parte a crise de paradigma tecnológico anterior (veja a quebra do setor automobilístico e sua reestruturação em um pequeno número de empresas, o que também ocorre com os setores aeronáutico, siderúrgico, etc) e os limites estruturais a enorme expansão do setor financeiro apoiado sobretudo no aumento gigantesco do déficit público dessa nova fase. Durante esses anos de ascensão ao lado dessa expansão e crescimento econômico de 1994 a 2000 temos a crise financeira de 1994, a crise asiática de 1997, a crise russa de 1998, a crise brasileira de 1999 e a crise argentina de 2001 e a crise bursátil mundial de 2002, revelando um movimento que vai da periferia para o centro. Durante o período 2002 a 2007 aumenta o crescimento da economia mundial reforçando consideravelmente os chamados países emergentes e os exportadores de matérias-primas em geral. Em 2008 estoura a chamada “bolha” financeira e monetária comandada pelas economias centrais que eleva os níveis da crise internacional de maneira muito desigual desta vez favorecendo os países emergentes, que haviam acumulados superávits comerciais e portanto reservas significativas.

Na realidade esse período de expansão começa em 1994 com um grande problema de desemprego estrutural, consequência do enorme avanço da robotização no processo produtivo e automação de grande parte das atividades de serviços. As questões colocadas já no período de ascenso são:

(i) a necessidade de diminuição da jornada de trabalho para aumentar o número de trabalhadores que ocupem as vagas criadas para substituir o tempo livre gerado pelo aumento da produtividade;

(ii) mudanças significativas nos sistemas de administração de políticas micro e macroeconômicas para atender novas realidades criadas pela concentração crescente das unidades de produção a nível planetário;

(iii) reestruturação de corporações privadas e das administrações públicas com o crescimento do capitalismo de estado na economia mundial;

(iv) tentativas de redução da exclusão social e da pobreza, violência criminal e consumo de drogas geradas pelo aumento extraordinário concentração de rendas decorrente concentração produtiva e financeira;

(v) problemas crescentes ligadas a preservação do meio ambiente e ameaça nuclear; etc. Essas questões são determinadas pelo legado do crescimento econômico desigual, desequilibrado e socialmente exclusivo que caracteriza o capitalismo em sua fase monopólica e global;

A tese de Dos Santos é que desde 1994 a economia mundial ingressou na fase expansiva de um novo Kondratiev. Ela apresenta, entre 94-2006, uma taxa de crescimento do PIB per capita de 2,6%. Mais que duplicou a do período de 1973-94, aproximando-se do crescimento dos anos dourados do capitalismo, equivalente a 2,9%, entre 1950-73. A crise de 2008- 2010(possível) são a segunda deste novo Kondratiev, segue a de 2001-2002 e corresponde à passagem a sua maturidade, terceiro e último período da expansão.

Ainda que 2008 seja uma crise que se desenvolvimento durante o ascenso da economia mundial, sua intensidade é sinal de movimentos mais profundos que a acompanham. O novo Kondratiev se articula com a crise ica hegemonia e da civilização capitalista. É condicionado por ela e sua de contê-las é limitada. Assim o deslocamento da acumulação para a taxa de lucro, desde 1994, se combina com o amplo movimento de financeirização impulsionado por Estados Unidos e sua grande burguesia, que sustem politicamente sua poder econômico, neutralizando em parte as perdas de sua liderança na produtividade mundial.

Da mesma maneira, esta financeirização atende a certas necessidades da economia capitalista em crise de civilização provocada por o desenvolvimento de a revolução científica-técnica. O capital busca a mais-valia extraordinária e isso depende de que o incremento da produtividade não transfira aos preços a desvalorização que produz nas mercadorias.

Para que isso ocorra, e se gerem superlucros, é necessário um incremento equivalente na demanda que permita realizar a massa acrescentada de valor, representada por número superior de mercadorias, cujo preço não baixou. A demanda para isso vem historicamente

da economia de gastos com a força de trabalho produzida pela própria inovação tecnológica. Isto transferiu grande parte da demanda operária havia os capitalistas e possibilitou a criação de um mercado mundial restringido a 25% de a humanidade - referente à Europa Ocidental, os países anglo-saxões, Japão e as elites do terceiro mundo – impulsionado por as mercadorias de consumo de luxo ou santuário. Esta foi à base da histórica da deterioração dos preços de produtos primários em relação a os manufaturados.

Mas como vimos há um forte desequilíbrio na conjuntura atual entre a massa de valor que se busca apropriar com o incremento da produtividade e a que se economiza com a força de trabalho por inovação tecnológica, isso estabelece a crise de realização da mais-valia extraordinária. A crise de 2008 evidencia esta situação. A crise parte do setor real da economia estadunidense e da insolvência da demanda para sustentar preços de mercadorias, em torno das quais se desenvolveram extensos investimentos e carteiras financeiras internacionais. A crise de 2008 evidencia tipo muito específico de intervenção estatal, bastante distinta da que ocorreu nos anos dourados do capitalismo, ou nos anos 1980, auge da financeirização: a dos ciclos sistêmicos e do Kondratiev.

A intervenção estatal entre os anos 1940 e 70 se orientou para a expansão do sector real de a economia, buscando emulsionar o crescimento econômico e a plena ocupação de os fatores produtivos. Este foi também o período dourado do keynesianismo. A intervenção dos anos 1980 busca transferirem a acumulação para a taxa de juros e cria um mercado de dívida pública que é seu principal suporte, destinado a esta finalidade. É o auge da mais recente *belle époque* do capitalismo neoliberal de que fala Arrighi e Wallerstein.

Mas a concorrência esgotou esta fase. A intervenção estatal que se gera a partir de 2008 não buscou redirecionar novamente a acumulação para a taxa de juros, mas si sustentar a valorização fictícia de massa de capital excedente que não pode valorizar-se, nem a produção, nem mercados financeiros privados. A violação das regras aparece com clareza e produz forte desgaste ideológico do sistema mundo capitalista. Política feita para valorizar o capital no sector produtivo tem que se acomodar a uma brutal intervenção estatal para sustentar lucros extraordinárias que não podem realizar-se por movimentos próprios do capital produtivo.

A financeirização do ciclo sistêmico estadunidense cumpre assim um papel social não apenas para a grande burguesia estadunidense, mas si, também para a grande burguesia

internacional que investe sua capital em ativos financeiros em Estados Unidos, ou que recebe em dólares pela venda de suas mercadorias produzidas em moeda nacional.

Há ainda duas manifestações resultantes dos três grandes movimentos tendenciais da realidade: as manifestações associadas à centralização e concentração de capitais e as associadas ao imperativo as novas governabilidade e governança. As tendências de monopolização e oligopolização dos mercados locais, regionais e globais continuam nesse período, caracterizado pela formação de blocos regionais, pelo crescente comércio intra-firmas, pela cooperação entre corporações multinacionais e empresas estatais em gigantescas operações financeiras levam à formação de mecanismos de administração por meio de redes de telecomunicações avançadas. Essas transformações necessitam regulação nacional e internacional no comércio, serviços, capitais e mão-de-obra.

A questão da governabilidade e governança surge dessas realidades nacionais, regionais e global e levam à reconstrução de políticas econômicas e industriais e de instituições globais, mudanças que afetam também, as Nações Unidas e outras organizações internacionais, particularmente, exigindo uma nova ordem econômica e financeira mundial.

A necessidade de estabelecer-se um projeto global de desenvolvimento sustentável e humano capaz de garantir a preservação e a melhora do meio ambiente e a eliminação da pobreza e miséria. E o estudo da ciência e do desenvolvimento de tecnologia em relação a novas maneiras de organizar a produção e seu impacto na sociedade como um complexo processo de interação cultural, econômica e social. Novas áreas de conhecimento como biotecnologia, novas tecnologias de comunicação e informação, novas fontes de energia, etc.

Contudo, as políticas implantadas pelos países centrais atuam no sentido inverso, aprofundam a desigualdade, o desemprego e as causas estruturais de a crise. Assim para Dos Santos é muito provável que uma nova crise decenal leve o sistema mundial ao marcos de caos sistêmico, período quando entre 1792-1815, se impulsionaram a quase todos os processos de independência em América Latina; e, entre 1914-45, um terço de humanidade passou a viver abaixo de regimes socialistas.

Para Dos Santos é de grande importância impulsionar novos sujeitos sociais. Incluindo os países semi-periféricos, especialmente os BRICs. A temática dos BRICs tem neste contexto muita relevância. O desenvolvimento de uma agenda para incorporar uma maior institucionalização e os temas financeiros, indústrias, comerciais e ecológicos é um pequeno passo, mas importante em sua afirmação. Várias são suas tarefas, mas as principais seriam duas: a) articular um novo consenso multilateral para gestão política e econômica da economia mundial; e b) relações cooperativas democráticas de desenvolvimento internacional.

A globalização, a financeirização e o neoliberalismo são fenômenos combinados e visto de outra forma. A partir da erupção do paradigma neoliberal se tem apresentado a globalização ou mundialização como uma etapa histórica sem precedentes, ou bem como um conjunto de forças com caráter inexorável. E conseqüentemente se supõe aos países ou os Estados à obrigação de ajustar suas estratégias nacionais ao modelo de globalização neoliberal através de uma série de medidas econômicas comerciais e financeira, privatização ou desnacionalização do patrimônio público, etc.). Sua opinião é que existem sobre a visão da globalização alguns elementos-chaves.

Primeiro, a associação existente entre a globalização e a expansão financeira é um fato concreto, mas é um fato localizado. Não foi a expansão financeira o que permitiu o avanço da globalização, se não o período da expansão econômica mundial, mas é o momento que o setor financeiro passa a cumprir papel predominante e de comando. Se bem sua função é importante, a expansão financeira aparece como fenômeno localizado, para logo entrar (está começando a entrar) parcialmente em declínio. Dos Santos tenta sistematicamente mostrar que não há um setor financeiro isolado, senão que é produto do déficit norte-americano, e é produto de uma série de fatores econômicos.

Por sua vez, existe uma série de fundamentos econômicos para a expansão do setor financeiro, não é um processo tão simples como pretende apresentá-lo um discurso donde aparece "o setor financeiro que se expandiu", completamente independente de a produção e do resto do sistema econômico. Pelo contrário, o setor financeiro se expandiu a partir de esses fenômenos. O que também significa que a queda dos déficits fiscais, por exemplo, tem como conseqüência a desestruturarem do setor financeiro, o que a desestruturação do setor financeiro se manifesta também em uma caída do déficit fiscal. Então, crê que é muito difícil continuar identificando a globalização com o setor financeiro somente.

Precisamente, a queda, a crise do setor financeiro é um grande tema. Desde 1987 há a quebra dos bancos e o modelo de política econômica mudada que serviu a recuperação de Estados Unidos em a década dos 90 e que se combina com o setor financeiro, porque são economias que entraram em déficits comerciais muito grandes e necessitam do setor financeiro para cobrir seus déficits comerciais. Mas esta função do setor financeiro em a economia mundial é localizada, não é possível pensar em a existência indefinida de economias em zonas subdesenvolvidas e dependentes, baseadas em déficit comerciais e integração de capitais, porque poderão fazê-lo, porém tenham "algo" com que cobrir ditos déficits. Existe uma situação em a qual os países têm pagar já não paga se com comércio. Mas ao ter-se que pagar faz-se com alguma outra coisa: com excedentes, reservas disponíveis e privatizações.

Agora, os meios principais de pagar se esgotaram: não a possibilidade de processos de privatização indefinidos. Isto tem um lim objetivo e concreto. E si pensamos nas reservas, o panorama é igual. A conclusão é que este não é um modelo permanente, que começa a mostrar suas inconsistências das sucessivas crises: a crise em Ásia foi muito forte, e também o é em o caso Brasil, do mesmo modo em México, etc. Este é um primeiro aspecto do primeiro problema.

Por outra parte, crê que a questão de a globalização tem que ser vista desde um ponto de vista muito mais amplo: desenvolvimento das forças utivas, reestruturação da economia como sistema produtivo mundial, com uma divisão do trabalho que entra em uma etapa nova, reestruturação do setor industrial e do lugar do setor de serviços, incluindo o setor financeiro. Requer-se uma visão muito mais ampla do fenômeno da expansão, a globalização si assim querem chamá-la, da economia mundial.

O desenvolvimento das empresas transnacionais faz transparecer os números demonstram⁶¹ o forte vínculo nacional das corporações transnacionais e a agudização da contradição existente no sistema capitalista entre a internacionalização de suas unidades produtivas e suas bases nacionais.

A base produtiva do capitalismo se faz cada vez mais internacional, mas os mercados e Estados nacionais continuam sendo o ponto de partida de suas relações internacionais. De um lado, a concentração, o desenvolvimento tecnológico, o aumento das comunicações, a formação e pansão de uma

economia internacional. De outro, as bases privadas e dessa expansão.
(DOS SANTOS, 1977: 29)

Algumas das firmas transnacionais possuem um valor adicionado anual superior ao PIB da maior parte dos países⁶². Outra questão é que em este processo não se põe em evidência o papel da classe operária e dos setores pop em geral, dos novos movimentos sociais.

E a verdade é que no processo de integração européia, exemplo, a classe operária está ganhando uma dimensão e incidência crescente, a dimensão social foi introduzida sistematicamente com uma serie de ações políticas e ademais produzindo mudanças políticos internos. É um elemento essencial a ser inte em a análise do processo de globalização. E existe toda uma temática mundial muito importante. A temática ecológica, a temática de a paz, a temática do gênero, a temática pluralismo, que é o respeito às diferenças, etc. são temáticas de ordem mundial. São temáticas que têm um conteúdo global e devem ser reconhecidos por movimentos globais, movimentos políticos e ideológicos com uma perspectiva global. Isto é fundamental assiná-lo, porque quando se fala de globalização não se integram estes elementos devido a que supõem outros agentes sociais, outra subjetividade. Em síntese, o conceito de globalização manejado como se só faz de maneira superficial, não tem muita consistência.

2.4- Socialismo, América Latina e civilização planetária

A partir das transformações do mundo contemporâneo e das lições históricas dos mais 150 anos de lutas, segundo Dos Santos, o movimento e o projeto socialista deve mover-se à defesa de uma proposta de um novo modelo civilizador, planetário, não meramente uma mundialização da civilização européia ocidental burguesa capitalista.

⁶² Segundo o estudo “Are transnationals bigger than countries?” (UNCTAD, 2002b), comparando o valor adicionado das empresas com o PIB dos países, 29 das 100 maiores “entidades econômicas” são corporações transnacionais. Sua estrutura planificada ara a valorização de seu capital na escala global e suas matrizes estão localizadas em sua quase totalidade nos EUA, Europa e Japão. De acordo com a UNCTAD (2002), das 100 maiores empresas transnacionais não financeiras, classificadas de acordo com seus ativos no estrangeiro em 2000, 75 têm suas matrizes sediadas em cinco países: EUA, Reino Unido, França, Japão e Alemanha. Situação que é revertida parcial e restritamente pela ascensão de empresas dos países semiperiféricos com sede na China, Índia, Brasil, Rússia, México e África do Sul.

Dos Santos afirma ainda que, muito embora, quando se pensa em uma civilização planetária, não se trata de excluir os outros processos civilizadores além da civilização européia ocidental. Não é assim, pois justamente a idéia é que o processo civilizador aparece como uma síntese de civilizações, como um processo pluralista e não como uma exclusão das demais civilizações.

Pode-se analisar o tema observando mais em detalhe observando o fenômeno da cultura atlântica. Vemos que este fenômeno resulta da fusão de europeus, indígenas e africanos, criou no caso do Atlântico um fenômeno cultural que não se limita apenas ao nível puramente cultural. Tem uma força civilizadora muito grande e seguramente depende muito da afirmação histórica com Brasil e África. No caso dos países andinos, as civilizações básicas, Andina, Maia e Asteca, também são experiências que têm uma unidade próxima a civilizadora.

Porque é claro que uma das conseqüências de que o processo de transformação social se faz ganhando um conteúdo socialista, socializante, o fato que setores sociais que estiveram excluídos, as culturas e civilizações que estiveram excluídas da concepção do mundo dentro do capitalismo, têm que emergir, e implica a necessidade de uma concepção pluralista do mundo. Esta é uma experiência que se viveu aos finais do século XX e no século XXI será fundamental.

O socialismo, por surgir dentro de um contexto europeu, muitas vezes se deixou levar pela visão iluminista que em sua concepção excluía as outras civilizações. É dizer, as outras civilizações tenderiam que se transformar na civilização européia. Isto é parte do pensamento liberal que entra em crise. Acreditando nisso, e concordando com Immanuel Wallerstein que chega a essa conclusão: há uma crise definitiva do pensamento liberal a final do século XX, e esta aparição do pluralismo é um dos elementos-chaves. Porque na visão liberal da qual comungaram os comunistas e socialistas, por exemplo, o problema negro se resolveria à medida que os negros se ajustassem ao modo de vida ocidental. o que temos depois de os anos 60 é a afirmação de que não se trata simplesmente de um problema econômico e social, há também um problema étnico e cultural⁶³.

⁶³ Os negros não podem ter uma cultura ocidental que é branca, pertencer a um “deus branco”, a “anjos brancos”.

Todo este mundo, toda sua construção teórica, sua percepção do mundo, os valores, os signos, os símbolos, estão impregnados da hegemonia que exclui a todas estas outras civilizações. E isto é ainda mais certo para China, para a Índia. Os chineses ou os japoneses reclamam no diálogo com o Ocidente, porque seus interlocutores se referem à história de Grécia como uma referência fundamental para tudo. Então é necessário não excluir importantes referências para diversos povos das referências fundamentais da humanidade⁶⁴. A sociedade burguesa ocidental contemporânea criou toda uma cultura, toda uma visão do mundo, todo um sistema de interpretação que exclui todo um conjunto significativo de referências econômicas, culturais, políticas, sociais que foram as mais importantes pelo menos até o século XVI ou XVIII.

Segundo Dos Santos o socialismo tem que romper com essa tradição liberal e positivista para alcançar o caráter planetário que está alcançando a transformação mundial. Mas especificamente, no caso de América Latina, há que reconhecer um conteúdo civilizador pelo menos em três direções: a dos Incas, Maias-Astecas, e a costa atlântica afro-branca/européia, assim como o processo indígena. É parte da afirmação latino-americana, reivindicar sua condição civilizadora própria, para ser parte do processo de formação desta civilização planetária. A alternativa insurgente desde a esquerda deve integrar-se mais que nunca com esta problemática, para constituir-se em um projeto viável.

⁶⁴

Por que não estudar a história de Japão. Por que dizer que a Grécia era mais importante que China? E por que faltam estas referências como marco histórico?

CAPÍTULO 3

Síntese preliminar e dialética do desenvolvimento capitalista

3.1- A dialética do desenvolvimento capitalista segundo Dos Santos

Por meio uma leitura mais aprofundada, vê-se que Dos Santos concebe de outra forma as flutuações de longuíssimo prazo que caracteriza como mudanças estruturais profundas do capitalismo.

A respeito dos ciclos (as ondas longas seriam “ciclos longuíssimo prazo”) este lembra e demonstra que há regularidade no funcionamento dinâmico do capitalismo, associada à própria reprodução e acumulação do capital. Contudo, quanto mais ao longo prazo se desloca à análise mais a regularidade se dissolve diante da importância das “determinações extra-econômicas”, que também atuam no curto prazo, embora com menor intensidade.

É por isso que os ciclos nunca são iguais entre si, porque neles atuam forças políticas e ideológicas, e também a cada ciclo há ocorrência de modificações estruturais que impõe modificações na própria dinâmica no novo momento, isto é, modificações no comportamento do ciclo seguinte. Torna-se assim materializada a conclusão de Marx que o capital no processo de acumulação revoluciona a si mesmo e a sociedade a sua volta.

Assim dá pra pensar a onda longa de outra maneira metodológica e entendê-la como uma forma de manifestação do processo da dinâmica do desenvolvimento - tal como outras duas perspectivas marxistas da Economia do Desenvolvimento, que a colocam em termos ou da questão da divisão internacional do trabalho, o desenvolvimento e o subdesenvolvimento ou da questão da periodização das fases do capitalismo.

A questão das ondas longas se articula com uma visão mais global do funcionamento da economia mundial. Na sucessão dessas ondas longas identificam-se cada vez mais os períodos de retomada e crescimento econômico. (DOS SANTOS, 2002)

Esta visão permite pensar o próprio ciclo no longo prazo como aquele que traz no seu interior o desenvolvimento do capitalismo.

As teorias dos ciclos econômicos longos ou ondas longas mostra que há mudanças estruturais no final de cada ciclo longo, dando às crises dessa fase final um caráter estrutural, que as vinculam também com a introdução de novos paradigmas produtivos e organizativos que se identificam não somente pela predominância de novos setores e ramos de produção dentro da economia, como também por mudanças no próprio processo de trabalho, no próprio sistema de produção. (DOS SANTOS, 2002)

O mecanismo de regulação da dinâmica e do desenvolvimento capitalista esta na lei do valor e, portanto as determinações extra-econômicas seriam o mecanismo de “direção” do desenvolvimento. Portanto, tal qual o desenvolvimento do capitalismo não é exclusivamente econômico, a dinâmica capitalista também não o é. Ela também é constituída pela dinâmica política e pela dinâmica das relações internacionais ou entre Estado⁶⁵. O desenvolvimento do capitalismo é definido pela dinâmica de longo prazo e este na dialética entre os ciclos industriais, a luta de classe e as possibilidades de longo prazo do capitalismo. O conceito de "dinâmica" capitalista ocupa posição central na análise do desenvolvimento econômico em Theotonio Dos Santos. Como pode ser visto na interpretação das tendências do capitalismo e é vista da relação entre três fatores centrais ou planos: a economia, as relações entre as classes e as relações internacionais entre os Estados. Dos Santos escreveu que o equilíbrio é um fenômeno complexo. O sistema capitalista constrói equilíbrio, logo o rompe, o reconstrói, a seguir é quebrado e reconstruído novamente, ampliando, por outro lado, os limites do seu domínio.

Na esfera econômica, a constante e repartições restabelecimento do equilíbrio tomam a forma de crises e prosperidade. Na esfera das relações entre as classes, a ruptura do equilíbrio consiste de greves, lockouts e na luta revolucionária. Na esfera das relações entre os Estados, o desequilíbrio é a guerra, ou mais se sobrepõem, a guerra de tarifas, guerra econômica e bloqueio.

Sobre a esfera das relações entre os Estados, uma teoria marxista do desenvolvimento deve, portanto, analisar as diferentes economias nacionais dependentes no contexto de suas relações com a economia mundial. Dos Santos procurou e desde os marcos da teoria da dependência, como o desenvolvimento de alguns países afeta

e modifica o funcionamento de outros países, dentro do desenvolvimento desigual e combinado do modo de produção capitalista em escala mundial, discutindo o que ele chamou de “dialética do interno e do externo”. Propôs a análise do fenômeno em níveis distintos:

A primeira distinção de níveis que se propõe é a relação dialética que se estabelece entre as leis de movimento de uma estrutura de relações internacionais, cujas determinações se encontram na dinâmica da acumulação capitalista nos países dominantes, e seu entrelaçamento com economias nacionais que têm seu processo de acumulação *condicionado* pelo modo de inserção nesta economia internacional e, ao mesmo tempo, *determinado* por suas leis próprias de desenvolvimento interno. As palavras *condicionado* e *determinado* refletem conceitos precisos. Uma dada estrutura sócio-econômica possui suas leis de movimento *determinadas* por seus elementos constitutivos e as relações que estabelecem entre si. Estes elementos plicam, em última instância, suas leis de movimento. Em termos dialéticos, todo fenômeno move-se a partir de suas contradições internas que determinam fornecem os marcos de possibilidade de suas ações. Entretanto, os elementos que conformam uma realidade não a esgotam, mas operam em determinadas *condições*, em um campo de ação que modifica seu funcionamento, permitindo o pleno desenvolvimento de certas partes, bloqueando o desenvolvimento de outras, aumentando ou diminuindo as contradições que as opõem, introduzindo novos elementos sobre os quais reagem elementos internos, exigindo sua adaptação ou chegando mesmo a romper as estruturas vigentes. (DOS SANTOS, 1991: 28).

Em Dos Santos, Capitalismo é, assim, um equilíbrio dinâmico, que está sempre em processo de ruptura ou de restauração. Ao mesmo tempo, este tem um grande equilíbrio resistência à força, cuja melhor evidência reside na própria sobrevivência do mundo capitalista. Assim, o equilíbrio capitalista, longe de ser uma espécie de estado permanente, é a visualização de todo o sistema capitalista como uma unidade que tem por base o mover desse equilíbrio, e depois quebrá-lo e reconstruí-las e novamente quebrar. Nesta visão do movimento da determinação conjunta da economia capital é, em última instância, de modo nenhum, um processo mecânico, mas permanentemente moldado também pelas vicissitudes da luta de classes e das relações internacionais. Assim, Dos Santos incorporou o papel fundamental do fator subjetivo e dos fatores p na evolução econômica, particularmente durante a maturidade do capitalismo, ou seja, durante a época imperialista.

Isto permitiu que a mesma forma que Lênin em sua obra *Imperialismo, fase superior do capitalismo*⁶⁶, e os principais expoentes da Terceira Internacional da stalinização, de fixado no século XX a continuidade dialética com o dos fundadores do marxismo.

Talvez (embora o que se segue deve ser estudado em profundidade), exclusivamente a partir de um ponto de vista metodológico pode ser al tipo de paralelo entre a interpretação das tendências Dos Santos visualizam o equilíbrio de todo o sistema capitalista e a idéia sobre esta questão fornecida por Karl Marx no Volume II de *O Capital*, em especial no domínio da exposição dos padrões de reprodução. O objetivo de Marx, nesta fase da pesquisa, é demonstrar por que só no capitalismo “é a possibilidade concreta de caráter geral crise”, e apesar de como é possível o “equilíbrio móvel de crescimento do sistema capitalista” (porém, muito relativo e interrompido por turbulências periodicamente violentas).

Claro que a sua relação é restrita à metodologia desenvolvida em *O Capital* como a operação de capital em sua forma mais pura⁶⁷. Podemos supor que Dos Santos, no campo do estudo da dinâmica do capitalismo fez a fundamentação para a fixação de tendências e o equilíbrio do capital em um estado concreta, como um método ou como uma forma particular de movimento de um sistema para a análise das tendências de todo sistema capitalista como um todo, levando a economia, a luta de classe e as relações entre os Estados e os fatores que inter-relacionem dialeticamente em movimento permanente para definir tendências e balanceamento desestabilizante.

Segundo Dos Santos o ciclo industrial de cerca de dez os, tal como definido por Marx, que acompanham o desenvolvimento do sistema capitalista, não pode dar conta de todo o movimento do capitalismo, a menos que a última é considerada como uma mera repetição e não sujeitos a um desenvolvimento dinâmico. Assim, embora o caráter cíclico do ciclo de negócios são inerentes à economia capitalista, como o batimento do coração são anexados a um organismo vivo, contudo, não pode dizer que esses ciclos explicar tudo. Esta é excluída pela simples razão de que os ciclos si não são fenômenos econômicos fundamentais, mas a partir de que os ciclos são fenômenos derivados. Eles próprios são derivados das dinâmicas de desenvolvimento das forças produtivas dentro das relações de produção capitalista.

Assim, embora os ciclos industriais e de negócios sejam equipados com um ritmo regular e um interno, são a promoção, interrupções, depressão, crise, etc. das características

específicas que esses ciclos adquiridos em diferentes períodos é moldada pela dinâmica que adquire o desenvolvimento das forças produtivas em momentos diferentes.

Para Dos Santos a dinâmica de desenvolvimento econômico é representado por duas dinâmicas de ordem diferente, uma histórica de longa duração e uma recorrente. Uma é base que expressa às tendências que indica o crescimento global das forças produtivas, a circulação de mercadorias, operações de comércio externo bancário, etc. Esta dinâmica manifesta as parcelas do desenvolvimento das forças produtivas, mas como um todo e tem uma tendência geral ascendente no decurso do capitalismo mundial do século XX, não tendo nenhuma forma regular.

Existem geralmente períodos de acentuado crescimento das forças produtivas, bem como outros mais graduais do crescimento. Assim, os vários movimentos que se adquire a dinâmica das forças produtivas determinam as formas específicas que leva a dinâmica mostrada graficamente sobreposta sobre a primeira e a identifica ciclos industriais ou econômicos. Dependendo da dinâmica específica que adquire o desenvolvimento das forças produtivas, os diferentes ciclos industriais aparecem (se ele tem um monte deles em um período) perturbando as relações entre os braços e crises. Assim, quando administrado em certos momentos da base as tendências mostram uma dinâmica ascendente no estoque de ciclos industriais, o aumento do excedente restaura as anteriores destruição, pelo contrário, se chama capitalismo uma dinâmica descendente da intensidade da crise do o aumento no caso em que a crise e a aproximar boom em intensidade e, em seguida, capitalismo é um estado temporário de equilíbrio.

A relação entre os dois “movimentos” da dinâmica é crítica na análise de Dos Santos, que afirmou que o principal objetivo deve ser o de estabelecer a trajetória de desenvolvimento do capitalismo, incorporando os elementos não recorrentes (tendências) e os periódicos (recorrente), na análise tanto para países que nos preocupam como para o conjunto da economia mundial. Depois de ter definido essa trajetória (o método de fixação é, sem dúvida, uma questão específica, por si mesma e por meios simples, que pertence à esfera das técnicas estatísticas econômicas) pode ser dividido em períodos, dependendo do ângulo de subida ou de descida a partir do eixo das abscissas. Desta forma temos uma imagem de desenvolvimento econômico, ou a caracterização de “a verdadeira base de todos os eventos sob investigação”. (Engels).

Dos Santos vê constantemente interligados os movimento da dinâmica de desenvolvimento capitalista com os acontecimentos políticos. Com este plano como ponto de partida, então temos de sincronizar as viradas do desenvolvimento com os acontecimentos políticos (em sentido lato). Então pode-se encontrar não apenas a sua correspondência, nem a pô-lo mais cautelosamente, a inter-relação entre as idades de definitivamente delineada drasticamente a vida social e expressa segmentos da dinâmica de desenvolvimento capitalista, mas também por aqueles eventos que aderirem diretamente de impulsos subterrâneos.

Ao longo do caminho, seria fácil cair na esquematização vulgar e, especialmente, ignorando a tenacidade dos eventos internos e à sucessão de processos ideológicos, e para esquecer que a economia é decisiva apenas na análise final. Por anos falharam conclusões caricaturais tiradas a partir do método marxista. Mas devido a esta formulação a questão, indicado como “economicismo” está demonstrando uma completa incapacidade de compreender a essência do marxismo que procura as causas das mudanças da superestrutura na mudança social e econômica fundacional sobre qualquer outro lugar.

Sem dúvida, a exibição da dinâmica que marca o desenvolvimento das forças produtivas como um modificador dos ciclos (o componente periódica) e sua interrelação com a política (geral), como uma contribuição para a teoria econômica marxista em Dos Santos. O fator dinâmico de desenvolvimento parece definitivamente moldar o fator ciclo formado pela indústria.

É evidente que para Karl Marx o capitalismo é um sistema dinâmico como um todo, em movimento, e que a questão do crescimento e desenvolvimento das forças produtivas ocupa um lugar central para ele. Mas Marx, que deixou nas delineado os limites para as possibilidades de desenvolvimento capitalista, em particular no Volume III de O Capital, não como disse o trabalho de Roman Rosdolsky, escrevem os dois últimos volumes que compunham o plano inicial de O Capital e do pressuposto de que um maior nível de precisão na análise da economia. Assim, a vida de Marx (mas também o tempo que ele viveu) foram em certo sentido um limite em seu próprio avanço metodológico em abstrato para o concreto.

Vamos supor então que possa haver em Dos Santos - que viveu uma época de declínio das forças produtivas e grandes convulsões revolucionárias, mas sem fazer uma

sistemática acabado – a busca pela aproximação em algumas obras em que se percebe a estreita dependência entre o movimento cíclico da economia capitalista e da dinâmica de desenvolvimento das forças produtivas e da sua interação com os fatores políticos.

É à luz desta situação que Dos Santos, estabelece uma distinção entre o início de um ciclo de recuperação econômica da década 1990 (que é essencialmente com características especulativas) e as possibilidades da dinâmica de desenvolvimento capitalista para alcançar uma trajetória para cima (um período de expansão). Estabelece uma ligação estreita entre a ausência de qualquer limite para a expansão capitalista de desenvolvimento econômico com antagonismos entre os grandes estados imperialistas e o potencial de expansão da economia global. Nesse sentido, Dos Santos fala sobre a questão da estabilização da economia global, discute (parece afirmar que se assistiu a um momento de desenvolvimento das forças produtivas em EUA pelas taxas de crescimento), que a questão fundamental não foi resolvido através do cálculo da produção, mas através de uma análise econômica dos antagonismos.

Este conceito é fundamental no pensamento de Dos Santos e, na sua análise das características do primeiro período, é de notar que as de dependência e antagonismo dos Estados Unidos com a Europa e o resto os países capitalistas avançados, o que inevitavelmente apresenta um enorme limite ao crescimento do primeiro.

Era claro que os EUA seriam forçados a reduzir a sua produção, não tendo a oportunidade de reconquistar o mercado europeu. Além disso, a Europa não podia competir nas suas regiões perdidas mesmo nos principais ramos da sua indústria. Essa foi a razão, no futuro, um retorno a uma penosa situação econômica anterior, e uma longa crise acentuada estagnação em alguns países e segmentos de setores específicos, em outros um desenvolvimento muito lento. A ciclicidade terá lugar, mas, em geral, a dinâmica de desenvolvimento capitalista, mas não está inclinado apenas ora para cima ora para baixo, mas acumulativamente.

Estes conceitos introduzidos por Dos Santos é de fundamental importância porque encenam uma visão do sistema imperialista como um todo em que os limites impostos à expansão internacional das forças produtivas e, como veremos adiante, o papel da luta de classes, reaparecem como os elementos centrais da política econômica e antagonismo entre os Estados.

Há uma dialética na dinâmica de desenvolvimento do capitalismo, entre os ciclos e a luta de classe. Dos Santos assinalou, por um lado que exclui a possibilidade futura de manutenção da ordem comercial-industrial. Esta última possibilidade é registrada no movimento do capitalismo como tal, ao mesmo tempo, afirma que durante o período em que entraram no período de remuneração para a destruição e ruína, o retorno período ao antigo estatuto econômico. Cada renascimento tem de ser superficial, uma vez que é causada pela especulação, enquanto que a cada nova crise vai ser mais longa e mais profunda. Neste contexto, poderia até ser um reviver economicamente favorável para o desenvolvimento da luta de classes.

Como parte dessa discussão Dos Santos se desdobra a gr flexibilidade dialética de pensamento para determinar com precisão as condições específicas que resultaram da combinação entre uma determinada situação econômica e tendências na perspectiva da luta de classes (incluindo a questão de liderança revolucionária) do período da segunda metade do século XX e início do século XXI.

Os efeitos políticos de uma crise (não só a extensão de sua influência, mas também a sua direção) são determinados pela situação política geral e os eventos que antecedem e acompanham a crise, especialmente as batalhas, os êxitos ou fracassos da classe trabalhadora em si, antes da crise. Assim, as condições de uma crise podem dar um poderoso impulso à atividade revolucionária das massas trabalhadoras, mas não a crise em si; por outro lado, no âmbito de um conjunto diferente de circunstâncias pode parar completamente a ofensiva do proletariado. E se a crise durar muito e muitos trabalhadores sofrem perdas, isso poderia enfraquecer muito, não só o potencial ofensivo, mas também a defesa da classe (foi assim que aconteceu nas sucessivas ondas de ataques neoliberais nas recessões ocorridas das décadas de 1980 e 90).

Mas, na década de 1980 começa uma recuperação da longa crise vivida na década de 1970, mas isso não significou que parou o declínio da econômica do capitalismo, ou que essa economia recuperou o seu equilíbrio, ou o que era o revolucionário não chegou ao fim. A interrupção da economia industrial significava o declínio da economia capitalista e do curso da época revolucionária são muito mais complexos. Em Dos Santos não há nada que se assemelha a ligação mecânica entre a crise imediata e revolução. Em vez disso, ele viu a possibilidade de uma recuperação nômica que seria um palco para

um reavivar da luta de classe, como vista no final da década de 1990⁶⁸ e agora na década de 2000. Sua conclusão ancorada em bases sólidas mostrou bastante precisa uma relação entre o ciclo econômico e as possibilidades de longo prazo do desenvolvimento do capitalismo.

Não importa, no entanto que as condições poderiam ser de profundo declínio econômico, com crise econômica e varrição das forças produtivas e dos bens industriais envolvidos, e estabelece uma correspondência mais estreita entre a produção e o mercado, e por estas razões, abrindo a possibilidade de recuperar a indústria. O ritmo, amplitude, intensidade e duração dependem do reviver de todas as condições que caracterizam a viabilidade do capitalismo.

Em suma, esta é a dialética encontrada em Dos Santos entre o ciclo industrial, a luta de classes e possibilidades de desenvolvimento capitalista de longo prazo.

3.3 - O Sistema Mundial e Ondas longas, Regulação e direção na dinâmica e no desenvolvimento

Marx e Engels, assim como Lênin, Trotsky, Luxemburgo, e outros autores clássicos da teoria do imperialismo sempre mostraram a inter-relação causa-efeito-causa entre os fenômenos econômicos e políticos sobre a dinâmica e o desenvolvimento capitalista. Mas, diferentemente, da lógica do marxismo vulgar, apesar de partir acertadamente de Marx e Engels, de temas como os ciclos econômicos, a relação entre a luta de classes e os movimentos do capital, o recrudescimento dessa luta em momentos de crise, porém concluem equivocadamente os fenômenos políticos como ou mero sintoma ou reflexo do ciclo econômico.

A escola do Sistema-Mundo, a qual Theotonio dos Santos aderiu a partir da década de 1980, estuda o capitalismo pela perspectiva de uma dinâmica do desenvolvimento capitalista, apresentando contribuições novas e relevantes, mas reeditando velhas questões já tratadas por autores marxistas, tanto por sua filiação parcial ao marxismo, como pela

⁶⁸ As manifestações anti-globalização em Seattle, Genova, o aparecimento do Fórum Social Mundial, os movimentos contra a guerra do Afeganistão e Iraque, o movimento de resistência contra as reformas neoliberais

própria imposição dos temas “desenvolvimento” e “sistema mundial”. Porém, apesar de Theotonio dos Santos inserir-se nessa escola - o que é explicado pela evolução de seu pensamento que lhe levou a aproximação a abordagem desenvolvida por Wallerstein e incorporar vários elementos – sua obra possui distinções teóricas ao programa original, que lhe permite apresentar uma versão própria a teoria dos sistemas-mundo, marxista, porém não conflitante com a original. Essa versão ao lidar uma série de questões (especialmente, o ciclo e as transformações, a origem do sistema mundial e o papel das determinantes extra-econômicas) pautadas por sua filiação direta e estreita ao método marxiano e utilizar-se do legado marxista (apropriando a seu modo), acaba por configurar-se em uma contribuição relevante a teoria marxista do desenvolvimento, explicando e explicitando de maneira inédita questões em aberto no marxismo.

Assim, para Dos Santos só se pode falar de “sistema mundial” a partir do fim do século XIX, com o advento do Imperialismo, que transformou todo o globo terrestre habitado em componentes do mercado mundial. E, por isso, que segundo ele estaria correta a expressão “longo século XX” que dá título ao livro homônimo de Arrighi. Um “século longo”, iniciado após 1871 e ainda em curso, isto é, a etapa histórica do capitalismo monopolista. Essa caracterização é feita à medida que se manifestou nesse instante três fenômenos que repetiram no processo histórico de desenvolvimento social subsequente, o início da depressão da década de 1870, um grande confronto imperialista (a Guerra Franco-Prussiana) e a primeira revolução proletária socialista (a Comuna de Paris), que se reeditaram sucessivamente ao longo do “século”.

Quanto as fases históricas os autores da Escola da Teoria do Sistema-Mundo sempre pautaram a explicação da relação entre as etapas históricas e os ciclos econômicos de longo prazo, contudo os seus autores principais acabam aderindo ou uma ou mais das quatro teses sobre ciclos de ondas longas (tese tecnologista, tese hegemônica, tese endogenista e tese institucionalista). Wallerstein é mais adepto da tese tecnologista, por sua vez, Arrighi é mais adepto da tese hegemônica. Quanto à tese hegemônica, há uma adesão maior, onde muitos consideram resumir ou condensar as outras três. Assim o capitalismo mundial é entendido como uma sucessão de hegemonias (cidades-estados italianas, países ibéricos, Países Baixos, Inglaterra, Grã-Bretanha e Europa Ocidental e atualmente EUA). Contudo, a hegemonia é a forma de manifestação do problema das ondas longas, mas não sua causa. A hegemonia pode até sintetizar os elementos da onda longa, mas não revela seus

mecanismos causais e as tendências, e por outro lado, resume toda a dimensão dos ciclos, ainda mais, segundo o enfoque original de Marx e Engels.

Marx quando fala de “ciclo” o inserindo na problemática da alternância entre momentos de expansão e crise econômica. A fase de crise não é entendida como um momento de perturbação do equilíbrio do capitalismo, mas como momentos da dinâmica desse sistema; componente obrigatório do processo temporal de acumulação. Não há uma oposição entre equilíbrio e desequilíbrio, entre momentos sucessivos de equilíbrio e desequilíbrio. Mas há sim a idéia de dinâmica regular ou normal (na perspectiva de auto e retro-acumulação do capital), sendo que periodicamente adicionados por momentos de crise da acumulação e da necessidade de destruição do excedentário, que permitirá quando superados a própria retomada da trajetória de acumulação. Isto é, momentos que a dinâmica se torna irregular e/ou instável.

Com esta abordagem, há um sentido lógico na dialética acumulação ao ciclo, que é ignorado por Kondratiev. Embora Kondratiev parta da idéia acertada que o ciclo econômico tem determinações endógenas, a partir do próprio processo de acumulação do capital, confunde-se, estendendo tal abordagem ao desenvolvimento capitalista no longo prazo, onde esse sim, os fenômenos extra-econômicos, principalmente os políticos, especialmente o Estado, atuam determinando a dinâmica desenvolvimento, como uma espécie de "direção", tal como Engels diria.

Em dois textos, *Carta a Walther Borgius* [1894] e na *Carta a Conrad Schmidt* [1890], Engels expressava em ambas uma preocupação de responder aos economicistas e aos críticos do marxismo, que acusam de ser determinista e economicista, à medida que ele e Marx reafirmavam o caráter central da determinação econômico nos processos sociais, muito embora ambos sempre reafirmaram, e com esses dois textos Engels destaca isso, que a situação econômico não é a "única causa ativa e todo o resto, apenas efeito passivo", mas sim, que a necessidade econômico sempre se impõe, em "última instância". Assim as relações econômicas - muito embora possam também ser influenciadas pelas demais relações políticas e ideológicas - são, porém as relações determinantes.

Como também, por outro lado, o efeito do poder, por exemplo, do Estado sobre o desenvolvimento econômico manifesta-se de três maneiras: operar indo na mesma direção do desenvolvimento, tornando-o mais rápido; pode ir de encontro, o que, porém, destrói

mais a frente o próprio poder do Estado; e pode truncar certas direções do desenvolvimento prescrevendo outras.

Nesse sentido, Theotonio dos Santos utiliza as “determinações extra-econômicas”, isto é, não-econômicas, da dinâmica de longo prazo do capitalismo. Não viola a explicação marxista sobre o caráter endógeno do processo de acumulação e sua manifestação sobre os ciclos. Expressa, pelo contrário, com clareza dialética, que as flutuações cíclicas da dinâmica capitalista podem ter sua causa no próprio processo de acumulação (e logo, das crises).

Porém as variações na regularidade do ciclo, como também, as fases de como o ciclo está configurado são pautados pelas determinações extra-econômicas. Como, por sua vez, a dinâmica de longo prazo não é pautada pelo próprio ciclo a configuração estrutural do capitalismo, onde as determinações extra-econômicas atuam de maneira mais forte. Dessa forma modelando o que seria assim as sucessivas “fases” (períodos) do capitalismo enquanto sistema histórico, de concorrencial ao monopolístico, dando forma ao desenvolvimento do capitalismo.

Quanto especificamente, os ciclos econômicos seriam determinados pela lei do valor, em termos expressos por Evgueny Preobrazhensky. Dessa a dinâmica da acumulação sofreria uma regulação pela lei do valor. Porém a regulação seria delimitada pela direção do desenvolvimento, pautada esta pelas determinações extra-econômicas, especialmente a luta política entre as classes. O que ser caracterizado por “primazia da política”⁶⁹, isto é, sob certas circunstâncias e momentos, a Política torna-se fator determinante no desenvolvimento social.

Quanto à dinâmica econômica de longo prazo, mais sujeita as delimitações estruturais, i.e., as possibilidades do desenvolvimento, seria, portanto mais pautada pela direção, enquanto que a dinâmica de curto prazo, conjuntamente pautada em grande parte pela regulação pela lei do valor.

Isto, porém, não invalida, pelo contrário, reafirma o que Preobrazhensky disse em *A Nova Econômica*⁷⁰ (publicado originalmente em 1926), que a “lei do valor” é a lei

⁶⁹ Bianchi, 2001
⁷⁰ Preobrazhensky, 1979.

fundamental do desenvolvimento capitalista. Em verdade, a culpa da crise é a lei do valor, i.e., ela explica a crise, como algo intrínseco ao Capitalismo, à economia de mercado. A lei do valor é como se fosse o núcleo explicativo desse sistema. A crise é resultado da própria operação da lei do valor. “A lei do valor é então incapaz de evitar a crise, a instabilidade. Num certo sentido é ela mesma motor da contradição, do movimento que gera a interrupção do processo de acumulação, consequência da ação da lei do valor”⁷¹.

E o é sim também, à medida que as determinações extra-econômicas apenas aceleram, freiam ou truncam as direções do processo de desenvolvimento do sistema capitalista. Processo esse realizado a partir dos próprios imperativos do processo de acumulação de capitais, isto é, a lei do valor. Que leva o capital a desenvolver-se, a desenvolver as forças produtivas e as respectivas relações de produção (mas não automaticamente ao primeiro), e por sua vez a pressionar pelo desenvolvimento da superestrutura social correspondente, em suma, a desenvolver o capitalismo.

A idéia de “regulação pela lei do valor”⁷² de Preobrazhensky reforça o entendimento marxiano que o processo de acumulação, e o seu respectivo ciclo econômico, têm causas endógenas, ou melhor, as determinações econômicas têm peso, e resgata que o centro da análise marxiana parte dos fundamentos econômicos da sociedade e daí para o restante dos aspectos da vida social. O ciclo é nada menos que a manifestação do caráter temporal (e recorrente) da própria dinâmica regular do capitalismo. Assim, como também a dinâmica pode ficar instável e/ou irregular, dessa maneira, a crise, a depressão e o auge aparecem como parte, momentos, da dinâmica do capitalismo.

Contrariando a lógica da burguesia quando fala em “regulação”, o Direito, o Estado, a Moral, as instituições, as políticas econômicas, as tarifas alfandegárias, as políticas monetárias, etc, são efetivadas como mecanismos que apenas reforçam a regulação exercida pela lei do valor, como mecanismos auxiliares a ela. Visam fazer com que a dinâmica regular do capitalismo se dê estável, diante do próprio caráter irracional e disruptivo da própria acumulação capitalista.

A lei do valor é o mecanismo de regulação da dinâmica do desenvolvimento capitalista e, portanto as determinações extra-econômicas seriam o mecanismo de

⁷¹ Paula, 1984.

⁷² Preobrazhensky, 1979

“direção” do desenvolvimento. Portanto, tal qual o desenvolvimento do capitalismo não é exclusivamente econômico, a dinâmica capitalista também não o é. Ela também é constituída pela dinâmica política e pela dinâmica das relações internacionais ou entre Estado⁷³. O desenvolvimento do capitalismo é definido pela dinâmica na dialética entre os ciclos industriais, a luta de classe e as possibilidades de longo prazo do capitalismo.

Nesse sentido as determinações do Capitalismo - sistema histórico e mundial – advêm da acumulação, enquanto que, por outro lado, sua dinâmica de longo prazo está também condicionada pelas determinações extra-econômicas, à medida que as causas das crises econômicas são endógenas a esfera econômica, mas a superação dessas (e não reversão, à medida que a reversão do ciclo sim pode e/ou se dá autonomamente) é exógena ao processo de acumulação, muito embora, resida ainda na necessidade econômica. O desenvolvimento capitalista sempre implica a relevância das *determinações extra-econômicas*, onde a política é sua componente. A crise mostra com o de liderança política, ou melhor, como a ausência prejudica a recuperação da economia ou efetividade de medidas para reversão da situação de crise.

A crise capitalista que vivemos - enquanto crise econômica que o mundo parece recém imerso, apesar de parecer termos superado o auge do projeto político neoliberal, e como crise da humanidade (manifesta em desemprego, miséria, injustiça social, opressão política, cataclismo ecológico, guerra, estresse, alienação, etc) - é, portanto uma crise na direção do desenvolvimento.

A revolução é isso, a construção de uma nova direção. preciso a adoção pela superestrutura de um novo projeto político-estratégico para reorganizar a produção e a vida em nossa sociedade. Para Marx o socialismo não teria lugar sem a intervenção da vontade e ação humana. Marx predisse que a socialização dos meios de produção seria a única solução para o colapso economia em que a conduzir, inevitavelmente, o desenvolvimento do capitalismo, tem ruído diante dos nossos olhos.

Conclusão

Demonstrou-se, nos capítulos anteriores, que a obra de Theotonio dos Santos insere-se na série das interpretações marxistas sobre o desenvolvimento capitalista. A questão do desenvolvimento econômico e vários aspectos da dinâmica econômica, especialmente quanto ao longo prazo, e a sua dimensão mundial, não puderam se desenvolver por Marx e Engels - embora constasse no escopo do plano de redação de *O Capital*⁷⁴. O que abriu uma lacuna para um longo e agudo debate entre seus seguidores posteriores sobre a concepção marxista sobre o fenômeno do desenvolvimento do capitalismo mundial.

O confronto entre as várias correntes marxistas sobre o desenvolvimento do capitalismo em geral parte da perspectiva analítica da dinâmica de longo prazo do sistema, sendo utilizada como pano-de-fundo para o debate sobre a superação dos problemas capitalistas, a viabilidade da revolução e a implantação do socialismo.

Nessa perspectiva de investigação participaram os grandes autores marxistas e neomarxistas com suas respectivas contribuições sucessas a teoria marxista do desenvolvimento, tratando de uma forma ou de outra sobre o vínculo da dinâmica do capitalismo e a dinâmica de longo prazo com o desenvolvimento econômico do sistema, especialmente sobre a manifestação ou não de ciclos de longo prazo, e sua suposta relação com mudanças e configurações estruturais sistêmicas e o papel da política na trajetória do desenvolvimento das formações sociais e o sistema. Theotonio dos Santos foi utilizado como autor de corte tanto por suas obras de relevância no assunto, como por sua participação em duas das principais correntes marxistas sobre a teoria do desenvolvimento, uma como fundador e outra como um dos principais expoentes.

O presente capítulo configura-se como a parte final dessa dissertação apresentado uma síntese preliminar dos elementos da obra de Theotonio dos Santos, enfatizando aqueles que reportariam ao método implícito em todo seu pensamento, por sinal ainda em aberto e em desenvolvimento, que explicaria seu curso embora a serem esclarecidos nas suas possíveis futuras obras. Nessas condições seria impossível a

realização de uma conclusão, o que obriga ao presente a dissertação apresentar-se como notas conclusivas em três seções.

A primeira seção apresenta a importância de Theotonio Santos para a teoria marxista do desenvolvimento. A segunda seção apresenta que a explicação sobre o desenvolvimento capitalista de Dos Santos se contextualiza na análise da dinâmica de longo prazo e é baseada na dialética entre ciclos, luta de classe e possibilidades de longo prazo do capitalismo. A terceira seção contextualiza essa análise com o método marxiano explicitado tanto pelo próprio Engels como pelo economista soviético Preobrazhenski nos papéis das determinações na caminhada histórica do capitalismo.

5.1- Theotonio dos Santos na síntese por uma teoria marxista do desenvolvimento

Theotonio Dos Santos busca - em grande parte motorizada pela época histórica e as enormes acontecimentos que tomou viver – encontrar a unidade em movimento contínuo entre os elementos do capitalismo e suas tendências periódicas, bem como entre os fatores econômicos e políticos em uma época de decadência capitalista.

Embora não seja um economista, no sentido convencional da palavra, nem produziu o que poderia ser chamado de uma verdadeira teoria sistemática neste domínio, pode-se dizer ao certo quais os fatores que contribuíram agudamente enriquecer a teoria econômica marxista, especialmente a teoria marxista do desenvolvimento. Suas contribuições importantes neste campo formaram uma proeminente parte do corpo teórico da Teoria da Dependência e, posteriormente, da Teoria dos Sistemas Mundo.

Seus escritos sobre a natureza e a dinâmica do capitalismo certamente merecem ser compilados em vários livros e também merecem ser estudados e analisados em profundidade. Porém, embora Dos Santos não tenha sistematizado as suas contribuições, há suficiente escritos para construir o alicerce dessa abordagem. E esta base deve ser construída principalmente porque, em seus muitos artigos e livros podem ser encontradas espalhadas inestimável ferramentas de análise científica à Economia Política Marxista de hoje, especialmente a teoria marxista do desenvolvimento.

Neste trabalho procura-se fazer uma discussão sobre os determinantes extra-econômicos da dinâmica no processo de desenvolvimento capitalismo mundial, partindo do referencial conceitual de uma das vertentes da Teoria Marxista do Desenvolvimento, que ficou conhecida como a Teoria Marxista da Dependência, especialmente na obra de seu maior expoente, o cientista social brasileiro Theotonio Dos Santos.

Pretendeu-se aqui contribuir na verificação da pertinência ou não do enfoque teórico e metodológico baseado no binômio “direção do desenvolvimento” e “regulação da dinâmica”, presente implicitamente no pensamento de Dos Santos, para analisar o funcionamento, evolução e tendências do sistema mundial capitalista, especialmente nos países periféricos.

Esse seu método é alicerçado na sua interpretação do desenvolvimento do capitalismo na dialética entre dinâmica e desenvolvimento, no papel dos vários tipos de determinantes e no caráter mundializado e de longa duração do capitalismo, explicado na tridimensionalidade da dinâmica capitalista, na conformação dialética da dinâmica na relação entre classes social, ciclos econômicos e possibilidades de longo prazo do desenvolvimento e na distinção analítica das determinações da realidade entre econômicas e extra-econômicas da regulação e direção do capitalismo.

Esses dois - o binômio entre regulação da dinâmica e direção do desenvolvimento – embora tenham raízes muito anteriores ao autor, resumiriam o método de Dos Santos de compreender a análise histórica e econômico-político do capitalismo e consistiram sua maior contribuição a formulação de uma teoria marxista do desenvolvimento.

A transição teórica em Theotonio dos Santos permite uma síntese, ou um instrumental para analisar as contribuições das escolas como um todo, na medida em que se consegue trabalhar as questões candentes desenvolvidas e/ou abordadas pelas diversas Escolas do desenvolvimento: i) padrão produtivo e de trabalho; ii) crescente financeirização; “ondas longas” – ciclos de longo prazo; iii) nível de exploração do trabalho; relação inter-estatais e mundialização; iv) o papel da tecnologia e; v) ciclo, tendência, situação, fase e revolução.

Com essa interpretação, consegue-se um instrumental de verificação à complementariedade, a convergência, a divergência e complementariedade das análises e respostas das várias Escolas marxistas sobre desenvolvimento capitalista. Permite enfim decifrar o papel da regulação e o papel das determinações extra-econômicas (o que chamaríamos de "direção do desenvolvimento" ou "primazia da política") e da organização do sistema capitalista como um todo histórico e mundial, manifestado a partir das relações inter-estatais (os Estados e as instituições supranacionais e seus agentes) e de divisão internacional do trabalho.

Assim, constitui-se a possibilidade para futuros trabalhos tratar uma HPE (história do pensamento econômico) marxista sobre desenvolvimento econômico ou de trabalhos que tenha como prisma a interação teórica entre as escolas marxistas. Ou mesmo ainda, a formulação unificada, ou sob uma síntese, de uma “teoria marxista do desenvolvimento capitalista” (TMDC).

Em caráter suplementar por fim, aparece outra conclusão, de certo um tanto polêmica, porém presente na obra de Theotonio dos Santos, inaugurada ainda nas formulações iniciais da Teoria da Dependência. Que a teoria do desenvolvimento, a Economia do Desenvolvimento, se transmutaria sob ótica marxista em “Economia da Revolução”, à medida que, o Capitalismo, enquanto sistema mundial, revoluciona permanentemente a vida social, inclusive como em nenhum outro sistema anterior, mesmo em seus períodos de calma política e a prosperidade, o que abre a contradições para sua própria superação sistêmica final, o que no marxismo repousava no Socialismo. Como escreveu Marx: “A burguesia não consegue existir sem revolucionar os instrumentos de produção, e, conseqüência, as relações de produção, e ambas as relações globais da sociedade”.

Bibliografia

AYNARD, Maurice (et ali). *Ler Braudel*. Campinas: Papirus, 1989.

ALMEIDA FILHO, Niemeyer. “O debate atual sobre a dependência”. Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política, 2005.

ARRIGHI, Giovanni. *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nos tempo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

_____. In: DOS SANTOS, T. (Org.). *Os Impasses da Globalização*. Coleção Hegemonia e Contra-Hegemonia (vol.1). 01 ed. Rio de Janeiro: Editora Loyola - PUC, 2003.

_____. *Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do Século XXI*, São Paulo: Boitempo, 2008.

_____; SILVER, Beverly J. *Caos e governabilidade no moderno sistema mundial*. Rio de Janeiro: UFRJ-Contraponto, 2001

BAMBIRRA, Vânia (1974) *El capitalismo dependiente latinoamericano*. México D. F.: Siglo XXI.

BARAN, Paul A. *Economia Política do Desenvolvimento*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

_____; SWEEZY, P. *Capitalismo Monopolista*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BAPTISTA FILHO, Almir Cezar. “Preobrazhensky e a ‘Nova Economia’ da Revolução de Outubro: As lições de um economista bolchevique aos marxistas de hoje” Em: *Especial Revolução Russa*. Portal eletrônico Pstu.org, 2009 (Disponível em: http://www.pstu.org.br/especialrr_materia.asp?id=7518&ida=0)

_____. “Moreno e os 80 anos do debate sobre a Revolução Permanente”. Em: *Especial 20 anos sem Moreno*. Portal eletrônico Pstu.org, 2008 (Disponível em: http://www.pstu.org.br/teoria_materia.asp?id=6448&ida=0)

BARBOSA, Wilson Nascimento. “Uma teoria marxista dos ciclos”. In: Osvaldo Coggiola (org.), *Marx e Engels na história*. São Paulo: Humanitas, 1998.

BIANCHI, Álvaro. *O primado da política: revolução permanente e transição*. Revista Outubro n. 5. São Paulo, 2001.

BOCAFOLI, Fábio Augusto Degan. *Marxismo nas relações internacionais: teoria da dependência, imperialismo e outras abordagens possíveis*.

BOYER, Robert. “Estado, mercado e desenvolvimento: uma nova síntese para o século XXI?” In: Revista Economia e Sociedade, Campinas, (12): 1-20, jun. 1999.

BRAGA, José Carlos de Souza. *Economia política da dinâmica capitalista (observações para uma proposta de organização teórica)*. In: Estudos Econômicos.V. 26. N. especial. São Paulo, 1996.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. “Do ISEB e da CEPAL à Teoria da Dependência”. In: Caio Navarro de Toledo, org. (2005) *Intelectuais e Política no Brasil: A Experiência do ISEB*. Rio de Janeiro: Editora Revan: 201- 232.

_____. “Seis interpretações sobre o Brasil”. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, 5(3) 1982: 269-306.

BUKHARIN, Nicolai. *Economia mundial e Imperialismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

CAMPOS, Roberto (1963) *Economia, planejamento e nacionalismo*. (Rio de Janeiro: APEC)

CAPITÁN, Antonio Luis Hidalgo. *El pensamiento económico sobre desarrollo. De los Mercantilista al PNUD*. Universidad del Huelva, 1998.

CAPUTO, O.; PIZARRO, R. (1973) *Dependencia y relaciones internacionales*. (Costa Rica: Educa).

CARCANHOLO, Marcelo Dias. “Dependência e Superexploração da Força de Trabalho no Desenvolvimento Periférico”

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETO, Enzo. *Dependência e Desenvolvimento na América Latina* (1967)

CARDOSO, F. H.; SERRA, J. 1978 “Las desventuras de la dialéctica de la dependencia”. *Revista Mexicana de Sociología*-UNAM, (México D. F)., nº. especial.

CHILCOTE, Ronald H. “Teorias reformistas e revolucionárias de desenvolvimento e subdesenvolvimento”. In Revista de Economia Política, vol. 3, no. 3 julho-setembro 1983. (pp.103-124).

DAY, Richard B. “La teoría del ciclo prolongado de Kon _____, Trotsky y Mandel”. In: *Criticas de la Economia Politica*. N. 4. Edición Latinoamericana, México, 1977.

DOS SANTOS, Theotonio. *Socialismo o Facismo: El dilema latinoamericano y el nuevo carácter de la dependencia*. Santiago: PLA, 1972.

_____. *Dependencia y cambio social*. Santiago: CESO, 1972.

_____. *Imperialismo e Corporações Multinacionais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. *Imperialismo y dependencia*. México: ERA, 1978.

- _____. *Revolução científico-técnica e capitalismo contemporâneo*. Petrópolis: Vozes, 1983.
- _____. *A Crise Internacional do Capitalismo e os Novos Modelos de Desenvolvimento*. Belo Horizonte: Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG, 1985
- _____. *Revolução Científica e a acumulação de capital*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.
- _____. *Democracia e Socialismo no Capitalismo Dependente*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1991.
- _____. *Evolução histórica do Brasil: da colônia à crise da Nova República*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- _____. (1994) *Memorial*. (Niterói: Mimeografado).
- _____. *A Teoria da Dependência: Um Balanço Histórico e Teórico*. Universidade Federal Fluminense - Faculdade de Economia - GREMINT Textos para Discussão – 22 (1997)
- _____. “Por uma bibliografia sobre a teoria da dependência”. In: Revista Estudos Avançados 12 (33), 1998
- _____. *Teoria da Dependência - Balanço e Perspectivas*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- _____. *Crises econômicas e ondas longas na economia mundial*. TD Série 1 N. 5. Niterói: GREMINT - Faculdade de Economia - UFF, 2002.
- _____. *Economia política marxista: um balanço*. GREMINT. Texto para Discussão. Série 1. No. 1. Niterói: Universidade Federal Fluminense - Faculdade de Economia, 2002.
- _____. *Sistema econômico mundial: gênero e alcance teórico de um conceito*. TD. GREMINT-UFF. Niterói: UFF- Faculdade de Economia.
- _____. *Del terror a la esperanza: auge y decadência del neoliberalismo*. Caracas: Monte Ávila, 2007
- _____. *Concepto de clases sociales*. Caracas: Fundación Editorial El perro y la rana, 2007
- DUTT, Amitava Krishna e ROS, Jaime. “Marxism and development”. In: *Internacional Handbook of Development Economics*. London: Edward Elgar, 2006.
- ERLICH, A. *The Soviet industrialization debate, 1924-1928*, Cambridge: Harvard University Press, 1960

ENGELS, Friedrich. *Carta a Conrad Schmidt 27 de outubro de 1890*. Marx-Engels, *Obras Escolhidas*.

_____. *Carta a Walther Borgius (Heinz Starkenburg) 25 de janeiro de 1894*. Marx-Engels, *Obras Escolhidas*

_____. *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado. Prefácio à Primeira Edição/ 1884*.

FERNANDES, Florestan 1981-a (1974) *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. (Rio de Janeiro: Zahar).

_____. 1981-b (1968) *Sociedade de classes e subdesenvolvimento*. (Rio de Janeiro: Zahar).

FERNANDEZ, Raul A.; OCAMPO, Jose F. *The Latin American Revolution: A Theory of Imperialism, Not Dependence*. In: *Latin American Perspectives*, Vol. 1, No. 1, Dependency Theory: A Reassessment. Sage Publications, 1974.

FURTADO, Celso. *Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

FURTADO, Celso. (1959) *Formação econômica do Brasil*. (Rio de Janeiro: Fundo de Cultura).

GUNDER FRANK, Andre. *Acumulação Dependente e Subdesenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

_____. *Reflexões sobre a Crise Econômica Mundial*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1983.

_____. (1969) *América Latina: subdesarrollo o revolución*. (México D. F.: Ediciones Era, 1973

_____. (1977) *Acumulação mundial, 1492-1789*. (Rio de Janeiro: Zahar)

_____. (1978) *Acumulação Dependente e subdesenvolvimento: repensando a teoria da dependência*. São Paulo: Brasiliense, 1980

_____. *The World System. Five hundred years or five thousand*, 1994.

_____. *ReOrient: global economy in the Asian Age*, 1998.

HARRIS, Richard L.. *Marxism and the Transition to Socialism in Latin America*. In: *Latin American Perspectives*, Vol. 15, No. 1, Transition to Socialism. Sage Publications, 1988.

HATZIPROKOPIOU, M. e Velentzas, Kostas. "Preobrazhensky and the theory of economic development"

KALECKI, Michal. *Teoria da dinâmica econômica: ensaio sobre as mudanças cíclicas e a longo prazo da economia capitalista*. 2ª Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

KATZ, Claudio. *Ernest Mandel y la teoría de las ondas largas*. Revista Estrategia. Buenos Aires, março 2005.

KAY, Cristóbal. *Un reto para las teorías latinoamericanas de desarrollo y subdesarrollo*. Revista del Sociologia do Mexico. Cidade del Mexico

KONDRATIEFF, Nikolai D. “Los Grandes Ciclos de La Vida Económica”. In: HABERLER, Gottfried. *Ensayos sobre el Ciclo Económico*. México: Fondo de Cultura Económica, 1956. Cap. 2, p.135-56.

LÊNIN, Vladmir. *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia: o processo de formação do mercado interno para a grande indústria*. 2ª Ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

_____. *Imperialismo: fase superior do capitalismo*. São Paulo: Abril, 1986.

_____. *O Estado e a Revolução: a doutrina marxista do Estado e as tarefas do proletariado na revolução*. São Paulo: Global, 1987.

LEWIS, W. Arthur. *A teoria do desenvolvimento econômico*. Rio de Janeiro, Zahar, 1960.

LOURENÇO, André Luís Cabral de. *Semiperiferia: uma hipótese em discussão*. In: Economia e Sociedade. v. 14, n. 1 (24). Campinas: Unicamp, 2005.

LUCAS, Robert (1988). “On the Mechanics of Economic Development”. *Journal of Monetary Economics* 22: 3–42.

MANDEL, Ernest. “La Recesión Generalizada de 1974-1976 en la Economía Capitalista Internacional”. In: *Criticas de la Economía Política*. Edición Latinoamericana, México, n. 3, p. 46-65, 1977.

_____. *La teoría marxista de las crisis y la actual depresión económica*.

_____. *Long Waves of Capitalist Development: The Marxist Interpretation*. New York: Cambridge University Press, 1980.

_____. *O Capitalismo Tardio*. Coleção Os Economistas. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MANTEGA, Guido. “Teoria da dependência revisitada – um balanço crítico”. In: Relatório de Pesquisa n.o. 27. São Paulo: EAESP/FGV/NPP, 1997

MARINI, Ruy Mauro (1973). *Dialéctica de la dependencia*. (México D.F: Ediciones Era).

_____. 1977 “La acumulación capitalista mundial y el subimperialismo”. *Cuadernos Políticos*, (México D.F.), n. 12.

- _____. 1978 “Las razones del neodesarrollismo: o porque me ufano de mí burguesia respuesta a F. H. Cardoso y J. Serra”. *Revista Mexicana de Sociología*, (México D.F.), n. especial.
- _____. 1979-a “El ciclo del capital en la economía dependiente” en OSWALD, Úrsula (Comp.). *Mercado y dependencia*. (México D.F.: Nueva Imagen)
- _____. 1979-b “Plusvalía extraordinaria y acumulación de capital”. *Cuadernos Políticos*, (México D.F.), n. 20.
- _____. 1985 (1969) *Subdesarrollo y revolución*. 12. ed. (México D. F.: Siglo XXI).
- _____. (1992) *América Latina: dependência e integração*. (São Paulo: Brasil Urgente).
- _____. (1994) “La crisis del desarrollismo”. en MARINI, R. M.; MILLÁN, M. (Coord.). ***La teoría social latinoamericana: tomo II, subdesarrollo y dependencia***. (México D.F.: El Caballito)
- _____. (1996) “Procesos y tendencias de la globalización”. en MARINI, R. M.; MILLÁN, M. (Coord.). *La teoría social latinoamericana: tomo IV, cuestiones contemporáneas*. (México D.F.: UNAM).
- MARTINS, Carlos Eduardo. “A Outra Face da Teoria da Dependência”. In Revista de la Facultad de Economía – BUAP VI -18.
- _____. Theotonio dos Santos: introdução à vida e obra de um intelectual planetário. In: SEGRERA, Francisco López. *Los retos de la globalización –ensayos en homenaje a Theotonio dos Santos*. Tomo I, Caracas: UNESCO, 1998.p. 33-89.
- _____. *Globalização, dependência e neoliberalismo na América Latina*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia Universidade de São Paulo, 2003.
- _____. Dependência e desenvolvimento no moderno sistema mundial.
- _____. O pensamento latino-americano e o sistema mundial
- _____. A conjuntura contemporânea e o sistema mundial: os desafios da América Latina no século XXI.
- MARX, Karl. *El Capital*. México: Fondo de Cultura Económica, 1973.
- MARX, Karl. *Para a crítica da economia política; Salário, preço e lucro; O rendimento e suas fontes: a economia vulgar*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- MELLO, Alex Fiuza de. *Teorias do neo-imperialismo: raízes da teoria marxista do capitalismo mundial*. In: Estudos de Sociologia.
- MORENO, Nahuel. *Revoluções do Século XX*. São Paulo: Editora Sundermann, 2006.

NOVACK, George. *A teoria do desenvolvimento desigual e combinado*. São Paulo: Rabisco, 1982.

PAULA, João Antônio de. “Atualidade da Lei do Valor” In *Revista de Economia Política*, vol. 4, no. 2 abril-junho 1984. (pp.111-134).

PRADO JÚNIOR, Caio. *História econômica do Brasil* (1945). 13ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1970.

_____. *Evolução política do Brasil e outros estudos* (1933). 12ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1980.

PRADO, Fernando Corrêa; MEIRELES, Monika Ribeiro de Freitas. “Teoria da dependência revisitada: elementos para a crítica ao novo-desenvolvimentismo dos atuais governos de Centro-esquerda latino-americanos”

PREBISCH, Raúl. 1998-a (1949) “El desarrollo económico de la América Latina y algunos de sus principales problemas” en CEPAL. *Cincuenta años del pensamiento de la Cepal: textos seleccionados*. (Santiago: Fondo de Cultura Económica) V. 1.

PREOBRAJENSKY, Eugênio. *A nova econômica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PREOBRAZHENSKY, Evgeny A. *The decline of capitalism*. New York: M.E. Sharpe, 1985

_____. *The crisis of soviet industrialization (selected essays)*. New York: M.E. Sharpe, 1979.

ROSDOLSKY, Roman. *Gênese e estrutura de O capital de Karl Marx*. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 2001.

ROMER, D. *Advanced Macroeconomics*. New York: McGraw-Hill, 1996.

ROMER, Robert. "Increasing Returns and Long-Run Growth," *Journal of Political Economy*, Vol. 94, No. 5 (Oct. 1986), pp. 1002-1037.

ROSENSTEIN-RODAN, P.N. “Problems of industrialization of Eastern and South-Eastern Europe”, *Economic Journal*, 53, 1943 [pp. 202-211]

ROSTOW, W.W. *As etapas do desenvolvimento econômico: um manifesto não comunista*. (1960) Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

SADER, Emir; DOS SANTOS, Theotonio (coordenadores); Martins, Carlos Eduardo; Valencia, Adrián Sotelo (organizadores). *A América Latina e os desafios da globalização - ensaios dedicados a Ruy Mauro Marini*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

SWEEZY, Paul A. *Teoria do Desenvolvimento Econômico*. 4ª edição; Rio de Janeiro: Zahar, 1976

TAVARES, Maria da Conceição (1964) *Da substituição de importações ao capitalismo financeiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

TRÓTSKI, Leon. *A Revolução Permanente*. 2ª Ed. São Paulo: Kairós, 1985.

TROTSKY, Leon. “La Curva del Desarrollo Capitalista”. *Criticas de la Economia Politica*. Edición Latinoamericana n. 3, México, 1977.

TROTSKY, León. *Naturaleza y dinámica del capitalismo y la economía de transición*. Buenos Aires: Centro de Estudios, Investigaciones y Publicaciones León Trotsky, 1999.

TROTSKY (et alii). *El debate soviético sobre la ley del valor*. Comunicación 25. Madrid: Alberto Corazon, 1974.

TROTSKY, Leon. *A História da Revolução Russa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1977.

VIEIRA, Fábio. “Linhas de ruptura e continuidade entre a Teoria da Dependência e o Sistema-Mundo” Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa Economia e Políticas de Desenvolvimento Lisboa, Dezembro de 2005.

WALLERSTEIN, Immanuel. *The Capitalist World-Economy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

_____. 1979 (1974) *El moderno sistema mundial I: la agricultura capitalista y los orígenes de la economía-mundo europea en el siglo XVI*. (Madrid: Siglo XXI).

_____. “Mundialização ou era de transição? Uma visão de longo prazo da trajetória do sistema-mundo.” In: CHESNAIS (et alii). *Uma nova fase do capitalismo?* São Paulo: Xamã, 2003. (PP. 71-92)

_____. “Geopolítica, política de classe e a atual desordem mundial”. In: DOS SANTOS, T. (Org.). *Coleção Hegemonia e Contra-Hegemonia: Os Impasses da Globalização* (vol.1). 01. ed. Rio de Janeiro: Editora Loyola - PUC, 2003.

_____; Giovanni Arrighi; Terence K. Hopkins. *Antisystemic Movements*. London: Verso, 1989.

_____; Samir Amin; Giovanni Arrighi; Andre Gunder Frank. *Transforming the Revolution: Social Movements and the World-System*. New York: Monthly Review Press, 1990

WEFFORT, Francisco C.. *Notas sobre a “Teoria da Dependência”: Teoria de classe ou ideologia nacional*

WOLFE, David A. “Capitalist Crisis and Marxist Theory” In: *Labour/Le Travail*, 17. 1986.